



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE**

JOSÉ ORLANDO RODRIGUES DE BARROS

**A significação identitária da escrita do nome de sujeitos
da Educação de Jovens e Adultos em uma escola no Paranoá**

**Brasília/DF
2016**

JOSÉ ORLANDO RODRIGUES DE BARROS

**A significação identitária da escrita do nome de sujeitos
da Educação de Jovens e Adultos em uma escola no Paranoá**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial e insubstituível para a obtenção do título de Graduação do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília.

Orientadora: Professora Doutora Maria Clarisse Vieira.

**Brasília/DF
2016**

BARROS, José Orlando Rodrigues de.

A significação identitária da escrita do nome de sujeitos da educação de jovens e adultos em uma escola no Paranoá – Brasília, 2016. 118p.

Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2016.

Orientadora: Dra. Maria Clarisse Vieira

1. Educação de Jovens e Adultos 2. Analfabetismo 3. Letramento
4. Identidade 5. Escrita do nome.

JOSÉ ORLANDO RODRIGUES DE BARROS

**A significação identitária da escrita do nome de sujeitos
da Educação de Jovens e Adultos em uma escola no Paranoá**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial e insubstituível para a obtenção de título de Graduação do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília.

Aprovado em: 06/07/2016

Professora Doutora **Maria Clarisse Vieira**
Orientadora – MTC/FE/UnB

Professora Doutoranda **Julieta Borges Lemes Sobral**
Examinadora – PPGE/FE/UnB e GENPEX/UnB

Professor Doutor **Guilherme Veiga Rios**
Examinador – NELiS/CEAM/UnB e GENPEX/UnB

Professora Doutoranda **Nirce Barbosa Castro Ferreira**
Membro Suplente – PPGE/FE/UnB e GENPEX/UnB

Aos meus pais e irmãos;

A todos os pedagogos e pedagogas pela coragem em enfrentar um sistema de educação saturado de problemas, com o coração repleto de amorosidade, bem como a todos os estudantes da Educação de Jovens e Adultos que apesar das dificuldades, não desistem de realizar seus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Òsùmàrè, por me amar, proteger e guiar em todos os momentos e a todos os Orixás pela paz e serenidade em conduzir a vida apesar de todos os descaminhos.

Aos meus Pais, pelo incentivo, amor incondicional e carinho constante.

Aos meus irmãos, pelo companheirismo e afeto indiscutíveis.

Aos professores da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília - UnB;

Ao Professor Renato Hilário por ter me aceito no GENPEX e literalmente ter transformado minha vida enquanto educador.

A minha querida Julieta Borges, guerreira e apaixonada pela educação! Você é uma inspiração!

A professora Nirce Barbosa, pelo carinho e dedicação;

A minha querida Ana Rosária, pela amizade e companheirismo, compreensão e auxílio... Sem você não sei o que seria de mim!

A querida professora orientadora, Maria Clarisse, que orientou este trabalho, transformando literalmente carvão em diamante. Que Deus a abençoe e realize todos os seus sonhos!

Meus sinceros agradecimentos aos alunos da Educação de Jovens e Adultos da Escola Classe 03 do Paranoá, porque sem eles esse trabalho não existiria.

E finalmente, não menos importante, a todos os membros do GENPEX, pela acolhida, carinho, paciência e tranquilidade... Hoje minha palavra é OBRIGADO!

“Lá onde a identidade individual se apaga, não há nem punição nem recompensa.”

Ernst Jünger

“Sem identidade não se é. E a gente tem que ser, isso é que é importante. Mas a identidade obriga depois à dignidade. Sem identidade não há dignidade, sem dignidade não há identidade, sem estas duas não há liberdade. A liberdade impõe logo de começo, o respeito pelo próximo. Isto pode explicar um pouco os limites da própria vida.”

Manoel Cândido Pinto de Oliveira

RESUMO

BARROS, J. O. R. de. **A significação identitária da escrita do nome de sujeitos da Educação de Jovens e Adultos em uma escola no Paranoá.** 115 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

Este Trabalho de Conclusão de Curso buscou compreender como as significações que permeiam a escrita do nome próprio podem auxiliar na construção da identidade de sujeitos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) matriculados em uma escola pública do Paranoá/DF. A construção do referencial teórico se deu a partir de uma breve exposição do histórico de lutas do movimento popular pelo direito à alfabetização de adultos no Paranoá até a chegada na Escola Classe 03 daquela cidade, para assim elucidar o contexto de inserção dos alunos, partindo daí para uma conceituação do nome próprio, sua importância e relação com a construção da identidade do sujeito inserido na citada modalidade de ensino. O texto conta com a contribuição de Martins (1991), Albuquerque & Leal (2010), Reis (2011) e Galvão & Di Pierro (2012), autores estes que dialogam e dão suporte a este trabalho. A natureza da pesquisa é a abordagem qualitativa, onde os procedimentos foram organizados através da análise e observação de documentos oficiais da escola, bem como levantamento das significações dos alunos através de entrevista, com perguntas semiestruturadas, através da escuta sensível dos educandos e análise de suas percepções somadas às experiências vivenciadas ao longo do ano de 2015/2016 como membro participante do GENPEX/UnB (Grupo de Ensino-Pesquisa-Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos e Histórico-Culturais). Com base na análise dos dados, foi constatado que para os estudantes daquela escola o processo de alfabetização é fundamental para a reconstrução de sonhos e de sua altivez social, onde há o resgate de sua autonomia perante uma sociedade letrada e auxilia principalmente na luta contra preconceitos e discriminações. A escrita do nome é decisiva neste processo de apropriação da identidade do sujeito, resultando no fortalecimento de sua dignidade e pleno exercício da cidadania.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Analfabetismo. Letramento. Identidade. Escrita do nome próprio.

ABSTRACT

BARROS, J. O. R. de. The significance of identity in writing given names in Youth and Adult Education in a school in Paranoá. 115 f. Final paper (Graduation) – Faculty of Education, University of Brasília (UnB), Brasília, 2016.

The purpose of this final paper is to seek an understanding of how the meanings that permeate the writing of given names can help in building the identity of the subject in the education of children and adults (EJA) enrolled in a public school in Paranoá (Federal District, Brazil). The theoretical framework was constructed using a brief exposition of the historical struggles of the popular movement for the right to adult literacy in Paranoá, until the arrival of School Class 03. This elucidated the context of integration of students, and introduced a concept of the given name, its importance and its relationship with the identity of the subject. The text includes the contribution of Martins (1991), Albuquerque & Leal (2010), Reis (2011) and Galvão & Di Pierro (2012), authors who have written about, and support this work. This research follows the qualitative approach, where the procedures were defined by analysing and observing the school's official documents. In addition, as a participant of GENPEX / UNB (Group of Teaching and Research-Extension in Popular Education and Philosophical, Historical and Cultural Studies). Based on data analysis it was found that for students of this school the literacy studies process is critical to the reconstruction of dreams and the social pride, contributing to the redemption of their autonomy in a literate society and assisting in the fight against prejudice and discrimination. The writing of the given name is crucial in this process of identity appropriation of the individual, resulting in the strengthening of their dignity and thus exercising their civil rights in full.

Keywords: Youth and Adult Education . Illiteracy. Literacy. Identity. Writing given names.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEDEP	Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá
GDF	Governo do Distrito Federal
GENPEX	Grupo de Ensino-Pesquisa-Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos e Histórico-Culturais
SCIELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i> (Biblioteca eletrônica de periódicos científicos)
TERRACAP	Agência de Desenvolvimento do Distrito Federal
UnB	Universidade de Brasília
PROJETO 4	Projetos Individualizados de prática docente (SEPD), disciplina obrigatória do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, equivalente ao estágio obrigatório.
CODEPLAN	Companhia de Planejamento do Distrito Federal
PDAD 2015	Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios, estudo realizado em 2015 pela CODEPLAN.
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
PARTE I	14
MEMORIAL EDUCATIVO.....	14
PARTE II	28
MONOGRAFIA.....	28
CAPÍTULO 1	28
1. TRAÇANDO AS METAS EM BUSCA DAS SIGNIFICAÇÕES IDENTITÁRIAS DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.	28
1.1. INTRODUÇÃO	28
1.2. OBJETIVOS	30
1.2.1. OBJETIVO GERAL	30
1.2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	30
1.3. ASPECTOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	31
1.4. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.....	33
CAPÍTULO 2	35
2. A CHEGADA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO PARANOÁ	35
2.1. UM BREVE RELATO SOBRE A TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO PARANOÁ	35
2.2. O CEDEP E A ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS	40
2.3. A ESCOLA CLASSE 03 DO PARANOÁ E A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	42
CAPÍTULO 3	46
3. ESTUDOS REALIZADOS NA ÁREA DE ALFABETIZAÇÃO E SIGNIFICAÇÃO DE SUJEITOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	46
CAPÍTULO 4	56
4. O NOME PRÓPRIO COMO FATOR DE CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DO SUJEITO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	56
4.1. A HISTÓRIA DE VIDA DO ALUNO E O ACESSO A EDUCAÇÃO NA INFÂNCIA	56

4.2. O RETORNO AO AMBIENTE ESCOLAR E OS DESAFIOS NA (RE)CONSTRUÇÃO DE SONHOS: A SUPERAÇÃO, A VONTADE E A FÉ.....	59
4.3. VIVENDO OS PRECONCEITOS, DISCRIMINAÇÕES E ESTIGMAS.....	63
4.4. ASSINANDO O NOME PELA PRIMEIRA VEZ – A MODIFICAÇÃO DO IMAGINÁRIO DO ANALFABETO A PARTIR DO INÍCIO DA LEITURA E ESCRITA.	66
4.5. CONCEITO DE NOME.....	68
4.6. A IDENTIDADE E O DOCUMENTO DE MESMO NOME. O EXERCÍCIO DA CIDADANIA DECORRENTE DA ASSINATURA.....	72
4.7. APRENDI A LER E ESCREVER... CONSIGO ENXERGAR O MUNDO! A CONSTRUÇÃO DO IDEÁRIO DE CIDADANIA.....	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
PARTE III.....	80
PERSPECTIVAS DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL.....	80
REFERÊNCIAS.....	82
APÊNDICE A.....	85
TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	85
APÊNDICE B.....	90
TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	90

APRESENTAÇÃO

O presente estudo refere-se ao Trabalho de Conclusão de Curso que está estruturado em três partes: Memorial Educativo, Monografia e Perspectivas de Atuação Profissional.

Na primeira parte, apresenta-se o Memorial Educativo, onde relato meu percurso escolar e acadêmico, bem como as reflexões feitas até a chegada ao tema, onde detalho momentos e experiências importantes que marcaram minha trajetória até a constituição deste trabalho.

Na segunda parte apresento a monografia em si, cujo tema é “A significação identitária da escrita do nome de sujeitos da educação de jovens e adultos em uma escola no Paranoá”, onde busco descrever brevemente o processo histórico da alfabetização de Jovens e Adultos no Paranoá, até a formação de turmas da Educação de Jovens e Adultos na Escola Classe 03 da Quadra 17, identificar os sentidos do processo de Alfabetização para a vida do aluno da Educação de Jovens e Adultos naquela escola, ressalto a relevância da história do nome do educando da Educação de Jovens e Adultos e a importância da escrita do nome como forma de resgate de identidade e altivez perante a sociedade.

O estudo é composto por 4 capítulos: 1) Traçando as metas em busca das significações identitárias dos alunos da Educação de Jovens e Adultos; 2) A chegada da Educação de Jovens e Adultos no Paranoá; 3) Estudos realizados na área de alfabetização e significação de sujeitos da Educação de Jovens e Adultos e 4) O nome próprio como fator de constituição da identidade do sujeito na Educação de Jovens e Adultos.

Na terceira e última parte apresento minhas Perspectivas de Atuação Profissional.

PARTE I

MEMORIAL EDUCATIVO

Minha história começa no Estado do Piauí, em um povoado chamado Morros da Mariana, atualmente denominado por Ilha Grande, que fica a 347 Km de Teresina, capital do Estado. Meu pai, Orlando Delmiro de Barros e minha mãe Bernardina Rodrigues de Barros, mais conhecida como “Dona Dadá”, eram vizinhos de fundos (a chácara da família de minha mãe se localizava nos fundos da chácara da família de meu pai). Minha mãe sempre conta histórias das vezes em que teve que cuidar de meu pai e seus outros irmãos, dando banhos nos mesmos, brincando, tirando os piolhos, bem como ajudando na criação.

As famílias eram muito numerosas, minha mãe tem 7 irmãos (6 mulheres e 1 homem) e meu pai tem 18 irmãos (15 homens e 3 mulheres). Provenientes de famílias humildes mantinham seu sustento através do cultivo de cereais, bem como da atividade da pesca, principal fonte de subsistência da cidade, haja vista ser litorânea e portal para o Delta do Parnaíba/PI.

Meu Pai veio para Brasília em 1965 para tentar algo melhor para a vida, trabalhando no comércio local da época, bem como na Escola Parque da 308 Sul, até que em 1969 foi contratado para trabalhar na Secretaria de Cultura do Distrito Federal, mais especificamente no Teatro Nacional Cláudio Santoro. Foi através da Escola Parque que ele fez supletivo e concluiu seu Ensino Fundamental. Anos mais tarde, já no Teatro Nacional, ele conseguiu uma bolsa de estudos e concluiu também seu Ensino Médio.

Considerando que já havia deixado minha mãe, sua noiva à época, aguardando pelo seu retorno ou pelo seu chamado, no mesmo ano ela veio ao seu encontro e aqui constituíram família. Ganharam seu primeiro lote na cidade do Gama em 19/12/1970, data que ficou bem marcada, pois foi o dia em que meu irmão mais velho, Estácio, completara cinco meses de vida.

O início de vida na capital não foi nada fácil. Meus pais chegaram a morar em barraco de madeira na chamada Vila do IAPI, mais conhecido como “Morro do Urubu”, onde

hoje é o Núcleo Bandeirante/DF. Lá eles passaram necessidades, como fome e falta de água, superados pela força de vontade, amor e união do casal. Em 1972 tiveram sua segunda filha, minha irmã Patrícia. Em 1978 tiveram sua terceira filha, minha irmã Elda e por fim, em 1986 eu nasci.

Nasci no Gama, cidade satélite do Distrito Federal às 21h25 do dia 02 de agosto de 1986, no Hospital Regional daquela cidade. Naquela época, existiam poucos recursos que pudessem amparar a mulher no momento de dar a luz. Minha mãe antes de eu nascer, havia sofrido com a perda de um bebê, uma menina, no 8.º mês de gestação por conta da Rubéola. Ela permaneceu com a bebê durante um mês morta dentro de seu ventre e isso lhe causou muitas complicações físicas e até mentais. Ao nascer, tive complicações que afetaram o meu aparelho respiratório, fator que despendeu a mim cuidados especiais.

Cresci em um lar muito bem estruturado. Sou filho de pai e mãe nordestinos com muito orgulho, sendo minha mãe semianalfabeta. Ela, quando jovem não teve a oportunidade de estudar por conta de sua família humilde que tinha na roça o seu sustento maior. Era preciso trabalhar para sobreviver e as contas e letras ficaram para trás. Minha mãe passou por um programa de alfabetização de jovens e adultos nos anos 90. Ela conseguiu encerrar o primeiro segmento de ensino (1.º a 4.º série). Se orgulha de conseguir ler frases, fazer contas e principalmente escrever o próprio nome. Com a experiência da Educação de Jovens e Adultos, hoje consigo sentar com ela alguns instantes e tento aprimorar seus conhecimentos com escrita e leitura. E pretendo conseguir fazer com que ela retorne à Educação de Jovens e Adultos para concluir pelo o menos o 3.º segmento.

Apesar de sermos de família humilde, eu nasci em época de “vacas gordas”, e meus irmãos sempre falavam que eu tomei iogurte, tive sapatos de lojas e entre outras coisas que eles não desfrutaram em suas infâncias.

Lembro-me que o meu primeiro contato com as palavras foi em uma escola chamada Recanto Infantil Tio Zezinho, um pré-escolar que ficava no fundo de quintal de uma casa, uma rua acima do local onde eu morava no Gama, comandando por Dona Lurdinha (*in memorian*) e Tia Carmem, ambas pedagogas de formação. Em 1992, aos 5 anos fui matriculado neste ambiente, com outras 10 crianças. Neste local eu passei a me relacionar em

grupo, haja vista que por conta dos meus problemas de saúde, eu era um menino que ficava em casa. Nunca fui aquela criança que ficava na rua, brincando com outras, correndo, subindo em árvores e coisas afins, todavia isso não me é fator de trauma, eu até agradeço por ter sido assim, não tenho lembranças de cicatrizes físicas deste tempo.

Nesta escolinha, tive meu primeiro contato com as letras. Lembro-me como hoje das horas intermináveis de enrolar pedacinhos de papel crepom para colar sob letras desenhadas em papel mimeografado. Aquele cheiro de álcool é inesquecível. Outra coisa que nunca vou esquecer é o cheiro da lancheira, um misto de limpeza que lembra sabonete e remete ao frescor de maçã e banana juntos. Como esses perfumes ficam marcados na memória.

Sempre fui um aluno muito quieto, não antissocial, porém comportado. Sempre tive vergonha de passar vergonha, de ser chamado a atenção, de que gritassem comigo. Minha mãe sempre rígida e doce me ensinou por vezes que educação se aprende a ter em casa.



**Figura 1 - Comemoração de São João –
Recanto Infantil Tio Zezinho/1992**

Recordo do cheiro do giz de cera, dos lápis de cor, da lousa verde escuro que Dona Lurdinha utilizava para escrever e passar as lições. Após o período de conhecer as letras, partíamos para uma nova lição que era escrever o nome completo. Era uma atividade crucial que determinaria a passagem para a sala ao lado, aquela das crianças que já sabiam escrever alguma coisa. Lembro do dia em que depois de treinar inúmeras vezes eu consegui escrever o meu nome completo. Foi uma grande festa, ela falou no meio da turma inteira (como forma de incentivo aos outros) que eu naquele dia iria para a sala ao lado, local onde aprenderia a ler e escrever de forma correta. Lembro-me como hoje, ela me levantou da cadeira e me direcionou até a sala da Tia Carmem, que me acolheu com um forte abraço.

A presença de Tia Carmem em minha vida foi crucial. Ela me ensinou a escrever corretamente. Tínhamos aulas de artes, de português, matemática. Recordo-me que as atividades mais legais eram aquelas ligadas aos dias comemorativos, como o dia do índio, dia da árvore, dia das crianças, São João, Dia das Mães e dos Pais, entre outros. Recordo também que foi nesta sala especial que tive meu primeiro contato com o caderno de caligrafia. A ele devo a letra que possuo hoje, redonda e legível. Desde sempre fui elogiado pela letra bonita que nem se assemelhava a de um menino (um dos primeiros motivos dos quais sofri *bullying* na escola). Os dias se passavam e a chegada do fim do ano anunciava que eu sairia dali para ir para uma escola maior, onde com outros alunos eu cursaria a primeira série. Essas etapas da vida escolar me deixavam extremamente excitado em cumpri-las, tendo em vista que as palavras de minha mãe de que só se é alguém na vida com o estudo, sempre vinham na cabeça, e isso era motivo de orgulho para mim.

Lembro como hoje do dia da nossa formatura, em que confeccionamos roupas de Papai Noel. Uma luta travada em colar pedaços de papel crepom vermelho e preto até formar uma roupa. As mãos pequenas, repletas de cola e vermelhas pela tinta do papel, era algo fascinante para uma criança que estava extremamente feliz que no próximo ano iria para uma escola maior. Vários sonhos, vários amiguinhos.



Figura 2 – Recebendo um abraço da minha 2.ª Professora – Tia Carmem/1992 – Formatura do meu Jardim de Infância/1992.

No ano seguinte em 1993, agora com 6 para 7 anos, eu fui matriculado na Escola Classe 01 do Gama, onde cursei as séries iniciais do Ensino Fundamental. A minha 1.ª série foi marcada por um misto de novidades e aprendizados. Foi um ano repleto de primeiros contatos e experiências: A primeira vez que subi em uma árvore, que brinquei no parquinho

com outras crianças, o primeiro castigo (injusto, pois eu só estava no local e os outros meninos que estavam brincando com a cabeça careca do coleguinha), e também a primeira experiência verdadeiramente triste, que foi a morte de uma coleguinha da sala que desencarnou junto com seus pais, por conta de um acidente automobilístico.

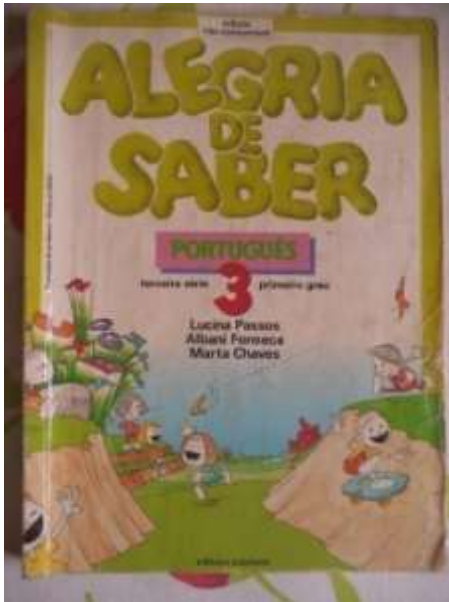


Figura 3 - Livro Utilizado pela 3.ª Série – EC 01 do Gama - 1995

O livro didático utilizado pela escola na época era o “Alegria de Saber”, das autoras Lucina Passos, Albani Fonseca e Marta Chaves. Foi através dele que concluí meu processo de alfabetização, bem como por ótimas pedagogas que me recordo o nome de 4 delas: Professoras Solange, Sônia, Luciana e Terezinha.

Recordo dos momentos nas séries seguintes dos passeios, onde visitamos o Memorial JK, o Congresso Nacional, o Palácio do Planalto, o planetário, o Parque da Cidade. Naquela época eu sempre levava como lanche uma garrafa de Coca-Cola de 600ml e um

saco de Fandangos, que eu nunca conseguia comer até o final.

Consciente da necessidade de sempre tirar boas notas, recordo-me do dia em que recebi um diploma de bom rendimento e da proposta que a professora fez à minha mãe na 3.ª Série. Naquela época existia um procedimento que adiantava os alunos quando os mesmos tinham bom

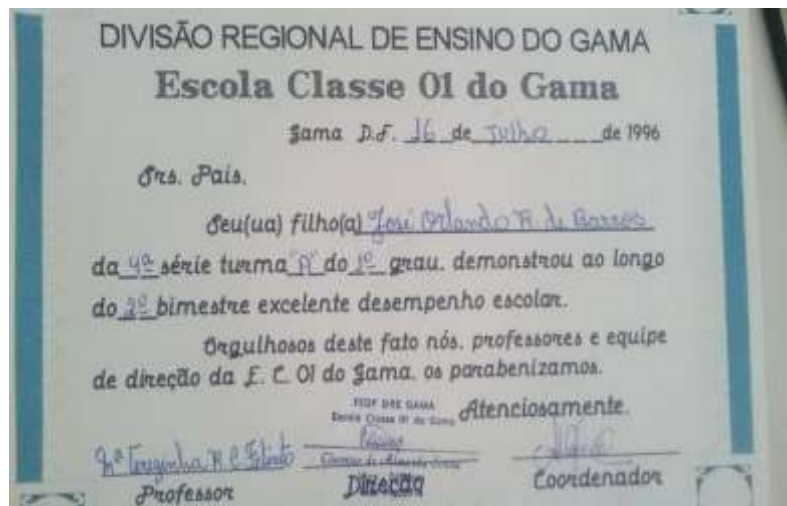


Figura 4 - Diploma de Desempenho Exemplar/1996

rendimento e a mim foi proposto que fizesse a 3.ª e 4.ª séries juntas. Todavia, minha mãe não aceitou a sugestão, considerando minha idade e pensando que futuramente eu poderia sofrer algum tipo de restrição por ser mais novo que os outros alunos na mesma série.

Em 1995, já na 3ª série, lembro que a escola contava com 4 turmas listadas de “A” a “D”. Certo dia, fomos todos chamados até o pátio da escola e pediram para que escolhêssemos um pirulito que estava dentro de um cesto repleto. Inocentemente, escolhi o de cor amarelo e eis que neste dia sai da turma “A” para a turma “D”, com coleguinhas totalmente desconhecidos. Recordo que isso foi um verdadeiro choque, haja vista já estarmos no 2.º bimestre. A justificativa da escola era quebrar com o paradigma da separação das turmas por idade, fazendo com que os alunos mais adiantados interagissem com os mais “atrasados”. Nesse momento, houve um rebuliço total na escola, e muitos alunos retornaram para as salas de aula chorando. Eu fiquei na turma de uma professora conhecida como dura e intransigente (acredito que esta fama se dava, pois, a mesma era acostumada a enfrentar turmas de alunos mais velhos e com alto índice de repetência). Isso me abalou na primeira semana, mas como meu objetivo sempre foi ser o melhor, consegui superar e avançar mais uma série.

Em 1996, a 4.ª série, o maior obstáculo a ser quebrado era a iminência de ir para a 5.ª Série, em uma nova escola com alunos totalmente desconhecidos. Muitas questões giravam em volta dessa série. Havia aqueles que diziam que a 5.ª série era a que mais reprovava os alunos e isso me causava muito medo. Meu maior receio na verdade era que nas reuniões de classe meus pais fossem chamados para algum tipo de reclamação. Graças a muita dedicação, nunca precisaram chamar minha atenção por conta de conversas em sala de aula e/ou notas baixas.

Recordo-me que naquela escola existiam os momentos cívicos aonde uma vez por semana íamos ao pátio, a bandeira era hasteada e os alunos deveriam cantar o Hino Nacional. Esse hábito fez com que até hoje eu saiba cantá-lo em sua íntegra (ou ao menos a primeira parte completa).

Em 1997, mudei de escola, e veio o grande desafio da 5.ª série, no Centro de Ensino Fundamental 10 do Gama. Essa escola se localiza no setor oeste da cidade do Gama e caracterizava-se por atender uma comunidade de renda mais baixa. O desafio encontrado nesse Centro de Ensino era a divisão das matérias, lecionadas por diferentes professores. Não tínhamos uma sala única. Ao tocar o sinal, os alunos deveriam se dirigir até a sala ao qual os professores lecionavam suas matérias. Isso era muita inovação na cabeça de um aluno de

apenas 10 anos que estava acostumado com 4 matérias (português, matemática, ciências e estudos sociais) e passaria a ter 7 matérias (matemática, português, ciências físicas e biológicas, história, geografia, educação física e produção de texto). Minha maior dificuldade era decorar a “bendita” tabuada, cobrada semanalmente pela professora.

Em 1998, a 6.^a série o que mais me marcou foi a professora Marta (chamada de Martinha), terrível por sinal, todavia uma excelente educadora. O motivo é que ela sem mais nem menos aplicava provas surpresa e isso quase me fez reprovar essa série. Nada muito sério, porém para mim o fim da linha. Como relatado anteriormente, fui um aluno acostumado a obter notas 9,0 e 10,0 sempre. Aquele 6,0 de média anual em português me consome até hoje (risos... já superei!).

Em 1999, a 7.^a série foi o meu ano mais difícil. As relações de amizade não se davam de forma muito proveitosa. Os colegas eram desrespeitosos e vulgares, agressivos por assim dizer. Foi um ano que sofri muito *bullying* por conta de ser um garoto recolhido e de poucas amizades. Mas nada me fez desistir da vontade de concluir meus estudos.

Em 2000, a 8.^a série foi um misto de novas sensações. Foi nessa série que tive o primeiro beijo, a primeira namorada, as primeiras declarações de amor, com direito a cartas de amor infinito e duradouro. Recordo que eu era um aluno romântico, que gostava de dar presentes, rosas e bombons. Santa inocência de uma época gostosa de ser vivida.

Os outros alunos dessa época gostavam de matar aula para saírem em turmas para uma cachoeira próxima à escola. Um dia, a sala de aula estava quase vazia, com apenas uns 5 alunos de 30 frequentes. A professora achou estranho e comunicou a direção que imediatamente acionou os pais. No dia seguinte só se viam as marcas de cinto nas costas e nas pernas. Quem não apanhou, levou uma boa bronca dos pais. Na época, todos ficaram indignados, mas atualmente entendo perfeitamente os responsáveis. Próximo à cachoeira em que eles costumavam ir tinha uma “boca de fumo¹” e a preocupação de perder um filho que matara a aula para ir se divertir em uma cachoeira que só por ter água já é perigosa, aliado a questão do tráfico de drogas com toda certeza “cegaria” a razão de um pai.

¹ Refere-se ao local onde é feita a venda de substâncias ilícitas tais como maconha, cocaína e crack.

Dentro das inúmeras experiências vivenciadas nesse processo, ao longo desses 4 anos, posso concluir que fui muito bem preparado para enfrentar os desafios do Ensino Médio. Sai daquela escola apaixonado por História e números, tanto é que minha pretensão inicial para um curso superior algum dia era a Matemática.

Sonhos e desejos a parte, os anos de 2001 até 2003 foram verdadeiros divisores de água. Adolescente nada rebelde em um local cheio de rebeldias, com várias outras disciplinas em foco e a necessidade gritante de ingressar em um curso superior. Mas devo ressaltar que não almejava um curso qualquer, tinha que ser um curso na renomada Universidade de Brasília – UnB, a melhor, aquela que abre portas só de ter registrado o seu nome em qualquer *curriculum*.

Esses anos no Ensino Médio me abriram os olhos para uma série de possibilidades com relação a que futuro seguir. Foi nessa época que conheci as artes cênicas e esse fator fez com que minha vida mudasse para sempre.

Aquele rapaz tímido e retraído deu lugar a alguém que sabe se expressar perante o público e acredito que isso fez o grande diferencial na minha vida.



Figura 5 - Ensaio da Companhia Escravos da Ópera/2002

Recordo-me de todos os professores que passaram pela minha vida nesse período, mas o foco e dedicação maiores foram para o teatro. Apresentamos peças, participamos de festivais. O nome do nosso Grupo de Teatro era “Escravos da Ópera”. A constituição do ser humano que sou atualmente devo a estar junto

dessas pessoas e poder me expressar por meio do palco.

Em 2003 chegou o momento de me inscrever para o vestibular da UnB. Meu

sonho estava prestes a se realizar e tinha a certeza de que iria seguir a carreira de ator. Todavia, como sempre ouvi minha família e considerando que meu pai trabalhara durante 28 anos em um teatro, ele me pediu para que eu fizesse isso apenas como *hobby*, procurando outra profissão que me garantisse o sustento.

Em 2004, ingressei na UnB através de vestibular no curso de Pedagogia. Foi um dia de grande festa e orgulho para os meus pais.

Ao começar as aulas me identifiquei com os professores, as disciplinas, e tudo que estava me rondando de informações acerca do ideário educativo. Todavia, esse processo de “apaixonar-se” pelo curso não persistiu. Acredito que as influências do teatro e um misto de frustração por estar fazendo algo pelo qual não queria à época, me balançaram fortemente e me fizeram enveredar por diversos caminhos.

Em 2005 comecei a trabalhar no Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis – IBAMA e as atividades do lugar me consumiam muito tempo. Acredito que toda a frustração do curso eu apliquei ao serviço. Trabalhei, aprendi bastante e ocupei cargos de confiança próximo a chefias que não abriam mãos dos meus serviços. Como meu curso era diurno, tive que pegar disciplinas somente à noite e o meu rendimento, aquilo que eu mais me orgulhava foi caindo, até que em 2008 fui jubilado.

Em 2009, a tristeza por perder o curso me flagelou ainda mais, fazendo com que eu saísse do IBAMA e começasse a trabalhar no Ministério do Esporte, local que estou até hoje. Nesse meio tempo, repensei meus ideais e decidi que iria concluir o que havia começado. Lembro que estava na metade do curso, e precisava de pouco para terminar. No mesmo ano prestei outro vestibular e passei novamente para o curso de Pedagogia.

A partir desse momento, mais maduro haja vista ter perdido o curso por conta de má administração de tempo, passei a me dedicar melhor aos estudos. Em minha vida acadêmica sempre me guiei para a Educação Infantil e Ensino Especial, mas foi na Educação de Jovens e Adultos que por acaso do destino (ou não) me encontrei.

Ao longo da trajetória no curso, a Educação de Jovens e Adultos era algo que não me interessava muito como campo de estudo. Mas as peripécias da vida nos fazem percorrer caminhos que às vezes não queremos seguir. Graças aos Orixás existem essas peripécias, caso contrário não estaria realizando este relato tão cheio de emoções.

Meu primeiro contado com a Educação de Jovens e Adultos foi por meio dos Projetos 4 fases 01 e 02, no qual ingressei no GENPEX - Grupo de Ensino-Pesquisa-Extensão em Educação Popular (crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos) e Estudos Filosóficos e Histórico-Culturais, constituído em abril de 2000, que surgiu através do desdobramento da parceria entre o Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá - CEDEP e a Universidade de Brasília – UnB.

No Projeto 4, tive a oportunidade de acompanhar a implantação de um projeto de ensino da linguagem informática para estudantes da Educação de Jovens e Adultos na Escola Classe 03 do Paranoá, localizada na Quadra 17 daquela cidade. Esse fator contribuiu bastante para a minha base formativa, pois foi a primeira vez que me vi como Educador e soube que era isso que gostaria para a minha vida.

Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender
(FREIRE, 1996, p.23)

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades
para a sua própria produção ou a sua construção. (FREIRE, Ibid., p.47)

Ao longo desses árduos anos do curso de Pedagogia, posso dizer que estas palavras de Paulo Freire fazem mais sentido agora. Em todo este trajeto, tentando encontrar motivos que me fizessem permanecer com o sonho de ser um Educador, acredito que neste momento as minhas forças se revitalizaram. Reencontrei sentido na educação através de um dos seus segmentos mais frágil e rico: a Educação de Jovens e Adultos.

Ao me deparar com o Projeto na Faculdade de Educação, fui abordado pelo professor Renato Hilário dos Reis, uma pessoa do qual quero ter como exemplo de vida. Seu sorriso acolhedor e sua voz encorajadora foram cruciais para que agora eu pudesse escrever este texto. O ato de acolher as pessoas é novo para mim, e encontrei o calor da amorosidade em suas palavras.

Sentir-se acolhido e amado é algo ímpar. Assim me sinto quando estou no GENPEX. Neste grupo aprendemos a dar voz a quem é silenciado, a dar carinho a quem não conhece o sentido da palavra, a acolher e conquistar através do coração as pessoas que desejam mudar suas vidas.

A experiência vivida junto à comunidade do Paranoá, mais especificamente com os alunos da Educação de Jovens e Adultos da Escola Classe 03 do Paranoá foi extremamente relevante e surpreendente em todos os aspectos.

Apesar de não ser o propósito principal do Projeto, acompanhar a implementação das aulas de informática nesta escola foi recompensante.

No primeiro dia de ensino de informática, nos deparamos com pessoas extremamente ricas de vivências e histórias, mas que por conta de sua pouca escolarização não sabiam ao menos ligar os computadores.

A desconstrução do medo daquele “bicho de 7 cabeças” foi feita passo a passo com a ajuda das pessoas do Curso de Informática da UnB. A cada nova descoberta, ver aqueles olhos que tanto viram coisas na vida enchendo-se de lágrimas, foi algo impagável e renovador.

Aprender a manusear o mouse, digitar seu primeiro texto no teclado, ver os erros cometidos e posteriormente conseguir corrigi-los foi o maior ganho para os alunos da Educação de Jovens e Adultos. Não digo que foi suficiente para que conseguíssemos mudar suas vidas, mas algo aconteceu.

Hoje posso relatar a abordagem que vivi com um dos educandos. Ele me deu uma verdadeira aula de vida, ao me dizer da importância de estarmos ali presentes, carinhosos e imbuídos em ensiná-los algo tão difícil que é a lidar com a tecnologia. O maior prazer foi ouvir que ele consegue não só ligar o computador de casa como também utilizar alguns aplicativos e escrever textos, que por menores que sejam, já são algo, perante a situação de possuir o equipamento em casa e não mexer com medo de estragar. Medo de estragar algo que custou-lhe várias gotas de suor do trabalho árduo da roça.

Ouvir uma pessoa com tantas emoções vividas, com os olhos cheios d'água dizer *“Muito obrigado pelo carinho e pela paciência... Os professores que nos atendem aqui às vezes não possuem nenhuma paciência conosco, mas vocês são diferentes... Eu SEMPRE que encontrá-lo na rua ou em qualquer lugar, vou te cumprimentar e falar das minhas vitórias! ”*, foi maravilhoso!

Outro momento de grande crescimento foram os fóruns ocorridos no CEDEP, juntamente com as professoras alfabetizadoras que conseguem mesmo com a luta diária do pouco financiamento do governo, que realiza o pagamento de seus honorários por bolsas, manter o coração em festa de saber que com sua ajuda elas conseguem realizar sonhos e mudar vidas de pessoas que estão à mercê de uma sociedade excludente e silenciadora.

Ser velho, pobre e analfabeto em alguns locais no Brasil é algo terrível. O maior sonho de todos aqueles que participam dos programas voltados a Educação de Jovens e Adultos é aprender a ler e escrever. Talvez não para fazerem um curso superior, doutorado e coisas afins (não que uma coisa não leve a outra... assim desejamos), mas para conseguirem escrever seus próprios nomes, lerem uma bula de remédio, um jornal, o letreiro de um ônibus sem ter que perguntar para outrem o que está escrito, ler uma receita, ler a vida que está perante os seus olhos.

“É como se retirassem uma venda de meus olhos”, me disse uma vez outro aluno que teve essa sensação ao conseguir ler o nome de uma loja de calçados. É apaixonante e revigorante perceber a mudança na conduta e nas ações das pessoas que estão na **Educação de Jovens e Adultos**.

Tudo se modifica: suas posturas, de cabisbaixas e silenciosas, até mesmo envergonhadas, para pessoas mais felizes e sorridentes de escreverem o próprio nome. A vontade de estudar e melhorar suas condições faz com que qualquer sacrifício seja superado, como distância, cansaço, preconceito.

Acredito que depois de inseridos na escola, o nosso desafio é manter esse aluno. Podemos averiguar que existe uma série de fatores que determinam a evasão escolar. A renda familiar está relacionada como uma das características que tem relação mais intensa com a

dificuldade de acesso a alfabetização. Outros fatores como gênero e raça tem determinado e muito no acesso à educação. É simplesmente vergonhoso e espantoso ouvirmos afirmações do tipo “*Estudar é coisa de gente rica!*”... Isso não deve ser determinante para integração de pessoas na escola.

Lutar para garantir uma Educação de Jovens e Adultos de qualidade deveria ser meta de todo governo, como forma de garantia de direitos como também como forma de retribuição a essas pessoas que tanto ajudaram na construção coletiva da sociedade ao qual vivemos.

A construção do texto coletivo, as situações problema-desafio foram experiências muito gratificantes e que marcaram circunstancialmente as vivências presenciadas no Paranoá. A cada depoimento entre o computador e os alunos, um aprendizado novo e a certeza fundamental de que a nossa ação naquele ambiente foi crucial para modificar o cotidiano daquelas pessoas.

Ao me deparar com a realidade da Escola Classe 03 do Paranoá, uma idéia me pareceu bastante consistente. Um dia, ao retornar de um dos encontros, conversando com a professora Julieta, membro participante do GENPEX, levantei uma questão acerca da importância do nome iniciático para os membros do Candomblé, a religião ao qual pratico. Quando alguém se inicia no culto aos Orixás ela se apropria de um novo nome, uma nova identidade que irá acompanhá-la até o fim de sua vida e este fator passa a determinar uma série de características do cotidiano desse adepto ao longo de sua trajetória espiritual. Essa conversa foi determinante para a construção deste trabalho, uma vez que este novo nome transforma a vida do candomblecista².

Ao conviver com aqueles sujeitos, pude constatar que a maior vontade da grande maioria é escrever o nome de forma suficientemente clara para poder tirar seus documentos e exercer sua cidadania. Esse detalhe me cativou, pois o nome próprio é a marca maior da identidade do ser humano e escrever esse conjunto de símbolos para uma pessoa é indispensável para que esse sujeito viva em sociedade.

² Membro praticante do Candomblé, a religião dos Orixás (Deidades Africanas);

Outro fator marcante nos trabalhos realizados naquela escola é que ao escreverem o seu nome, os sujeitos tinham um imenso orgulho de escreverem também o nome dos familiares, principalmente dos filhos. Muitos escolheram o nome de seus rebentos apenas pela sonoridade, não sabendo sequer escrever e essa conquista é simplesmente fundamental não somente na experiência educativa daquelas pessoas quanto na reconstrução da dignidade e identidade do ser humano.

Para tudo precisamos escrever nosso nome, seja em trabalhos acadêmicos, seja em formulários, cadastros para emprego, tudo. Sem o nome próprio o sujeito perde grande parte de suas características enquanto ser social.

O presente trabalho tem a finalidade de averiguar a importância da escrita do nome próprio para esses alunos da Educação de Jovens e Adultos que tanto enfrentam preconceitos e discriminações perante uma sociedade excludente que ainda não consegue aceitar todos aqueles que fogem ao padrão capitalista.

PARTE II

MONOGRAFIA

CAPÍTULO 1

1. TRAÇANDO AS METAS EM BUSCA DAS SIGNIFICAÇÕES IDENTITÁRIAS DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.

1.1. INTRODUÇÃO

Minha trajetória no curso de Pedagogia na Universidade de Brasília foi marcada por uma relação de amor e ódio. Por diversas vezes me senti perdido e conseqüentemente tive vontade de jogar tudo para o alto e recomeçar. Todavia, ao ingressar no GENPEX - Grupo de Ensino-Pesquisa-Extensão em Educação Popular (crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos) e Estudos Filosóficos e Histórico-Culturais, no ano de 2015 tive uma experiência ímpar que me fez amadurecer e acreditar que existe um sentido pessoal para me formar educador.

Ao ingressar no grupo fui trabalhar com a Educação de Jovens e Adultos na Escola Classe 03 do Paranoá, que fica na Quadra 17 daquela cidade. Neste ambiente, inicialmente auxiliamos um grupo de estudantes das Ciências da Computação/UnB que estava desenvolvendo um projeto de ensino da linguagem informática para os educandos da Educação de Jovens e Adultos matriculados naquela escola. Nesse contexto, conseguimos desenvolver um trabalho de auxílio ao processo de alfabetização daqueles sujeitos, utilizando o computador como instrumento de auxílio nessa jornada, trabalho este que rendeu bons frutos: Ao mesmo tempo em que aprendiam a manipular o computador e perder o medo daquele “monstro” tão temido, eles aprimoravam os conteúdos aprendidos em sala de aula.

Ainda com relação ao contexto do projeto de informática daquela escola, no segundo semestre de 2015, os alunos da informática não puderam comparecer deixando para nós à incumbência de levarmos adiante o projeto. Foi uma experiência singular, principalmente para mim. A dinâmica do trabalho se modificou e tivemos que ficar frente a frente com aqueles sujeitos tão ricos em histórias, lágrimas e superações.

A cada ida até a escola foram se formando ideias na minha cabeça e uma delas me marcou profundamente. No GENPEX sempre foi fundamental se referir às pessoas através de seu nome próprio, haja vista toda a significação de identidade que aquele sujeito traz consigo através da história de seu nome bem como fator determinante para a humanização dos processos sociais.

Partindo deste pressuposto, veio à tona a seguinte questão: Qual a significação da escrita do nome para a construção da identidade do aluno da Educação de Jovens e Adultos? Será que a vida do sujeito da Educação de Jovens e Adultos se transforma a partir do momento em que ele consegue escrever o próprio nome? Que tipo de mudanças são essas? Que tipo de significações podem ser observadas na vida do sujeito da Educação de Jovens e Adultos, enquanto pessoa fragilizada pelo estigma “analfabeto”, e que transformaram seu dia a dia ao longo do processo de alfabetização?

Nas ações realizadas juntamente à Escola Classe 03 do Paranoá, pude perceber que os alunos tinham uma grande necessidade (fundamental para eles) ao realizarem suas atividades no computador primeiramente escrevendo o seu nome próprio. Para eles isso é um motivo de grande orgulho! Outro detalhe que me chamou bastante atenção é que os educandos tinham prazer em escrever o nome dos filhos e familiares, suas profissões, o que gostavam de fazer em seu dia a dia e também os problemas que enfrentavam no Paranoá.

Ao longo do processo, ao nos depararmos com as turmas de Educação de Jovens e Adultos, travamos uma verdadeira batalha para chamar os estudantes pelo seu nome próprio. Ao contarem suas histórias de vida, muitos deles comoviam-se e às vezes se negavam a contar mais detalhes, pois eram momentos em que as dores apareciam... Vimos muitas lágrimas naqueles olhos marcantes, mas em contrapartida colhemos frutos preciosos de suas histórias de superações pessoais e vitórias.

Chegou o momento em que vimos a necessidade de colocar todo esse trabalho no papel, foi aonde surgiu a idéia de construirmos um livro contanto as histórias de vida dos alunos. Para tanto, utilizamos um belíssimo trabalho fotográfico de Evandro Teixeira do Livro *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, uma publicação de 2008 pelo Grupo Editorial Record que foi publicado em comemoração aos 70 anos da publicação original do livro.

Primeiramente, apresentamos aos estudantes as imagens, onde os mesmos digitaram as suas percepções acerca do que viram e o que sentiram, as memórias, e ainda relataram um pouco de suas histórias. Com o passar desse processo, trabalhamos receitas típicas, ortografia, construção de textos e períodos e por fim significações. O resultado foi magnífico: Cada turma finalizou seu trabalho, chegando até a serem expostos na feira do livro daquela escola. Ficou nítido o orgulho ao se virem como autores de um material bibliográfico.

Esse tesouro que nos foi dado no Paranoá, neste trabalho é apenas citado haja vista que foi através dessas vivências que as ideias para a discussão aqui proposta se formaram, todavia existe a pretensão que uma análise futura mais detalhada seja feita, mediante outros trabalhos, artigos e afins a serem apresentados por quem vos escreve e também pelos demais membros do GENPEX.

Um detalhe importante é que, foi através deste contado com aquele publico que pela primeira vez me senti professor e isso me transformou drasticamente ao ponto de não me ver fazendo outra coisa de minha vida.

Sem maiores delongas, apresento a seguir os objetivos do meu estudo.

1.2. OBJETIVOS

1.2.1. OBJETIVO GERAL

Discutir as significações da escrita do nome no processo de alfabetização, como fator de construção da identidade social do aluno da Educação de Jovens e Adultos matriculado em uma escola no Paranoá.

1.2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Descrever brevemente o processo histórico da alfabetização de Jovens e Adultos no Paranoá, até a formação de turmas de Educação de Jovens e Adultos na Escola Classe 03 da Quadra 17;

- b) Identificar os sentidos do processo de Alfabetização para a vida do aluno da Educação de Jovens e Adultos naquela escola;
- c) Ressaltar a relevância da história do nome do educando da Educação de Jovens e Adultos;
- d) Evidenciar a importância da escrita do nome como forma de resgate de identidade e altivez perante a sociedade.

1.3. ASPECTOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Considerando o objetivo deste estudo ser a discussão sobre as significações identitárias a escrita do nome próprio de sujeitos da Educação de Jovens e Adultos, optei por delimitar a realização deste trabalho em indivíduos que estão inclusos na Escola Classe 03 do Paranoá.

A natureza da pesquisa é a abordagem qualitativa, onde os procedimentos foram organizados através da análise e observação de documentos oficiais da escola, bem como levantamento das significações dos alunos através de entrevista, com perguntas semiestruturadas, através da escuta sensível dos educandos e análise de suas percepções. A coleta de dados será realizada por meio de observação participante, com entrevista gravada e escrita no Diário de bordo, e análise de conteúdo da história de vida dos entrevistados.

Não há intenção neste instrumento a quantificação de dados, mas interpretar e analisar os significados que permeiam as ações educativas dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos, seu processo de alfabetização e os significados que rodeiam o aprendizado da escrita de seu nome.

Essa abordagem qualitativa é evidenciada em Lüdke e André (1986, p.11) onde “supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra através do trabalho intensivo de campo” e a abordagem metodológica que será focada nesta pesquisa visa uma inserção no universo do aluno e através do acompanhamento de suas vivências em sala de aula, bem como a escuta das histórias de vida dos alunos.

Com vistas a garantir o sucesso no procedimento, a Escola através de sua Coordenação pedagógica da Educação de Jovens e Adultos foi consultada para vias de autorização para realização da entrevista. Foram entrevistados 05 estudantes das turmas de Educação de Jovens e Adultos, a saber 02 (duas) de turmas do Programa DF ALFABETIZADO, 02 (dois) do 2.º ano e 01 (uma) do 4.º ano pertencentes ao primeiro segmento da Educação de Jovens e Adultos, público este que é acolhido naquela escola. Esse processo de autorização é fundamental para a construção de um cenário acolhedor, haja vista que segundo Bortoni-Ricardo (2008), nesse momento de preparação inicial da coleta de dados é necessário que o pesquisador esclareça seus objetivos com o professor e com o coordenador para seguir os princípios de ética e possibilitar a eficácia do trabalho.

A partir da aceitação de todos os trâmites necessários à autorização da entrada no contexto de pesquisa, iniciaram-se as entrevistas que ocorreram no intervalo das aulas de intervenção informática, citada anteriormente, nas quartas-feiras a noite do mês de maio de 2016. Nesse processo, houve também participação do pesquisador, considerando a minha inserção no processo de iniciação informática dos alunos, sendo, de acordo com Lüdke e André (1986, p.28) uma estratégia que envolve, pois, não só a observação direta, mas todo um conjunto de técnicas metodológicas pressupondo um grande envolvimento do pesquisador na situação estudada.

Como instrumento constitutivo da pesquisa, foi realizada entrevista com os alunos, com presença do pesquisador, pois segundo Moroz (2002, p.66) “a entrevista exige a presença do pesquisador a fim de obter dos sujeitos as informações importantes para responder ao problema.”

Nesse contexto de abordagem do aluno não seria eficaz a aplicação de questionários, haja vista estes instrumentos de coleta de dados necessitarem da escrita do aluno e sem a interferência do pesquisador, em formulário próprio, considerando que muitos alunos possuem grande dificuldade na escrita e leitura ainda.

Segundo De Pádua (2004, p.70) o pesquisador organiza um conjunto de questões sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema

principal. Cabe ressaltar que esta entrevista, apesar de ser semiestruturada, possui desdobramentos que permitem a inclusão ou exclusão de questionamentos que vão surgindo através da escuta dos entrevistados, todavia sempre respeitando a imparcialidade nas respostas dos mesmos.

Na entrevista, as seguintes perguntas serviram de roteiro:

- 1) Conte-me um pouco da sua história de vida. Onde nasceu, quando veio ao Paranoá?
- 2) Você teve acesso à educação quando criança? Relate um pouco sobre isso.
- 3) Como e onde você aprendeu a escrever seu nome?
- 4) Participou do Programa DF Alfabetizado? Como foi essa experiência para você?
- 5) Como foi sua vinda para a Escola Classe 03 do Paranoá? Por que se matriculou nessa escola?
- 6) O que sentiu quando escreveu seu nome pela primeira vez?
- 7) O que o fato de “escrever seu nome” mudou a sua vida?
- 8) Você conhece a história do seu nome? Por que seus pais escolheram esse nome para você?
- 9) Você chegou a sofrer algum tipo de preconceito por não saber escrever o seu nome? Já se sentiu envergonhado/constrangido em alguma situação? Se se sentir a vontade, conte-me algum caso.

1.4. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

A participação nos Projetos 4, (1º/2015 e 2º/2015) foi fator determinante para que eu pudesse adentrar ao espaço de estudo. O Projeto 4 corresponde ao estágio obrigatório do curso e contém duas fases, sendo que cada uma tem a duração de um semestre. Trata-se de um momento importante para a constituição da práxis educativa. A minha participação no Projeto foi juntamente com o GENPEX.

Cheguei até a Escola Classe 03 do Paranoá através da participação no GENPEX que é um grupo de pesquisa da Faculdade de Educação/ Universidade de Brasília. Até 2015 o mesmo era coordenado pelo professor Renato Hilário dos Reis e com sua aposentadoria foi

assumido pela professora Maria Clarisse Vieira.

O Grupo trabalha com educação popular e tem por objetivo desenvolver o ensino, a pesquisa e a extensão universitária. Atualmente é composto por estudantes, ex-estudantes, professores/as e ex-professores/as da graduação e pós-graduação da UnB, além de outros/as envolvidos/as. Atua em comunidades do entorno do DF, como Taguatinga através da Socioeducação, que atende jovens em condição de semiliberdade e com jovens e adultos/as do CEDEP (Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá) o qual tem parceria com o programa do GDF o DF Alfabetizado.

No capítulo seguinte, serão apresentados mais detalhes acerca da Escola Classe 03 do Paranoá, local onde esse trabalho foi construído.

CAPÍTULO 2

2. A CHEGADA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO PARANOÁ

2.1. UM BREVE RELATO SOBRE A TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO PARANOÁ

A história da Educação de Jovens e Adultos no Paranoá se entremeia à história da constituição da capital federal na região central do Brasil. O Governo Juscelino Kubitschek que trazia em seu lema de desenvolvimento e esperança para a nova Capital Federal tinha como um de seus propósitos principais transformar 50 anos de evolução em 5 anos de governo. JK tinha como sonho e utopia transformar o Brasil em uma pátria moderna e desenvolvida. Essas ideias foram semeadas no imaginário dos brasileiros a época de tal forma que muitos se evadiram de suas cidades natais para a nova capital com o intuito de melhorarem suas condições de vida e trazer maior bem-estar à suas famílias.

Os “candangos”, como eram chamados estes indivíduos (aqueles que vieram para construir a Capital da Esperança) não tiveram um início fácil, enfrentando muitas dificuldades como falta de moradia, educação, saúde e trabalho.

Essas dificuldades também foram enfrentadas pelos operários que se concentraram na construção da Barragem do Lago Paranoá, que ao concluírem seus trabalhos não tinham onde morar. Segundo Silveira (2013, p.131), o Paranoá ou Vila Paranoá surgiu em 1957 a partir da construção da Barragem do Paranoá, apesar de relatos afirmarem que a ocupação da região ter começado muito antes disso, como por exemplo, com a Fazenda Paranoá.

Os operários que não ocuparam as casas desocupadas pelos engenheiros que engendraram as obras ficaram à margem da vida social tendo que agrupar suas famílias e pertences em barracos de madeira em invasões, na esperança constante de uma vida melhor. Esses moradores das chamadas ocupações organizaram-se de forma a garantir sua subsistência bem como os serviços básicos necessários à vida em comunidade: água, luz, emprego, alimentação, escola.

Com o passar dos anos, esses operários trazem seus familiares e cativam amigos deixados em seus estados de origem a virem para Brasília na esperança de construir uma vida melhor e também na possibilidade de aquisição de moradia na nova capital.

É iniciado um processo de lutas para fixação neste local, próximo a barragem do Lago Paranoá. Reis (2000) faz analogia ao processo de “invasão” como forma de desqualificação do movimento por parte do governo, distinguindo o mesmo termo como “ocupação” pelos migrantes futuros moradores daquele local.

[...] o Estado: sociedade política rotula a ocupação dos moradores de “invasão”. Com isso, tenta desqualificá-la, caracterizando-a, como indevida e ilegal. Por isso mesmo, não tem interesse em prover os bens de serviço, porque corresponde a uma legitimação da invasão. “Invasão”, segundo leitura do governo. “Ocupação”, na ótica dos migrantes que se tornam moradores da vila Paranoá-DF. E daí a consequência da violência sob formas diversas, uma delas, a derrubada de barracos construídos. (REIS, 2000, p.12)

Esses moradores não são bem vistos pelas redondezas considerando que nas proximidades da ocupação do Paranoá está o Lago Norte e Lago Sul que foram ocupados por pessoas com alto poder aquisitivo, haja vista sua proximidade a orla do lago Paranoá. Esses moradores então são enxergados como um enorme problema para o governo da época, por fugirem do padrão ao qual aquela área se reservara.

Em 1964, com a ditadura militar, os grupos de educação popular foram vistos como ameaça para ordem e, com isso a grande maioria foi silenciada. Neste contexto é criado o Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização), criado pela Lei N. ° 5.379 de 15 de dezembro de 1967, como forma de controlar a população e, ao mesmo tempo, formar mão-de-obra barata para as indústrias no país. Este movimento esteve em voga durante 20 anos, e o mesmo manteve-se com base no ensino através de leituras descontextualizadas, que não aclamavam a história de vida dos alunos, nem mesmo suas necessidades. Baseava-se literalmente na prática de conhecer as letras e escrever o nome próprio se manteve com práticas de leitura e escrita descontextualizadas.

No início dos anos 1980, havia um clima de instabilidade entre os ocupantes do Paranoá e o governo, com iminente conflito. É formado um grupo de jovens em igrejas católicas da região denominado Grupo Pró-Moradia, como forma de se opor a orientação política da então Associação de Moradores que era conivente com as ações do governo da época.

O Grupo Pró-Moradia sabia que era necessário expandir seus ideais para além dos muros da igreja e assim lutar por melhores condições de vida, água, luz, educação e principalmente moradia.

A Associação de moradores também veio a agregar neste período de lutas, uma vez que almejavam interesses coletivos com vistas a acomodar de forma mais satisfatória a comunidade. Essa associação tinha como prática de pegar abaixo-assinados e levar aos gabinetes das autoridades, todavia sem muito sucesso. Foi a partir da luta desse grupo de pessoas que conseguiram o primeiro chafariz com vistas a abastecer a vila Paranoá. Com vistas a garantir esses interesses, este grupo tentou mobilizar os moradores a participarem das reuniões da Associação de Moradores, por meio de panfletos, todavia a grande maioria daqueles moradores eram analfabetos, fato este que dificultava a participação popular na tomada de decisões.

Entre os momentos de crise, onde existiam brigas para ter onde morar, ter água para beber, briga entre os moradores antigos e os novos, a população da vila Paranoá foi crescendo e entre estes fatos o movimento foi se intensificando cada vez mais.

O governo era radical com esses ocupantes e muitos episódios remontam a uma época de violência com aqueles que tentavam ocupar os espaços para moradia. Segundo Reis (2000, p.17) as ações da TERRACAP (Órgão administrador de todas as terras públicas do Distrito Federal) eram avassaladoras. Os moradores das invasões construía seus barracos à noite e de manhã a mesma vinha e agressivamente quebrava e derrubava tudo.

Após muitos entraves e conflitos, com a institucionalização da Associação de moradores este Grupo Pró-Moradia assume a direção do mesmo, conseguindo através do suor

de suas lutas contra o Estado garantir maior participação popular da comunidade e proporcionalmente a pressão do Governo.

É importante ressaltar que o interesse pela alfabetização de adultos não surge isolada ao conjunto de lutas daquela população em formação, conforme afirma Reis (2000, p.24) onde cita que em [...] gênese a alfabetização de jovens e adultos, está misturada ao conjunto das necessidades postas pelos moradores do Paranoá, e como tal, responde a uma lógica dos interesses que estes moradores, organizados em sua Associação tinham em vista.

Sob nova direção, a Associação de Moradores do Paranoá mesmo marcada por um histórico de lutas por melhores condições de vida, passa a se negar a dar continuidade aos trabalhos de alfabetização, entendendo que esse papel era de exclusividade da Fundação Educacional do DF.

Nesse período se intensificam as negociações com a Fundação Educacional do Distrito Federal para que fossem criadas turmas de alfabetização para atender os moradores. Todavia, estes processos de apoio pedagógico em pleno momento de ações de desocupação do local engendrariam no fortalecimento da ideia de fixação dos moradores no Paranoá, e isso não era a vontade do Governo.

Apesar da Lei Distrital n° 4545, de 10 de dezembro de 1964, o Paranoá ter sido reconhecido como Região Administrativa (GDF, Administração Regional do Paranoá, 2016), foi apenas através do Decreto N. ° 11.208 de 17 de agosto de 1988, que garantiu a fixação definitiva do Paranoá, algo, até então, historicamente, inédito em Brasília.

Atinente a este contexto, a alfabetização de jovens e adultos surge com a luta popular, marcada com um principal objetivo: ensinar a ler, escrever, calcular, discutindo e buscando solução para os problemas do Paranoá. Com esse intento, pressionam o Estado, fato ao qual não lograram êxito. Reis faz a seguinte explicação:

[...] Mobral já estava acabando no Brasil, o governo resolveu implantar algumas turmas de alfabetização de adultos no Paranoá, que duraram de 4 a 6 meses no máximo. [...] O Mobral não tinha estrutura, mas o esforço de alguns de seus monitores, possibilitaram que algumas pessoas que não

sabiam escrever nada, viessem a aprender a escrever o próprio nome. Essas pessoas se sentiram bem e queriam continuar a estudar para melhorar a situação de vida. O Mobral, então é extinto pelo governo. Diante desse fato, essas pessoas procuram a associação de moradores e solicitam a volta do Mobral, mas ele estava morrendo no país inteiro. Diante da insistência e de falas do tipo: "Nós queremos continuar a aprender a ler e escrever.

A Comissão de Educação então se reúne, elabora uma proposta e a discute com a Fundação Educacional do Distrito Federal (FEDF). Enquanto isso, o pe. José Galli, vigário do Paranoá, sede um espaço na igreja onde é montada uma turma de alfabetização, dando oportunidade a essas pessoas de continuarem o aprendizado da leitura e da escrita. **Esse na verdade, constitui o primeiro grupo de alfabetização de jovens e adultos do Paranoá, por iniciativa da própria comunidade.** (REIS, 2011, pag.25, grifo nosso)

Dada a necessidade de alfabetizar a população, em 1986, o movimento popular procura a Universidade de Brasília (UnB) em busca de um trabalho de alfabetização similar ao trabalho já realizado no Gama, sob coordenação da Professora Marialice Pitaguary da Faculdade de Educação da UnB, tentando implantar algo similar no Paranoá.

Ao firmarem esse elo com a Universidade de Brasília, o movimento popular busca não somente ensinar a ler e escrever os moradores, mas de certa forma politizá-los, onde surgiria daí um modelo diferenciado de educação, conforme cita Lourdes, sujeito de análise em Reis (2011).

A gente imaginava assim: ensinar a ler e escrever, mas também discutir. Continuar sendo espaço de discussão e de encaminhamento dos problemas da comunidade, coisa que não acontecia no âmbito da alfabetização institucional. (REIS, 2011, p.31)

Sendo assim, vendo a necessidade de um espaço para aprender, conversarem sobre seus problemas e resolvê-los e considerando que este local não seria através da rede pública de ensino, a qual representa a vontade do governo e que faz uso de um modelo de educação bancária, a Associação de Moradores juntamente com a população local decide por criar no dia 2 de agosto de 1987 o CEDEP – Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá, sediada à Quadra 09 Conjunto “D” AE Lote 01, Paranoá/DF, onde seriam realizados trabalhos relacionados à alfabetização de jovens e adultos em parceria com a Faculdade de Educação (FE) da UnB, educação infantil, atividades culturais, esportivas e de cidadania, sempre na perspectiva do atendimento à criança, ao jovem, ao adolescente, ao adulto e ao idoso em situação de vulnerabilidade social e exclusão social.

Em 2008 o CEDEP passa a atender o Itapoã com turmas de alfabetização. Mantendo a mesma perspectiva de ensino que ocorre no Paranoá que é alfabetizar para que as pessoas saibam além de ler e escrever, como também sejam sujeitos politizados e passíveis de exercer sua cidadania.

2.2. O CEDEP E A ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS

O diferencial do processo de alfabetização desenvolvido pelo CEDEP, segundo Reis (2011) é o acolhimento, a “amorosidade” com que os sujeitos são tratados. Quando falamos de pessoas as quais os direitos de acesso à leitura e escrita foram restringidos, seja pelo motivo que for, estamos diante de pessoas que sentem na pele o estigma da exclusão, fazendo com que esse processo acolhedor garanta com seu bem-estar e, por conseguinte a permanência no processo educativo.

O CEDEP foi se consolidando enquanto local de acolhida desse público de adultos que querem se alfabetizar, todavia eram formadas poucas turmas para a alfabetização de jovens em adultos, pois o centro atendia em pequena escala a um grupo reduzido de alfabetizandos da comunidade.

Em 2011, é implantado o DF ALFABETIZADO pelo então governador do DF, Agnelo Queiroz. Este programa é remanescente do programa Brasil Alfabetizado, iniciado em 2003 pelo presidente Lula.

O desafio principal do programa era alfabetizar 10 mil pessoas a partir da criação de 500 turmas, ainda no ano de 2011. A partir dessa premissa, houve um salto na formação de turmas no Paranoá-Itapoã e a atuação da Universidade de Brasília se intensifica por intermédio do GENPEX e suas frentes de trabalho.

Em 2015, com a transição de governo Agnelo para o governo Rodrigo Rollemberg, ocorre um impasse acerca da continuidade do DF Alfabetizado e a incerteza sobre a continuidade do programa se instala.

Neste ínterim, o GENPEX/UnB e o movimento popular passam a atuar na Escola Classe 03 do Paranoá, auxiliando na manutenção do processo formativo dos educandos na linguagem informática como forma de garantia que os espaços ora conquistados não se perdessem.

Essa articulação juntamente com o movimento popular foi fundamental para o GENPEX ter acesso a escola e este fator foi primordial para conseguirmos o apoio da Regional de Ensino. Essa é uma demanda antiga do Movimento Popular, como expresso por Lourdes, sobre o ocorrido na década de 1980.

Houve o impasse com os professores da rede oficial. Tivemos muitas discussões e eles não aceitaram muito bem a proposta. Depois de muita conversa, a gente viu que não ia dar certo. Resolvemos então deixar a estrutura que tínhamos montada de um trabalho todo diferente. [...] Com isso, resolvemos de novo, já tínhamos saído do Mobral, deixar o espaço institucional e continuar nos espaços comunitários. Eles continuaram lá com a política tradicional. Fizemos um recuo tático, mas hoje, eu entendo que se tivéssemos aprofundado e levado avante essa discussão, poderia ter sido o grande gancho para uma transformação muito mais geral e profunda do como fazer educação no Paranoá. (REIS, 2011, p.33-34)

Em 2016, essa parceria entre UnB e CEDEP completa 30 anos, onde a persistência do trabalho de alfabetização de jovens e adultos se reassume a partir da formação continua de alfabetizadores populares feito todos os anos. Um ponto fundamental na parceria entre UnB e CEDEP é a constituição do quadro de alfabetizadores:

Os alfabetizadores são escolhidos entre os moradores do Paranoá. A organização popular faz uma seleção prévia. Uma das condições estabelecidas, é a da disponibilidade para se desenvolver um trabalho junto aos moradores não alfabetizados, sem se ter garantia prévia de remuneração ou algum tipo de ajuda de custo, embora, isso faça parte. (REIS, 2011, p.61).

Neste sentido os alfabetizadores são formados da própria comunidade, sendo esta característica de fundamental contribuição na construção da identidade do trabalho. Ao longo dos anos, o CEDEP construiu a sua prática alfabetizadora contando com o apoio do trabalho voluntário de educadores populares.

Os estudantes da Pedagogia da UnB se envolvem neste processo com a proposta curricular do curso de Pedagogia, nos Projetos 3, 4, e 5 que preveem essa inserção das práticas do pedagogo ao processo formativo de alunos e educadores da Educação de Jovens e Adultos, da qual este trabalho de pesquisa resulta.

2.3. A ESCOLA CLASSE 03 DO PARANOÁ E A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Em 2003, com o governo Lula, a Educação de Jovens e Adultos passou a ser vista como “prioridade”³ através do Programa Brasil Alfabetizado, onde o Governo Federal conclamou a população a mobilizar-se para alfabetizar os jovens e adultos que, por direito devem ter acesso aos benefícios advindos da leitura e escrita.

Segundo a Lei nº 9.394/96, Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional, no caput do artigo 37, a Educação de Jovens e Adultos [...] será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria e, seu § 1.º, estabelece que:

Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. (BRASIL, 1996)

Essa modalidade de ensino é destinada aos sujeitos que por algum motivo ao longo de sua história de vida, seja qual for, não tiveram acesso ao sistema de ensino ou dele foram excluídos. A escola desempenha papel fundamental na garantia desse direito, uma vez que através dessa instituição que os sujeitos alcançarão seu desenvolvimento pessoal, garantindo o pleno exercício de sua cidadania e também conseguindo alcançar o mérito de uma boa qualificação profissional, preparando-se assim adequadamente ao mercado de trabalho.

Importante ressaltar que o acesso ao ensino não é o único fator necessário para que esse processo ocorra, sendo fundamental também garantir a esse público condições de

³ Segundo o discurso político.

permanência no sistema, principalmente dentro da Educação de Jovens e Adultos que é caracterizada por um universo de alunos com diversidade de idades, histórias de vida, aprendizagens diversificadas, habilidades de conhecimento do mundo entre outras várias especificidades. Para acolher esse público, as escolas e os professores precisam reconhecer essa essência e se aprimorar de tal forma a construir uma aprendizagem significativa para esse aluno.

Partindo desse pressuposto, para obter as percepções necessárias à construção desta pesquisa, foi necessário adentrar no espaço escolar. Esse contato se deu por meio da abertura que a Escola Classe 03 localizada na Quadra 17 do Paranoá, onde juntamente com o GENPEX auxiliamos um grupo de estudantes das Ciências da Computação/UnB que estava desenvolvendo um projeto de ensino da linguagem informática para os educandos de Educação de Jovens e Adultos.

Nesse contexto, conseguimos desenvolver um trabalho de auxílio ao processo de alfabetização daqueles sujeitos, utilizando o computador como instrumento nessa jornada, trabalho este que rendeu bons frutos: Ao mesmo tempo em que aprendiam a manipular o computador, eles aprimoravam os conteúdos aprendidos em sala de aula.

A Escola Classe 03 do Paranoá faz parte da Regional de Ensino do Paranoá, pertencente ao Governo do Distrito Federal. Trata-se de uma instituição pública que atende a Educação de Jovens e Adultos no período noturno. A escola fica situada na Quadra 17, Conjunto “C”, Lote 8 Paranoá/DF.

A Escola atende à Educação Infantil, Educação Fundamental, e a Educação de Jovens e Adultos em seu 1º segmento desde o ano de 2013. Essa inserção da Educação de Jovens e Adultos ocorreu devido à intervenção do movimento popular que juntamente a Secretaria de Educação do DF identificou a necessidade de implantação dessa modalidade na citada escola.

A Escola Classe 03 foi construída nos anos 1980 e entregue à comunidade em junho de 1990. Possui 15 salas de aula, cantina, sala dos professores, sala de direção, almoxarifado, uma sala de recursos, uma quadra de esportes, uma sala de informática e uma

biblioteca, as duas últimas são utilizadas pelos alunos da Educação de Jovens e Adultos. Nos tempos de seca, as salas de aula, que são cobertas por telhas de amianto, chegam a ter altíssimas temperaturas.

Neste ambiente há o desenvolvimento de diversos projetos que constam no Projeto Político Pedagógico tais como intervenções na área de alimentação, do respeito ao próximo, da saúde, da família, da leitura e aprendizagem e acolhimento à comunidade. Resultado maior desse bom trabalho executado é que a escola se tornou referência na cidade, onde conseguiu alcançar a nota 6,7 no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), igualando-se ao índice médio do ensino privado.

Em se tratando de recursos materiais, a escola possui muito material disponível para utilização, tais como: salas de aula com televisão e ventilador, data show, aparelho de som, jogos e brinquedos para o momento de intervalo dos estudantes.

As salas de aulas são organizadas em cadeiras enfileiradas. Mesa do professor na frente, quadro verde atrás. Decoração e desenhos infantis em toda a sala.

Um aspecto importante de ser ressaltado é que a Escola classe 03 do Paranoá é toda preparada para receber a educação infantil. Suas salas são munidas do clássico alfabeto que apresenta as letras em suas formas, palavras e desenhos dos “bichinhos” que eles representam. Esse alfabeto fica acima do quadro branco. As salas são compostas de aproximadamente 30 carteiras e uma mesa para o professor, além de 4 armários e 3 murais de avisos, provavelmente utilizados apenas pelos educadores dos turnos contrários.

No período noturno, onde se concentra a Educação de Jovens e Adultos, a escola possui cerca de 103 estudantes (matriculados no início do ano de 2016) distribuídos em 4 turmas do 1º segmento, uma para cada etapa. As turmas, como a maioria das turmas da Educação de Jovens e Adultos, são bem heterogêneas e a média é de 25-28 alunos por turma.

Segundo dados da CODEPLAN (2016), da população total do Paranoá, 70,09% não estudam. Dos que estudam, 24,07% frequentam a escola pública, 0,30% em período integral e os outros 5,54% em escolas particulares. Os dados também demonstraram que

quase metade da população (43,94%) tem ensino fundamental incompleto, e o número de analfabetos sofreu queda. Em 2013, pessoas que não sabiam ler nem escrever representavam 4,48%. A PDAD 2015 apresentou diminuição de 0,45% na estimativa, com porcentual de 4,03%.

A escola possui 9 professores no turno noturno, entre eles 4 são efetivos e 5 temporários. Todos possuem graduação e, a maioria, pós-graduação *lato sensu* ou outra graduação. Dois desses professores têm mais de 12 anos de Secretaria de Educação do Distrito Federal - SEDF, os demais possuem, no máximo, três anos de experiência. Cabe ressaltar que todos realizam a jornada de 60 horas semanais⁴, ou seja, entram em sala pelo menos duas vezes por dia.

A escola atende ao público do Itapoã, Lago Norte e Paranoá, sendo desta última região a grande maioria. A faixa etária dos estudantes é entre 28 e 88 anos, sendo a maioria absoluta formada por mulheres. A religião predominante é a católica seguida da evangélica. Com base na vivência com os alunos ao longo dos anos 2015/2016, percebi que a grande maioria veio da região do nordeste brasileiro e um dos principais motivos para não terem estudado foi a origem pobre de suas famílias onde havia a necessidade de trabalhar muito cedo para garantir a própria sobrevivência.

Pelos mais variados motivos, o retorno para a escola constitui uma possibilidade de aquisição do conhecimento formal com vistas à elevação da escolaridade, possibilidade de ascensão social e econômica ou à retomada de sonhos e projetos pessoais e coletivos interrompidos no passado. (SEDF, 2013, p.9).

Ainda com relação à vivência, é perceptível que esses sujeitos retornam para escola por vários motivos, trazendo consigo diversas aspirações e sonhos que foram interrompidos no passado. O retorno aos estudos, com a perspectiva de aprender a ler e escrever, possibilita a aquisição da carteira de habilitação, poder escrever o nome no documento de identidade, fazer cursos e, por último, um dia chegar a fazer um curso superior. Essas pessoas querem poder gozar da cidadania e alcançar lugares mais altos onde só a educação formal poderá levá-los.

⁴ Muitos professores executam durante o dia as 40 horas/semanais e complementam as demais 20 horas à noite.

CAPÍTULO 3

3. ESTUDOS REALIZADOS NA ÁREA DE ALFABETIZAÇÃO E SIGNIFICAÇÃO DE SUJEITOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Esta pesquisa tem por objetivo compreender as significações da identidade de sujeitos da Educação de Jovens e Adultos, especificamente em uma escola localizada na Quadra 17 do Paranoá – Escola Classe 03. Para tanto, foi realizado levantamento bibliográfico sobre o tema em artigos da área de educação, publicados em periódicos nacionais nos últimos cinco anos.

Esse conjunto significativo de pesquisas conhecidas pela denominação "estado da arte" ou "estado do conhecimento", definidas como de caráter bibliográfico, parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir a produção acadêmica acerca da Educação de Jovens e Adultos, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes estudos. Também são reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busco investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho e no conjunto deles, sob os quais o tema escolhido para estudo passa a ser analisado.

Para esse levantamento, foram utilizadas as seguintes palavras chave: Educação de Jovens e Adultos, analfabetismo, letramento, identidade e escrita do nome.

A pesquisa foi realizada em periódicos da plataforma SCIELO (*Scientific Electronic Library Online* – biblioteca eletrônica de periódicos científicos), bem como no site de pesquisas *Google*.

As pesquisas realizadas na plataforma SCIELO foram nas revistas: Cadernos de Pesquisa, Ciência e Educação, Educação e Realidade, Educação e Sociedade, Educação em Revista, Educação e Pesquisa e Revista Brasileira de Educação. Os artigos encontrados são:

Tabela 1 – Trabalhos encontrados na plataforma SCIELO

Autor	Título
Clarice Salete Traversini	Autoestima e Alfabetização: O que há nessa Relação?
Fernanda Maurício Simões e Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca	Apropriação de práticas de letramento escolares por estudantes da Educação de Jovens e Adultos
Marcela Fulanete Corrêa, Cláudia Cardoso-Martins e Larissa Assunção Rodrigues	O Conhecimento do Nome das Letras e sua Relação com o Desenvolvimento da Escrita: Evidência de Adultos Illetrados
Valdemar Sguissardi	Decifrando a História e o Estigma do Analfabetismo no Brasil

Fonte: Scielo

O artigo de Traversini (2009) teve como objetivo analisar as práticas de alfabetização de jovens e adultos de forma a promover um resgate da autoestima dos indivíduos. Com base nos discursos extraídos do programa Alfabetização Solidária publicados em periódicos de circulação nacional, a proposta principal do artigo era averiguar as implicações do desenvolvimento da autoestima neste grupo de alunos e quais avanços foram alcançados por meio desta prática. Relaciona como fatores favoráveis e desfavoráveis a permanência desses alunos na Educação de Jovens e Adultos, como a baixa autoestima sendo um problema enfrentado na manutenção do programa; a necessidade do desenvolvimento da autoconfiança, e o resgate da autoestima dos alunos por meio da mudança de suas condutas diárias. A modificação dessas práticas eleva a autoestima e melhoram a relação com os outros indivíduos, onde o envolvimento entre eles fica mais sólido e as relações educativas acontecem de forma mais favorável, reduzindo fatores como a evasão e aumentando o alcance do programa.

Importante ressaltar que o texto relata alguns episódios vergonhosos marcantes na vida desses educandos quanto ao fato de não saberem ler nem escrever, onde muitas vezes

criam uma relação de dependência alheia ao terem que assinar algum documento, ler o destino de uma lotação e até mesmo escrever pequenas mensagens para parentes distantes. A vergonha de si mesmo, a auto opressão e o complexo de inferioridade geram nesse público a baixa autoestima. Para tanto, a autora ressalta que uma vez que a visão que o indivíduo tem de si mesmo melhora, as condições de resultados no processo de alfabetização ocorrer serão mais significativas.

O público da Educação de Jovens e Adultos é composto basicamente de pessoas que trabalham ao longo do dia e que ao chegarem em sala de aula, geralmente à noite, encontram-se esgotadas fisicamente. Em sua maioria, trabalhadores do campo, domésticas, apesar de todos esses empecilhos encontram na vontade de aprender a força de que necessitam para continuarem seus estudos e assim alcançarem sucesso no sonho de melhorarem suas condições de vida, bem como sujeitos que se sentem integrantes da sociedade ao qual vivem, enxergando assim novos horizontes, mais vastos e ricos. Conclui com a afirmação de que a autoestima antes mesmo de ser uma questão individual a ser tratada nas esferas educacionais deve ser adotada como uma estratégia de atuação para a busca de melhores resultados.

Simões & Fonseca (2015) promovem um debate acerca do modo como jovens e adultos estudantes da educação básica se apropriam da leitura e escrita para além de sua aplicabilidade usual e sim como forma de assegurar uma dimensão mais apurada no contexto de sua dimensão sociocultural, marcada pelas contingências contextuais e as relações de poder arraigadas na sociedade capitalista ao qual estamos inseridos. Esse processo de significação vai além das práticas letradas escolares, abrangendo assim um amplo contexto social.

A dialógica desse processo se irmana a um modelo ideológico de letramento contrapondo-se ao modelo de autonomia no apoderamento desse saber ler e escrever, de forma a garantir os desenvolvimentos cognitivos e econômicos, a mobilidade social, o progresso social e profissional, bem como garantir o direito à cidadania deste indivíduo.

As considerações das autoras buscam levantar questionamentos acerca das práticas pedagógicas que visam aprimorar o planejamento, o desenvolvimento e a avaliação continuada dos processos educativos de alunos da Educação de Jovens e Adultos,

considerando que estes indivíduos estão carregados de histórias de vida peculiares e aspectos sociais singulares. Como objetivo final, visa levantar a questão sobre os apontamentos acerca dessa avaliação da forma como o processo de alfabetização e suas práticas de leitura e escrita escolares e não escolares podem influenciar na construção de novas práticas de ensino para esse público.

No artigo de Corrêa, Cardoso-Martins & Rodrigues (2010), as autoras realizaram a observação de 19 alunos da Educação de Jovens e Adultos que ainda não haviam começado a ler desafiando-os a escrever uma lista de palavras da melhor forma que pudessem. Considerando se tratar de adultos iletrados⁵, as pesquisadoras constatam que esses indivíduos utilizam de seu conhecimento acerca do nome das letras para conectar escrita e fala. Ante isso, muitos indivíduos conseguiram escrever apenas as sílabas.

As pesquisadoras começam seus argumentos afirmando que as crianças utilizam o seu conhecimento do nome das letras para conectar a escrita à fala e que este fator tem vital importância no desenvolvimento da escrita. Esse fenômeno é defendido por Emília Ferrero em seus estudos, todavia as autoras criticam a generalidade dos conceitos afirmando ainda que a conexão entre a escrita e a fala fazem parte do desenvolvimento da criança. Quando falamos de Adultos, as autoras tentam evidenciar se isso ocorre apenas na fase infantil ou se estende também a adultos iletrados.

Constataram que assim como as crianças, os adultos estudados baseiam-se no seu conhecimento do nome das letras para conectar a escrita da fala, onde a maioria das letras escritas correspondiam àquelas cujo nome poderia ser escutado na pronúncia da palavra. Apesar do número limitado de sujeitos de pesquisa, as autoras conseguem conjecturar que,

[...] a julgar pelos seus resultados, o uso do nome da letra para conectar a escrita à fala não é um fenômeno específico do desenvolvimento infantil, mas uma estratégia utilizada por pré-leitores em geral, independentemente da sua idade ou nível de desenvolvimento. (CORRÊA, CARDOSO-MARTINS & RODRIGUES, 2010, p.164)

⁵ As autoras utilizam a o termo “adultos iletrados” referindo-se a “adultos analfabetos”, sendo que minhas concepções pedagógicas apreciam melhor a segunda denominação.

A resenha de Sguissardi (2011) tenta traçar as significações relativas ao estigma do analfabetismo no Brasil abordadas no livro História inacabada do analfabetismo no Brasil de Alceu Ravanello Ferraro, publicado em São Paulo pela Editora Cortez no ano de 2009. O autor tenta elucidar que a construção social do analfabetismo deve ser enfrentada como uma problemática nacional, acentuada por conta das desigualdades regionais e finalmente afirmando que a escola é um local que infelizmente não consegue resolver a questão no analfabetismo.

No livro é apresentado um panorama acerca da história do analfabetismo no Brasil, evidenciando as muitas práticas que acentuam essa perpetuação como as citadas anteriormente. Nesse levantamento histórico, as práticas adotadas pelos governos ao longo das décadas que tinham por objetivo apenas criar mão de obra barata para atuação em estruturas capitalistas de governo. Não havia preparo eficiente para a pessoa adulta, como podemos evidenciar pela criação do MOBREAL, a chamada “a pedagogia dos homens livres” e que na verdade só como sucesso fazer com que a pessoa “desenhasse” seu nome e aprendesse as operações elementares.

Ao longo do texto, evidencia-se que o analfabetismo está interligado às desigualdades étnico-raciais ainda muito presentes no país, as desigualdades de classe social, de gênero e ainda de uma relação interligada dos três fatores.

Quanto à influência da escola neste processo de perpetuação do analfabetismo, o autor transcreve que,

[...] não basta superar a exclusão da escola mediante a expansão e até a universalização do acesso. Importa transformar a lógica de exclusão historicamente veio regendo o processo de escolarização das camadas populares (FERRARO, 2009, apud SGUISSARDI, 2011, p.248-249).

Posso conjecturar que na Educação de Jovens e Adultos, ao longo dos processos de observação na Escola Classe 03 do Paranoá, que a construção do conhecimento destes indivíduos se dá de forma mais produtiva quando ocorre coletivamente. Os alunos auxiliam uns aos outros no processo educativo, seja ao compartilharem conhecimento ou até mesmo ao acompanharem seus conhecidos até as salas de aulas. Um incentiva ao outro e o

apoderamento obtido através do saber é evidente nos sujeitos que foram observados ao longo da constituição deste trabalho.

Na pesquisa realizada no site de pesquisa *Google*, foram encontrados os seguintes trabalhos:

Tabela 2 – Trabalhos encontrados no *Google*

Autor	Título
Adriana Lima Monteiro e Ana Paula Monteiro de Moura	A história identitária dos alunos da EJA e o perfil do profissional que atua nessa modalidade
G.F.M. dos Santos	A influência da escola nos processos identitários de estudantes do Programa Educação de Jovens e Adultos (EJA): O caso de uma escola pública da periferia de Aracaju-SE
Priscila Marengo Segrilo e Albina Pereira de Pinho Silva	Alfabetização e Letramento na Educação de Jovens e Adultos
Giselle Almada Souto	Relações identitárias de Alunos da EJA com o ensino de língua portuguesa.
Álamo Pimentel	As narrativas identitárias das produções textuais em educação de jovens e adultos.
Maria de Lurdes Valino	Identidade e Alfabetização

Fonte: *Google*

O artigo de Monteiro & Moura (2012) estuda as histórias de vida dos alunos da Educação de Jovens e Adultos e o seu processo identitário com base em discussões realizados nas disciplinas de Fundamentos e Metodologia da Educação de Jovens e Adultos. Trata-se de um estudo bibliográfico de cunho qualitativo em que os conceitos de identidade são definidos segundo Carvalho (2011, apud Monteiro & Moura, 2012, p.2) como “categoria teórica que explica e expressa muito bem o seu caráter social, histórico, dinâmico e transformador do homem, do seu psiquismo e da sua forma de expressão, a subjetividade”

O histórico da Educação de Jovens e Adultos, relata os autores, iniciou-se com a chegada dos portugueses e jesuítas no Brasil no séc. XVI. No entanto, foi na década de 1940 que a Educação de Jovens e Adultos ganhou impulsos na educação brasileira ganhando status gratuito e obrigatório no bonde veloz e impulsionador do processo de industrialização. No final da década de 1950 graças ao trabalho de Paulo Freire tem-se um novo método consolidando o Plano Nacional de Alfabetização, mas veio os retrocessos trazidos pelo golpe militar de 1964 com a criação do Mobral que por sua vez foi extinto dando lugar a “Fundação Educar” sendo também destituída em 1990 ficando a Educação de Jovens e Adultos sem recursos e materiais didáticos. A constituição de 1988 ampliou essa modalidade, porém, colocam os autores, é necessário integrar os saberes escolares ao campo de valores éticos e morais, responsabilidades sociais e familiares do alunado que possui histórias de vida que ao serem discutidas e vivenciadas por meio de reflexões proporcionam um dinamismo que alavancam o processo de ensino e aprendizagem.

Dessa forma, o uso das histórias de vida permite a educador e educando romperem os limites de uma educação bancária promovendo a dialogicidade principalmente tendo em vista que o perfil dos alunos de Educação de Jovens e Adultos é marcado pela marginalização e pela falta de comprometimento e de uma postura ativa e cidadã na sociedade. Assim é necessário que o profissional da Educação de Jovens e Adultos busque uma formação contínua de forma a integrar e melhorar essa modalidade que concluem os autores precisa de políticas específicas que atendam as características desses alunos.

O artigo de Santos (2011) é um estudo realizado com 45 estudantes de um programa de Educação de Jovens e Adultos da cidade de Aracaju que se propõe a estudar qual a influência da escola nas dinâmicas identitárias desse grupo.

O trabalho surge a partir de questionamentos quanto aos elementos que formam o núcleo do que vem a ser identidade proposta por Giddens (2002, apud Santos, 2011, p.1) como um projeto dinâmico do indivíduo que tem como objetivo ordenar sua trajetória cotidiana tendo em vista as transformações sofridas nessa dinâmica principalmente do mundo globalizado. Hall (2003, apud Santos, 2011, p.2) citado pelo autor, afirma que esses indivíduos sofrem de um processo de fragmentação de identidade, tornando os ambientes escolares importantes espaços de socialização e dimensionamento das produções identitárias.

Por meio das interações que ocorrem nas escolas e a consequente produção de discursos e representações permitem e atuam sobre o processo de formação dos indivíduos.

Conclui o autor que após análise dos dados quantitativos e qualitativos que embora as respostas tenham encontrado variação de resultados quanto ao tema identidade foi possível perceber uma forte e desejada identificação com a escola/educação que vai além de um processo autoreferidor e simbólico de si mesmo indo ao encontro da busca de um projeto político-pessoal.

O trabalho de Segrillo & Silva (2011) destaca os resultados sobre alfabetização e letramento de jovens e adultos objetivando o entendimento sobre as práticas de leitura e escrita dos estudantes. Após observações e análise de cadernos e entrevistas observou-se que ocorreu uma confusão da professora desse estudo sobre o que seja alfabetização e letramento em que a mesma considerou os dois processos como iguais, fato que é contestado por Soares (2001, apud Segrillo & Silva, 2011, p.207) que consideram os mesmos como processos distintos embora devam andar juntos. Um ponto positivo percebido no estudo foi a valorização da professora sobre as experiências de vida dos seus estudantes. Os autores consideram finalmente que a Educação de Jovens e Adultos requer que os seus profissionais sejam receptivos às dificuldades e que façam a mediação tendo em vista a demanda social.

O estudo de Souto (2011) mostra os primeiros resultados sobre as histórias de vida de alunos que participam do Educação de Jovens e Adultos em que são analisados os discursos desses sujeitos na perspectiva da análise de conteúdo buscando entender quais relatos denotam tanto a presença quanto a perda de identificação com o ambiente escolar. O resultado da análise permitiu concluir que embora haja discursos que mostram a incapacidade ou dificuldade do aluno frente ao processo de aprendizagem e de condução da vida escolar nota-se também uma via de depoimentos em que o processo “iluminador” e realizador do ambiente escolar é sentido pelo sujeito. O que leva a se pensar que cabe a escola produzir e estimular os discursos de liberdade e limitar aqueles que inviabilizam a realização dos indivíduos.

O artigo de Pimentel (2016) baseia-se em reflexões sobre os textos empíricos produzidos por alunos do Educação de Jovens e Adultos onde se busca relacionar a produção

de textos em sala de aula como narrativas de identidade que permitiriam a leitura dos contextos socioculturais aos quais estão inseridos seus autores. Utilizando a antropologia de Clifford Geertz o autor discorre sobre as narrativas que formam um todo que dá sentido à experiência vivida pelos indivíduos estudados. Assim são percebidas narrativas marcadas pela questão étnico-racial, a ligação entre história individual e histórico local dos sujeitos, o significado da escola na vida do aprendente e a história e significado do nome na vida dos alunos que mostra um desvelar simbólico que liga a vida do sujeito ao seu contexto familiar. Assim percebe o autor que o processo de aprender a escrever é pleno de significações e sentidos e que se comunica com o contexto pedagógico das práticas escolares.

O trabalho de Valino (2016) sobre identidade e alfabetização analisa o processo de transformação que ocorre na identidade de jovens e adultos em processo de alfabetização. A identidade é analisada enquanto processo contínuo e estruturante que através das relações sociais ganham impulso e aparece nas diversas trocas sociais estabelecidas pelo sujeito. O sujeito analfabeto percebe sua identidade como relacionado a falta de condições econômico-sociais tendo seus saberes depreciados e um forte estigma se estabelece e cristaliza sobre a percepção de si mesmo sendo dominada pelo papel de “analfabeta”.

O processo de alfabetização é marcado pela superação de várias dificuldades como a percepção de que esse processo levará o aluno a uma nova condição social e que isso pode levar a vivência de sentimentos antagônicos o que pode levar ao fracasso escolar. Dessa forma a mudança de analfabeto para alfabetizado é entendida como tendo cinco momentos que vão desde a percepção da “falta” até a superação dos limites, ou seja, das dificuldades relativas à escrita e leitura. Nas entrevistas os sujeitos relataram suas dificuldades seja pela questão do meio social de origem em que o meio urbano foi considerado um fator impulsionado. Percebe-se também que a autoimagem do analfabeto é tida como negativa e que ao frequentar a escolar traz modificações importantes como o aumento da segurança e maior independência. A escrita do nome foi colocada como uma conquista que apresenta um significado psicológico importante. O autor enfatiza que o processo de transformação identitária do aluno de Educação de Jovens e Adultos é sobremaneira individual, cultural, histórica e principalmente um processo de cidadania.

Considero que esta é a parte mais importantes do trabalho aqui apresentado. Neste capítulo pude relacionar o assunto principal de minha pesquisa com as obras publicadas relativas ao assunto. Esse momento auxiliará na construção de novos postulados, conceitos e paradigmas. Não seria possível começar a falar sobre a significação identitária da escrita do nome em sujeitos da Educação de Jovens e Adultos, sem antes abordar questões relativas à identidade, processualidade na construção do conhecimento, autoestima, estigmas e preconceitos, história de vida, analfabetismo, identidade e subjetividade do sujeito adulto.

CAPÍTULO 4

4. O NOME PRÓPRIO COMO FATOR DE CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DO SUJEITO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

“O nome de um homem não é como uma capa que lhe está sobre os ombros, pendente, e que pode ser tirada ou arrancada a bel prazer, mas uma peça de vestuário perfeitamente adaptada ou, como a pele, que cresceu junto com ele; ela não pode ser arrancada sem causar dor também ao homem”.

Johann Wolfgang Von Goethe

4.1. A HISTÓRIA DE VIDA DO ALUNO E O ACESSO A EDUCAÇÃO NA INFÂNCIA

A sociedade em que estamos inseridos impõe aos sujeitos um domínio da leitura e escrita, haja vista que em todos os espaços sociais estão voltados a pessoas que possuam escolarização. Isso abre a discussão sobre se o indivíduo é ou não alfabetizado, ampliando essa premissa de que a pessoa é capaz de superar a capacidade de codificar e decodificar os símbolos.

A aquisição da leitura e escrita não é um produto unicamente escolar, mas resultado de um longo processo formativo de apropriação e construção, onde aprender a linguagem escrita é construir estruturas de pensamentos capazes de abstrações elaboradas. Esse processo serve para que possamos compreender criticamente o ambiente à nossa volta.

Neste contexto, Monteiro & Moura (2012, p.2), afirmam que as histórias de vida constituem um valioso instrumento pedagógico e caminhos metodológicos no processo de ensino e aprendizagem da Educação de Jovens e Adultos, uma vez que contribui para a compreensão de valorização das especificidades que compõem a identidade desses sujeitos.

O histórico de vida da pessoa se torna indispensável sobremaneira para possibilitar um aprendizado mais significativo e próximo da realidade do aluno, considerando que a negação das várias identidades e experiências vivenciadas seria como excluí-lo ainda

mais da sociedade e do ambiente escolarizado.

As histórias de vida do estudante apresentam não somente aspectos de sua trajetória pessoal, profissional e educativa da Educação de Jovens e Adultos, mas proporciona a troca de experiências, a visão de mundo desse sujeito, expondo suas concepções e se posicionando acerca do que vivencia. Sendo assim, alfabetizar através desse método possibilita reflexões a fim de promover a melhoria de vida desses sujeitos, fato que dinamiza o processo de ensino-aprendizagem.

DONA NEUZA – Bom, eu nasci em Goiás, município de Mambaí/GO. Eu vim pro Paranoá, não para Brasília em 72 (1972), fiquei em Brasília desde 1972. Em Paranoá eu to com 11 anos aqui no Paranoá, e comecei a estudar tem 3 anos no EJA.

DONA ELISABETH – Bom, eu morava em Bom Jesus da Lapa/BA. Nasci lá, me criei lá, casei lá, tive meus filhos e daí vim pra cá só eu e Deus com a cara e a coragem e os filhos. Cheguei aqui sem ter moradia, sem nada... Sem nada... Oxi, cheguei aqui só com a cara e a coragem mesmo! Ai eu cheguei aqui e foram os amigos, amigos não conhecidos assim sabe, ai ele me deu um apoio lá, uma moradia para os filhos.

SENHOR EDMAR – Eu praticamente sai do Piauí eu tinha uns 14/15 anos eu fui para o Pará e fiquei lá uma temporada. Arrumei família, eu fiquei muitos anos lá. Vim passear no Piauí de novo com a família já grande, já comecei família, fui solteiro e voltei casado. E ai eu resolvi dar um passeio aqui em Brasília conhecer uma tia, tinha mais família aqui, tinha não, tenho, e daí nesse passeio de 4 dias aqui fiquei 6 meses, eu vi que aqui tinha um rumo de eu dar uma melhoria para a minha família, meus filhos e realmente Graças a Deus eu to dando né, é qual o motivo de hoje eu estar estudando né...

SENHOR VILMAR – É... Quando eu sai lá da Bahia, vim de lá trabalhar aqui e passar uns 6 meses trabalhando. Ai desses 6 meses, foi a primeira vez que eu vim, nesses 6 meses eu to aqui já tem 8 anos já que eu to aqui. Mas não pretendo voltar para morar lá não. Só a passeio mesmo. Mas, tá muito bom aqui, foi a melhor cidade que eu gostei, já tive ali em Planaltina, mas foi a melhor cidade que eu gostei. Meus irmãos tudo mora aqui também, só mora na Bahia só minha mãe e uma irmã mais nova. (Trechos de gravação da entrevista realizada em 18/05/2016)

Ouvir a história de vida de um aluno da Educação de Jovens e Adultos possibilita ao educador compreender as razões que levam uma pessoa a procurar a alfabetização, mediante o enfrentamento de uma sociedade, como falamos anteriormente que diferencia arduamente aqueles que “sabem” dos que “não sabem”, e isso auxilia na construção da imagem pessoal, social, reconquista de direitos e dignidade.

A história pessoal desses jovens e adultos é marcada pelas diferentes vivências na sociedade de que participam, e sua identidade tem múltiplas fontes de referência a partir das quais foram construídos os conhecimentos, os valores, as crenças. No entanto, nem sempre eles se reconhecem como agentes nessa sociedade, porque eles sofrem os efeitos dos mecanismos de exclusão social próprios de uma sociedade de classes. (ALBUQUERQUE & LEAL, 2010, p.18)

Quando indagados acerca do acesso à educação formal na infância, os alunos da Escola Classe 03 do Paranoá apresentaram diversas respostas, expondo motivos relacionados a ajuda familiar com o sustento, dificuldade com a distância considerando que moravam na roça bem como a desistência por conta de a escola não ser um local tão acolhedor quanto aparenta ser, principalmente para o público mais humildade.

DONA NEUZA – Muito pouco. A gente foi criado na roça, interior né, não tinha como estudar. A gente ia pro colégio um mês, desistia por que tinha que trabalhar para poder a gente se sustentar né? Por que era muito difícil naquela época, aí a gente quase não estudou. A gente aprendeu mais ou menos o nome. Depois que a gente aprendeu a assinar o nome aí eu vazei e vim pra Brasília. Daí eu tentei estudar, aí não consegui, desisti...

DONA MARIA - Nada... Não aprendi nada, não fiz nada. Não tinha né por que o lugar era longe, morava na roça. Só aqueles fazendeiros que tinham os filhos que levava de cavalo para a cidade para estudar. Eu mesmo não estudei nadinha, nadinha, nadinha.[...] eu fui morar na casa do pai de criação, aí que ele me botou no serviço e foi rapando de mandioca, e era coisa de farinha e isso aquilo tudo. E aí botava um monte de mandioca e nós ia raspar de noite e raspar e botar ali.

SENHOR EDMAR – Eu lembro que minha mãe me botou no colégio, era a carta do ABC né, com uma letra “mais grande”, outra “mais maior” e outra menor um pouquinho. [...]. Como a gente não conseguiu aprender eu acho no período de um mês, menos de dois meses, ela falou “-Bom, já não aprendeu a ler nem escrever, vem então que vai ter que trabalhar por que eu nunca aprendi a ler, eu sei muito é trabalho então vocês vão ter que trabalhar!” [...] Naquele tempo, você obedecia mãe e pai, e eu fui criado só por mãe, só que graças a Deus e agora eu digo uma coisa ela me ensinou muito, a trabalhar, respeitar as pessoas... Isso aí eu devo a ela, eu agradeço a Deus que hoje é o que eu tento passar para os meus filhos. E até por que ela não podia dar o estudo para nós por que era sozinha para criar 7 filhos... Uma mulher só, não deu a nenhum de nós, então realmente ela foi uma guerreira né, não posso cobrar nada dela. Então é isso, mais um motivo para abraçar minha causa de o meu estudo né, é isso... o estudo é tudo na vida. (Trechos de gravação da entrevista realizada em 18/05/2016)

Segundo Arroyo (1992, apud Valino, 2016, p.3), a constituição do estado de analfabetismo começou na infância, com a situação socioeconômica da família, o que contribui para que a frequência na escola fosse interrompida ou nunca iniciada. O autor ainda

afirma que a essa situação de pobreza econômica aliou-se a histórica “cultura da exclusão” que ainda é presente no sistema escolar brasileiro. Ao entrar em contato com uma realidade cultural diferente, mediante a alfabetização, seus papéis se modificam e simultaneamente sua identidade.

Uma informação é importante ressaltar que essa falta de acesso a educação na infância não vem carregada de sentimentos de culpabilidade da família, ressaltando que era uma necessidade ajudar a com o trabalho.

Ao longo das entrevistas, me deparei com as palavras de um dos estudantes que afirmou que apesar de ter tido acesso à educação, enquanto criança queria saber apenas de brincar, fugindo da escola e que atentou-se tardiamente da oportunidade que teve, vindo a se arrepender.

SENHOR VILMAR – É, minha mãe me matriculou em um colégio, meus irmãos tudo estudou mas eu quando era criança o meu negócio mais era brincar ai eu fazia, enganava ela e fazia que ia pro colégio, e ficava no meio da estrada lá brincando, esperava os outros voltar para ela achar que eu tava estudando também mais... (risos) [...] Ai corria do colégio, e nunca fui lá. Ai eu vim me arrepender tarde depois, por que lá no interior quase as pessoas dependem do estudo, mas de umas coisas dependem de um momento aqui né, ai quando eu vim para cá eu só sabia mesmo escrever meu nome e não era nem muito bem feito. (Trecho de gravação da entrevista realizada em 18/05/2016)

4.2. O RETORNO AO AMBIENTE ESCOLAR E OS DESAFIOS NA (RE) CONSTRUÇÃO DE SONHOS: A SUPERAÇÃO, A VONTADE E A FÉ

No caminho a ser percorrido pelo aluno até o ingresso na escola muitas barreiras devem ser ultrapassadas. Primeiramente ele deve dissociar a ideia de alfabetização como “coisa de criança”; a segunda seria superar a vergonha (tanto de desconhecer a linguagem escrita quanto de freqüentar a escola com mais idade).

Para esse adulto, a tarefa de aprender as coisas tem grande carga de dificuldade, pois o mesmo não acredita na possibilidade de aprender em função da crença de que analfabeto não aprende ou por conta da idade mesmo, como na expressão do Senhor Edmar, um dos entrevistados, que chegou a ouvir “*burro velho só presta para puxar carroça, por que eu to velho pra que eu estou estudando*”; e até o medo de enfrentar o novo e desconhecido.

Algumas pessoas utilizam-se de suas dificuldades para justificar seu medo, seja o cansaço mental, a memória fraca, a dificuldade de escutar e enxergar, a falta de mobilidade física, dores e afins.

Dentre os lugares-comuns que circulam nas conversações a respeito da educação na idade adulta está o ditado popular “papagaio velho não aprende”. De fato, uma das fontes do preconceito em relação aos analfabetos reside na suposição de que a ausência das habilidades de leitura e escrita ou sua aquisição “tardia”, quando adultos, restringiriam o desenvolvimento psicológico ou cognitivo dos indivíduos ou grupos sociais (GALVÃO & DI PIERRO, 2012, p.79)

Grande parcela da população brasileira não alfabetizada está sendo excluída de exercer plenamente sua cidadania por não ter acesso ao ensino fundamental e quando alcança, pouco é feito para que sua permanência no ambiente escolar seja satisfatória. A essas pessoas é limitado o direito a escolaridade, ao domínio do sistema de escrita e das práticas sociais que envolvem o ato de ler e escrever.

O governo, mediante suas ações (conforme brevemente citado no Capítulo 02 deste trabalho) vem adotando gestões para amenizar esse problema, com vistas a garantir o bem estar da parcela da população não alfabetizada. Uma dessas ações é o programa DF ALFABETIZADO.

Muitos alunos da Escola Classe 03 do Paranoá participaram do programa e ao serem questionados sobre como foi a experiência, relatam o processo de ingresso no programa, o recrutamento de pessoas e os desafios enfrentados, e como isso ajudou no retorno aos estudos.

DONA NEUZA – Muito boa. Boa demais! A gente era pra ter descoberto antes... E tinha, a gente que não... Sempre eles passavam na porta lá “-Você quer estudar?” “-Não!”. Ai essa minha amiga, ela veio primeiro e fez a matrícula aqui... “-Não comadre vamos estudar?!” “- Não vou estudar não, a gente já tá velho, pra que estudar, né?” “-Não, pra gente fazer companhia, pra não vir sozinha!”... ai eu falei assim “-Não, tudo bem”. Ai a gente ta estudando, e to aqui até hoje.

DONA ELISABETH – Olha, por causa da minha filha trabalha nisso, a Jô... [...] Sempre ela me falava assim: “-Ai mãe, vai pra escola, vai pra escola” ai eu dizia “-Minha filha, pra escola!?! Eu chego do serviço morta de cansada, ai eu vou pra escola ainda, chegar tarde da noite em casa e fazer tudo ainda... eu só deixa eu quieta no meu canto!” Agora que tá meus filhos todo criado, todo mundo adulto, casado, que eu disse “-Bom, pode fazer o que? Então eu tenho de ir para a escola”, por que ficar só dentro de casa e

resolvi vim e to aqui sabe. (Trechos de gravação da entrevista realizada em 18/05/2016)

O trabalho árduo dos educadores populares em recrutar as pessoas para participarem do programa é fundamental para o sucesso do programa. Eles vão de porta em porta fazendo o convite e isso auxilia na formação de turmas. Esses agentes atuam nos mais diversos locais como a igreja, o hospital e outros espaços sociais.

DONA MARIA - Não, nós estávamos na igreja, então ela falou assim que ela ia assim, era professora e ia ensinar as pessoas que não sabiam ler. E eu tenho muita vontade de aprender meu nome, né... Então ai ela foi lá em casa, anotou meu nome, tudo, meu endereço, tudinho né, ai nós tá vendo, mas nós não estamos certo ainda por que nós estávamos estudando em outro colégio e era muito escuro né, então ela achou esse aqui e agora que a gente vai começar firme né... Começar firme! Ai nós viemos hoje para conhecer aqui e para quando ela não for buscar nós, nós já saber onde que é, por que tem outra senhora, amiga minha que vem também... Hoje ela não veio por que tava muito cansada. (Trecho de gravação da entrevista realizada em 18/05/2016)

Muitos desafios são enfrentados nesse retorno aos estudos, considerando que as aulas de alfabetização geralmente ocorrem à noite, após uma extensa jornada de trabalho, o que exige do aluno persistência e vontade com o intuito de aprender a ler e escrever.

A vontade de aprender seria uma condição para elevar sua autoestima mobilizando-os não apenas a permanecer na sala de aula para se alfabetizar como também construindo uma representação deles próprios como “bons alunos” para si e para os outros: professores, coordenadores e visitantes. (TRAVERSINI, 2009, p.585)

A persistência em ingressar a escola e poder se matricular fica evidenciado no seguinte trecho de um dos educandos.

SENHOR EDMAR – Na realidade a minha vinda aqui para a Escola Classe 03 foi tipo teimosia né, por que eu já falei e repito quantas vezes for necessário, ninguém vai tirar a minha vontade de estudar, só

quando eu quiser parar mesmo. (Trecho de gravação da entrevista realizada em 18/05/2016)

Cansaço, distância, finanças escassas, violência, falta de transporte são alguns dos fatores que dificultam esse retorno.

DONA NEUZA – Foi por meio dela por que eu não estava pensando em estudar não. Chamava minhas colegas da rua, por que eu moro longe né? [...] (eu moro) Lá na 07, já descendo lá pra baixo lá. A última parada ali pra baixo. Ai eu falei assim, vou não, é muito longe comadre, eu tenho medo de vir, que você vê como andam as coisas hoje em dia né, ai disse assim: “- Não vamos embora” ai eu vim, to gostando! Ai foi por causa dela que eu vim, se não tava em casa assistindo televisão e não vale a pena.

SENHOR EDMAR - Hoje mesmo eu cheguei tão enfadado que eu deitei, pus a bolsa e deitei na cama para não vir, cansado, ai foi que eu digo “-Não, eu vou ter que ir, se eu não for eu não vou colher mais um fruto!”, peguei, botei a bolsa nas costas e to aqui. E é isso... (Trechos de gravação da entrevista realizada em 18/05/2016)

A crença na espiritualidade, a religião, sempre são citados nos discursos dos alunos e isso sem sombra de dúvidas é um fator que impulsiona a permanência na escola. Frequentemente o nome de Deus é citado, demonstrando que a fé deles é algo imutável e sempre agradecem por estarem na escola em Seu nome. Esses elementos de letramento (uso da leitura/escrita) muitas vezes tem como suporte as redes de apoio encontrados em grupos religiosos.

DONA ELISABETH – Com fé em Deus, se eu tiver viva até lá eu faço... [...] Eu tenho fé em Deus, primeiramente em Deus, depois em mim e nas professoras né, nas professoras para me ajudar. Por exemplo, dizer assim “- Me ajuda a fazer isso, por eu não sei, não sei a letrinha assim, assim, me ajuda... ai elas me ajudam com todo carinho, todo carinho! [...] Às vezes eu quero ir para a igreja, pra igreja e ler a bíblia e toda vez que eu vou e chego assim perto de uma amiga e digo “-abri ai pra mim, abre, abre assim” ... Mas eu não sei qual é o texto que tá ali, eu não sei...é isso que eu quero aprender também...sabe... ler a bíblia ali ó, ler, ler mesmo e ir lá na frente, lá na frente e falar...e falar... Disse “-Olha, aquela que não sabia de nada, hoje eu sei um pouquinho!”(risos) sei um pouquinho... Eu vou pegar ali ó, ó, ler ali tudinho que eu tenho vontade, eu tenho vontade... (Trecho de gravação da entrevista realizada em 18/05/2016)

Segundo Albuquerque & Leal (2010, p.24) as atitudes e crenças religiosas dos próprios alunos são como uma fonte de experiências que poderiam ser compartilhadas nas

interações em sala de aula, bem como resgatar informações preciosas sobre os valores éticos de cada um dos aprendizes. Atrelado à fé está a vontade de realizar sonhos de caráter intelectual, demonstrando a máxima beleza e humildade de seus espíritos.

SENHOR EDMAR - Eu acredito que Deus não vai tirar eu assim tão cedo e acredito que Deus vai me dar muitos anos de vida e eu quero fazer uma escrita disso, eu quero fazer um livro, eu não sei vou assim, sair assim na mídia assim e tal, mas alguns amigos que estudou comigo, alguns professores eu sei que vai saber, vou procurar alguns e vou mostrar, por que para mim no meu pensamento, acho que isso é uma incentivoção por que têm muitos jovens hoje que esta jogado ai no meio da rua, bebendo, envolvidos com drogas por que as pessoas não incentivam ele, cabeça fraca né, o cara chega e aluga a cabeça dele e ele já é fraco mesmo de mente e cai [...] Então é isso, para mim, no meu pensamento assim eu quero fazer assim uma coisa para ficar marcado, não por orgulho ou dizer que vou fazer para ganhar dinheiro, não! É por que eu acho que vai ficar assim, que nem a gente vê assim muitos livros por ai escrito “fulaninho de tal” assim assim, tal setor de Pernambuco, ou Bahia, ou qualquer estado né, não tem os livros? Que lutou, que estudou e tal, então isso é um pensamento que eu tenho não sei se vai realizar, Deus é quem sabe! É um pensamento, uma marca né! (Trecho de gravação da entrevista realizada em 18/05/2016)

Para esses estudantes, além das aspirações pessoais em aprender a ler e escrever está à vontade de contribuírem de alguma forma para a construção de uma sociedade mais justa e acolhedora. Nesse sentido, os ideais religiosos se fazem presentes e se contrapõem com a pratica das ações proclamadas nos templos religiosos.

4.3. VIVENDO OS PRECONCEITOS, DISCRIMINAÇÕES E ESTIGMAS

Os sujeitos não alfabetizados são afetados continuamente pelas exigências sociais do domínio da escrita, fazendo com que ser analfabeto deixe de ser uma questão apenas das praticas sociais para ser causa de um estigma profundo na constituição identitária dos indivíduos.

O sentimento de vergonha por não saber ler e escrever explicita-se ainda mais quando o analfabeto precisa assinar documentos com o polegar ou depende do auxilio de outras pessoas para identificar a rota de ônibus, reconhecer preços de produtos, ler documentos oficiais e escrever cartas aos seus parentes e amigos distantes. (TRAVERSINI, 2009, p.578)

O preconceito, o sentimento de opressão e de inferioridade, a vergonha, o estigma por não saber ler e escrever são condições que fortalecem a baixa estima. A mudança desse

paradigma dentro do ambiente escolar deve centrar-se em praticas educadoras emancipatórias (considerando que Paulo Freire e suas ideias são tão difundidas nos cursos de formação de professores) e na no resgate da autoestima do aluno, pois será a partir desse ponto que as metas desejadas serão alcançadas.

Ao serem questionados sobre a ocorrência de algum fato relacionado a preconceito e discriminação por seu analfabetismo, os estudantes, por vezes emocionados, relataram ocorrências tristes ao longo de suas vidas. Histórias marcantes e que causam comoção e revolta.

DONA NEUZA – Muito, muito, muito. Você chegar em um lugar assim e eles me dão uma ficha pra eu preencher e eu não dar conta de preencher aquela ficha. [...] “-Sabe ler não?!” muita gente fala. Se a gente pergunta assim, alguma coisa... Às vezes a gente tava na parada de ônibus e perguntava “-Para onde esse ônibus vai?” o pessoal falava “-Não sabe ler?” Isso é um preconceito, não é? Ai eu sentia vergonha. Às vezes pegava o ônibus pela cor do ônibus, por que tem os ônibus com aquela cor da cidade, né.

DONA ELISABETH – [...] “Moço, você sabe aqui pegar o ônibus aqui, sabe onde é?” nada, nada sabe?! Cansava de pegar o ônibus e descia acolá, sem eu saber sabe [...] Assim, eu tava na parada de ônibus, de ônibus, pra pegar ônibus, né, deixa eu perguntar para as pessoas e faziam assim como que não estavam nem me ouvindo... Assim “-Meu Deus do céu, e agora?” Daí eu perguntava, me ensinavam errado, eu pegava, não sabia! Não sabia... Daí eu ia lá e perguntava ao motorista e ele falava “-Não! Esse aqui não chega lá nesse canto não, para onde você quer ir não, de jeito nenhum!”... Tinha de descer novamente, tornar a voltar ou a pé ou de ônibus, lá para a parada que eu peguei esse errado, para poder pegar o certo...

DONA MARIA - Não, assim... Eu tenho... Por que tudo a gente tem que perguntar, né... É tá assim é como a história dela... Ai a gente vai em um lugar, no sabe onde é e tem que perguntar as pessoas onde fica, onde que a gente pega (ônibus), tudo é dificuldade para a gente. (Trechos de gravação da entrevista realizada em 18/05/2016)

Segundo Galvão & Di Pierro (2012, p.24) os sucessivos constrangimentos e experiências de discriminação levam à corrosão da autoestima dos indivíduos, que acabam assumindo a identidade deteriorada e assimilando ao próprio discurso as metáforas depreciativas. Ainda segundo as autoras, o analfabeto é concebido como um ser ignorante e desprovido de meios de discernir entre o certo e errado.

A condição de analfabeto provoca nos alunos vários sentimentos nocivos à dignidade humana, como a frustração e incompletude, já que isso acarreta a dificuldade de pegar um ônibus, de ler um cartaz e até mesmo se informar através de conteúdo escrito. Os próprios meios de comunicação são responsáveis por salientar esses estigmas.

A veiculação de um discurso sobre o analfabeto que o identifica, de modo geral, à menoridade, à falta, à pobreza e à dependência é recorrente em diversas instancias da sociedade contemporânea. Cotidianamente, esse tipo de representação é produzido e disseminado, às vezes pelo próprio analfabeto que o incorpora e legitima (GALVÃO & DI PIERRO, 2012, p.31)

Esse resgate da autoestima seria uma importante estratégia para facilitar a aprendizagem, melhorando suas vidas e proporcionando a felicidade, autonomia e inclusão social. Abaixo segue o relato de um dos alunos analisados que expressa bem com a relação autoestima e vontade de garantir direitos fez com que o mesmo se sobressaísse acerca de uma situação grave e extremamente constrangedora. O relato a seguir é um exemplo de empoderamento possível a partir do letramento.

*SENHOR EDMAR - Quando eu cheguei lá na prefeitura tinha um cidadão lá, de terno e gravata, daqueles “moreninhos” do cabelo agarrado na cabeça, acho que ele me viu amarelo e pensou assim “-Foi o cara que me xingou né!?” (risos), por que eu sou dessa cor... eu só sentei na cadeira... “-Bom dia!?”, “-Bom dia!”, “-Tudo bem?!”, “-Tudo bem!”, até aí foi beleza né, fui tirar minha identidade, que ele botou os papéis lá né e eu falei que não sabia assinar meu nome... pra que?!... Foi o mesmo que ter dado um murro na cara dele... **Só não me chamou pelo nome mesmo de EDMAR, sabe, mas de ignorante, burro, cavalo, tudo quanto foi de nome ele me xingou...** E ele falou, falou, falou eu calado, só olhando para ele, quando ele calou um pouquinho eu falei “-Senhor, o senhor já terminou tudo o que tinha que falar comigo?” ele falou “-Já!”, “-Então o senhor tenha uma boa... licença, me dá licença para eu falar umas palavrinhas pro senhor também? Por que eu ouvi o senhor e eu queria tivesse uma boa educação de me ouvir também”, ele falou “-Sim!”, eu falei “-O senhor é um doutor formado, não é por que o senhor tá de terno e gravata que deve ser um doutor formado... não é?” ele falou “-Eu sou, muito bem!”, “- Então por que o senhor esta fazendo essa ignorância tudinho em cima de mim? O senhor sabe se eu fui pro colégio? Sabe se eu tinha pai, mãe? Sabe se eles me colocaram no colégio? Qual o motivo que eu não estudei pro senhor me chamar esses nomes tudinho aí? E de me chamar de ignorante, de tudo?”, eu falei “-Olhe, eu sou um ser humano igual o senhor, e eu to aqui atrás dos meus direitos, não to querendo os direitos do senhor não! To atrás dos meus direitos! [...] Ai nisso graças a Deus vinha entrando o chefe, aí quando ele escutou isso ele bateu palma “-Muito bem, quer dizer que eu deixo você pra tirar o documento das pessoas aqui e você faz é ficar pagando sapo para as pessoas que não sabe fazer o nome? NÃO É ASSIM NÃO! E nisso você pode*

levantar da cadeira ai, eu nem sei se você vai perder o emprego!” e daí eu disse “-Senhor também não precisa fazer isso!”, “-Não, sente aqui” e ele foi levantando e eu disse “-Oh moço, quando você for falar com outra pessoa, você fala de outra maneira que ninguém tem culpa do senhor ser o que o senhor é não, digo mais eu vou lhe falar uma coisa, com os poderes de Deus hoje eu to tirando minha identidade sem saber fazer meu nome mais o resto dos meus documentos com os poderes de Jesus [...]” Eu fiz assim para ele (batendo no braço mostrando força) “- [...] eu vou tirar com os braços, com o punho dos braços que Deus me deu!”. E quando eu sai dali eu comprei um caderno, passei na rua comprei um caderno, comprei uma lapiseira, comprei uma borracha e todo dia eu pedia para os meus companheiros que sabia escrever para fazer meu nome e os documentos tudinho o resto eu tirei tirado com o meu nome, eu tirei reservista, tirei carteira de trabalho, título de eleitor, tudo já assinado o nome. (Trechos de gravação da entrevista realizada em 18/05/2016)

Dentre as citações, existem várias outras relacionadas à violência e discriminação e que causam bastante rancor, todavia devem ser combatidas com boas práticas educativas e com uma boa intervenção do governo na implementação de programas sociais que beneficiem esse público, em sua grande maioria idoso. É preciso ter honra, respeito e consideração a todos aqueles que vieram antes de nós. Respeitar a sabedoria dos mais velhos, seja ela qual for e não somente por sua idade como também pela sua dignidade enquanto ser humano.

4.4. ASSINANDO O NOME PELA PRIMEIRA VEZ – A MODIFICAÇÃO DO IMAGINÁRIO DO ANALFABETO A PARTIR DO INÍCIO DA LEITURA E ESCRITA.

Para o sujeito da Educação de Jovens e Adultos aprender a ler e escrever é uma condição quase que fundamental para que o mesmo se insira no mundo urbano, no campo de trabalho e nos demais setores da sociedade.

A primeira aprendizagem que deseja um estudante da Educação de Jovens e Adultos é a assinatura (o desenho do nome). Para eles escrever o nome pela primeira vez traz consigo todo um resgate de sonhos e desejos que foram minados pela falta de escolarização. A felicidade em poder escrever o nome próprio em trabalhos escolares, em documentos, em formulários é altamente significativa.

DONA NEUZA – Muito bom, olha por que eu escrevia meu nome e ficava adivinhando sabe, às vezes eu escrevia até errado e às vezes eu via minha

assinatura assim, às vezes pega muita assinatura e tem assinatura que saia errado. Agora eu já assino sem medo.

SENHOR EDMAR - Eu só sabia meu nome, copiava só no caderno, hoje eu já escrevo e já leio alguma coisa, posso escrever. (Trecho de gravação da entrevista realizada em 18/05/2016)

Essa escrita do nome é um dos fatores que mais impulsionam o aluno a permanecer em classes da Educação de Jovens e Adultos. Nos locais onde as pessoas não encontram maiores motivações para prosseguir no estudo, os alunos, segundo Galvão & Di Pierro (2012, p.17) procuram ao menos superar o constrangimento da exposição social da condição de analfabetos aprendendo a assinar o próprio nome.

No contexto das turmas do DF ALFABETIZADO que se iniciaram na Escola Classe 03, ficou perceptível na fala das entrevistadas que além de aprender a ler e escrever, existe a vontade de escrever o nome de forma correta, entendendo o que está sendo escrito, não apenas copiando de outro lugar.

DONA MARIA - O nome, eu não escrevia meu nome, mas agora eu disse, eu vou... Quando ela me chamou eu disse “eu vou sim aprender meu nome!”.[...] To começando agora... Hoje eu fui e escrevi aqui o nome (mostra a mão com o nome “Maria” escrito na palma) a metade né... [...] Pois é... Fiz uma colinha na mão.

DONA ELISABETH – Bom, sei assim sabe, só a primeira letra, mas olhando lá, olhando o que tá lá copiado, eu faço cá, sabe... Eu faço.

SENHOR VILMAR – Ah, foi muito bom né! Por que, eu, é como eu disse, quando eu vim da Bahia, eu não aprendi no colégio, aí o pessoal de casa mesmo ficou me ensinando em casa eu escrever meu nome. [...] Aí eu fui escrevendo meu nome em casa, só pegando e escrevendo [...] tipo desenhando... Ai demorou um pouco eu já tava escrevendo, caprichei primeiro, só o primeiro nome mas depois fui no sobrenome, aí já dei conta mas não ficou o nome bem feito mesmo, sempre faltava uma letrinha. Mas aí depois eu treinei bastante e aí já consegui fazer o nome todo, todo certo (Trechos de gravação da entrevista realizada em 18/05/2016)

Quando o avanço no processo de alfabetização se consolida, fica evidente a felicidade nos comentários dos alunos. Muitos se emocionam, deixando transparecer que aprender a ler e escrever foi uma das coisas mais importantes que ocorreram em suas vidas, obviamente após o nascimento de sua prole.

*SENHOR EDMAR – [...] Hoje mesmo minha esposa mandou mensagem para mim eu tava no Lago Norte trabalhando na casa de um doutor [...] Ai eu falei “- Aqui tá chovendo muito, tá muito frio!”... Eu tava mexendo com uma grama lá e a grama tá debaixo de água e ela escreveu “-Pois aqui não está chovendo, tá um pouco frio!”. **E aquilo eu consegui ler e fiquei tão feliz que se for vergonha pra mim é felicidade, eu chorei de tanta alegria que eu mandei mensagem e ela mandou de texto escrito e eu li. Então é um dos motivos de eu vir pra cá é isso. [...] Por que antes se você escrevesse para mim me xingando, com licença da palavra, qualquer nome né, eu lhe agradecia, eu ficava era sorrindo para a sua cara. Se você hoje escrever me xingando na mesma hora eu pego aqui, já olho pra você e digo “-Rapaz, ta me xingando por quê? Como você tá me xingando?”... Então isso é uma gratificação.** (Trecho de gravação da entrevista realizada em 18/05/2016)*

4.5. CONCEITO DE NOME

O nome próprio serve para identificar o sujeito, identificar não somente no sentido de diferenciá-lo de outros, mas também na construção do processo simbólico da identidade da pessoa. Seguindo Martins (1991, p.11) não podemos aceitar a ideia simplória e cartesiana de que o nome é somente um sinal que marcaria o outro, como um estímulo qualquer.

Conforme elucidada Melo (2013, p.7) o nome e as formas de nomeação são uma prática cultural, essencial para identificar os indivíduos, onde muitas teorias buscaram ao longo dos séculos darem conta das determinações sociais e culturais da função dos nomes, particularmente os nomes próprios.

A palavra nome deriva do latim *nomen*, do verbo *noscere* ou *gnoscere* (conhecer ou ser conhecido). Em pesquisa livre, o substantivo masculino nome é caracterizado como “palavra ou locução com que se designa uma classe de coisas, pessoas, animais, um lugar, um acidente geográfico, um astro etc.; denominação, designativo, designação”.

A palavra nomear é originária do latim “*nomino – chamar pelo nome, citar, mencionar*”. No nosso dicionário da língua portuguesa “*designar pelo nome, dar nome: denominar, nominar*”. Na expressão “*nomem essentiam rei probat*”, o nome prova a essência da coisa, expressão muito utilizada em tribunais de direito, podemos fazer a primeira análise sobre a profundidade desse elemento.

O ser humano nomeia tudo: objetos, animais, empresas, ruas, avenidas, rios. Ao conhecer uma pessoa, a primeira coisa que ouvimos do indivíduo é seu nome, bem como ao realizarmos uma ligação, preencher uma ficha, ou seja para tudo, o nome é o sinal que identifica e individualiza a pessoa na sociedade e na família, constituindo direito da pessoa. Ele praticamente nasce com a pessoa e a acompanha durante toda a vida. Não se extingue com a morte. Pelo contrário: permanece vivo na memória daqueles que a conheceram. Sempre pelo nome o extinto será lembrado.

Muitas vezes não nos damos conta da importância que o nome próprio, uma vez que a nomeação fala tanto daquele que dá o nome, como daquele que recebe o nome, assim como da cultura em que ambos estão inseridos.

No Brasil comumente são usados nomes como José, João, Maria, Paulo, Francisca, Lourdes, entre tantos outros. Em outras culturas, esses nomes também são utilizados, todavia com suas variações linguísticas de cada local.

O nome próprio é um fator cultural. Os indivíduos são identificados em suas culturas dentro do contexto em que seus nomes são escolhidos no ato da nomeação. Podemos observar que este desejo em nomear um filho geralmente vem como homenagem a alguém da família, tanto com o mesmo nome, como também através do alongamento do mesmo, sendo comum também o uso das denominações neto, sobrinho, filho ou bisneto, depois dos sobrenomes.

A transmissão do nome comporta, em seu seio, desejos. Transmitem-se neste caso, através de contato afetivo e da linguagem, potencialidades que se realizarão tanto em uma patologia quanto em um pretense sucesso. Transmite-se também a tradição que, quanto mais rígida for, maior será a exigência (MARTINS, 1991, p.30)

No código civil brasileiro (Lei N. ° 10.406 de 10 de janeiro de 2002) em seu art. 16 está escrito que *“toda pessoa tem direito ao nome, nele compreendidos o prenome e o sobrenome”*, entendendo ser direito inalienável à condição humana. Também no código civil está a forma como a escrita do nome e sobrenomes devem aparecer na certidão de nascimento, *“o nome e sobrenome que foram dados à criança, caso o sobrenome não tenha sido indicado, o oficial do estado civil deverá escrever após o nome, o sobrenome do pai e*

caso falte, o da mãe”. Outros aspectos relativos ao nome são tratados ao longo da lei, como o Capítulo II (Direitos da Personalidade), do Título I (Das Pessoas Naturais), do Livro I (Das Pessoas).

Dentre as jurisprudências relativas ao assunto, Martins (1991), enumera 13 pontos relativos ao nome e seus princípios axiais de direito:

- 1) o direito é *ao* nome de forma genérica, mas é principalmente a um nome: este primeiro direito nasce com a pessoa e o segundo por ocasião da inscrição no registro civil;
- 2) o direito de *pôr* o nome (em geral o pai o faz) completa-se com o direito de *tomar* o nome (a criança recebe-o);
- 3) o direito ao nome é um princípio inato, quando menos é um direito *essencial*;
- 4) o nome não se perde pelo desuso e não se adquire em virtude de posso (*imprescritibilidade positiva e negativa*);
- 5) o nome é *inalienável*, e inerente à pessoa, que não pode cedê-lo;
- 6) o nome é *incessível*, ele não pode ser emprestado;
- 7) do ponto de vista legal escrito *não existe transmissibilidade* uma vez que cada nome é um nome e o nascituro tem direito próprio como membro da família;
- 8) o nome próprio não pode, portanto, ser comercializado (*extracomercialidade*);
- 9) ninguém, nem mesmo o Estado, pode expropriar (*inexpropriabilidade*) o nome;
- 10) o nome é a priori insuscetível à *estima pecuniária (inestimabilidade)*, ele não tem valor; contudo, quando o nome é atingido moralmente pode ocorrer reparação em moeda;
- 11) o nome não é renunciável (*irrenunciabilidade*) em princípios, caso ocorra prejuízo para o sujeito, somente uma parte do nome pode ser renunciada;
- 12) em princípio ele é *imutável*;
- 13) ele é, finalmente, exclusivo (a homonímia não tira a identidade das pessoas). (MARTINS 1991, p.78-79),

No Brasil, quando os portugueses adentraram a terras brasileiras, a nobreza era garantida pela coroa portuguesa, pelo nome desses que aqui chegaram e pela extensão de seus nomes. Certamente o que os portugueses deixaram de herança a toda a população foi à língua, e a forma de aplicação de certos costumes culturais, como por exemplo, o sobrenome dado pelo pai. Mesmo assim não existe uma lei que regulamente o que culturalmente parece estar regulada pela ordem ainda do patriarcado.

DONA ELISABETH – Meu nome, por causa da minha mãe chamava Maria Angélica do Amaral então botou meu nome Elisabeth Angélica do Amaral.

DONA MARIA - Sim... Meu nome acostumava ser Maria dos Santos Almeida, “dos santos” por causa do meu pai...ele tinha o nome chamado Tônico Santana dos Santos, então meu marido chamava Josias José de Almeida, então quando a gente se separou, por que eu desquitei...foi aí que pegou só o meu nome de quando eu era solteira... Maria dos Santos por causa do meu pai que é “dos Santos” e eu “Maria” por causa do meu nome, que meu nome é “Maria” né, então ficou Maria dos Santos... é isso, entendeu! E a minha mãe chamava também Isaura Maria da Conceição [...] (Trecho de gravação da entrevista realizada em 18/05/2016)

Como exemplo, em uma mesma família, três filhos, podem ter três sobrenomes diferentes. Como se explica isso? A mãe pode querer que sua filha leve o nome de sua mãe (avó materna), “*Maria Efigênia da Costa*”. O pai gostaria de ter seu nome “perpetuado”, e nomeia seu filho com seu nome, “*Antônio Cláudio da Silva Filho*”. O terceiro filho pode levar tanto o sobrenome materno, quanto o paterno, “*Jorge da Costa e Silva*”- temos assim uma herança cultural, permitida pela lei civil e garantida pelo desejo dos pais.

Ao reconhecer o direito ao nome o código civil assegura implicitamente a transmissibilidade de geração em geração dos sobrenomes, mesmo assim ela não esclarece como em outros países, como deve ser esta transmissão, apesar de dizer: *o nome, o sobrenome do pai e caso falte, o da mãe*, a lei deixa livre esta escrita, assim este silêncio por parte da lei brasileira, permite que a transmissão do nome e sobrenome seja feito à escolha dos pais, ou outras figuras parentais, daí a possibilidade de em uma mesma família os filhos possuir sobrenomes diferentes uns dos outros como mencionado anteriormente.

Não é possível fazer do nome próprio uma referência pura e simples. O nome próprio tem outras várias funções que ultrapassam a ideia de indicação. O interessante dessa construção é que o nome é antes de mais nada um fator cultural, que é transmitido de geração em geração e também que essa nomeação depende de uma série de processos sociais.

O nome próprio individualiza o sujeito, identifica-o e o personaliza. O conjunto de signos que forma o nome próprio, além de servir de marca formal designativa do indivíduo para os outros, para a sociedade, constitui-se com um referencial único para o sujeito: ele o vive como sendo ele mesmo (MARTINS, 1991, p.43)

O nome próprio ao designar um sujeito atribui a ele à existência perante a

sociedade. Esse símbolo é fundamental na construção da identidade do sujeito, uma marca que caracteriza o mesmo e atribui a ele a humanidade.

SENHOR EDMAR – Eu acho que o meu nome “Edmar” no meu modo de entender assim, o nome para mim é uma marca né, se você não tem nome você não existe. Você tem que ter o nome para você existir, para você tirar seus documentos né, fulano né, meu filho, meu irmão, meu primo, eu acho que seja por aí, não sei se estou certo. (Trecho de gravação da entrevista realizada em 18/05/2016).

Compreendido que o nome próprio serve para identificar o sujeito, não somente como apontamento precípuo a sua singularidade, como também fator de diferenciá-lo, de determiná-lo, de reconhecê-lo não somente quanto à identidade, mas do estado civil, do corpo, de suas particularidades, o sexo e as demais impressões societárias. É a partir do nome que o sujeito é reconhecido dentro do agrupamento ao qual pertence, seja família, igreja, escola, tem importância em toda e qualquer corporação ou instituição social ao qual se encontre inserido.

No estudo do nome, destacam-se o aspecto público e o aspecto individual. O primeiro tem origem no fato de que o Estado tem o interesse em que os indivíduos sejam, inquestionável e perfeitamente, individualizados no seio da sociedade, através do nome; o segundo refere-se ao direito personalíssimo do nome e de ser reconhecido através dele.

Quando o indivíduo não se apropria do seu nome ele fica à mercê e passa a se identificar através do que vem do discurso do outro. Sendo assim, ressaltamos a relevância do nome na vida humana, assim como a importância do mesmo como meio de identificação social e sua ligação com a identidade da pessoa, constituindo verdadeiramente um direito da personalidade.

4.6. A IDENTIDADE E O DOCUMENTO DE MESMO NOME. O EXERCÍCIO DA CIDADANIA DECORRENTE DA ASSINATURA.

O termo identidade pode ser caracterizado como o conjunto de caracteres próprios e exclusivos com os quais podemos diferenciar pessoas, animais entre outros, quer diante do conjunto de diversidades ou ante seus semelhantes.

Identidade é um conceito que de maneira mais pontual se articula ao questionamento que é feito cotidianamente sobre quem somos. As respostas que surgem a esse questionamento, tão corrente nos dias atuais, são os elementos que vão formar o núcleo básico do que se pode conceituar a partir da terminologia “Identidade”. (GIDDENS, 2002, apud SANTOS, 2011, p.1)

Segundo Seidmann (2015) a construção da subjetividade social como uma complexa trama de relações interpessoais. A construção da identidade do sujeito perpassa suas relações com outros indivíduos e que essa constante relação é crucial na constituição e aquisição de identidades sociais. Apesar do texto não ser diretamente relacionado à educação de jovens e adultos (sujeitos de estudo deste trabalho de conclusão de curso), ousei adentrar nesse texto considerando a forma como aborda a questão identidade nos principais processos psicossociais.

A identidade de um indivíduo é produto intersubjetivo de relações sociais e sua construção depende das representações sociais que são intrínsecas ao sujeito. Essa representação social é vista como expressão da sua identidade.

O imaginário social do sujeito é ligado indubitavelmente à relação com os outros que convivem ao seu redor. Nesta perspectiva podemos constatar que a identidade se constrói a partir das vivências, relações sociais, políticas, econômicas, históricas e culturais do meio que está inserido.

Segundo Souto (2011) os educandos da Educação de Jovens e Adultos possuem uma identidade que resulta da manifestação de sua cultura, expressa através das linguagens, principalmente a verbal, sendo impossível dissociar linguagem de sujeito ou linguagem de cultura. Ressaltando que esta identidade não somente fixa, como também uma identidade fluída.

A construção da identidade se dá na realidade social das práticas discursivas, juntamente com as construções de relações sociais entre falantes e a construção de sistemas e crenças. [...] é constituída ao longo de dois caminhos: um deles é a relação interpessoal, em outras palavras, relações de tratamento com o outro, o posicionamento do sujeito evidenciando as diferenças individuais na relação social e indicando a individualidade de cada um. O segundo caminho é o da relação social intergrupar, que determina a identidade social e grupar dos sujeitos, articulando as semelhanças entre os componentes do grupo (SOUTO, 2011, p.2465)

Para que o indivíduo possa exercer sua plena cidadania no Brasil, necessita inicialmente possuir sua cédula de identidade. Ele é após o registro de nascimento do documento mais importante para um indivíduo. Ele é o documento base para que os indivíduos possam emitir os demais documentos (carteira de motorista, título de eleitor, entre outros).

SENHOR EDMAR – Eu tirei minha identidade em uma cidade do Pará, Medicilândia... eu pesquisei aqui, a internet faltou, mas uma hora eu vou pesquisar o nome direitinho lá. O que acontece o Lula falou o seguinte “- Todos os brasileiros têm direito de tirar sua identidade e votar, saiba fazer o nome ou não”... Eu não sabia fazer meu nome e fiquei todo feliz, nossa! Tirar meu título (título de eleitor), tirar meu documento, tudo bem morava no meio do mato, fui lá tirar meu documento. (Trecho de gravação da entrevista realizada em 18/05/2016)

A Lei N.º 5.553 de 06 de dezembro de 1968 dispõe sobre a apresentação e uso de documentos de identificação pessoal. Esse é o marco legal nacional acerca da obrigatoriedade do uso desse documento.

A cédula de identidade, também conhecida como carteira de identidade, identidade ou RG (Registro Geral) é o documento nacional de identificação civil no Brasil. Nele constam dados como nome completo da pessoa, data de nascimento, filiação (nome do pai e da mãe), data de emissão, foto, além de conter os dados que identificam a pessoa perante os demais setores da sociedade.

Esse documento tem validade em todo território nacional e sua emissão é de responsabilidade do estado.

Para o analfabeto, no caso da identidade, não há a possibilidade de utilizar-se da assinatura a rogo (onde outra pessoa assina com a autorização da pessoa por incapacidade ou outros fatores), sendo necessária a aplicação da digital e em muitos casos ainda é carimbada a frase “NÃO ALFABETIZADO (A)” no local da assinatura. Isso para o sujeito é algo que abala profundamente sua feição junto à sociedade.

DONA NEUZA – [...] Por que no começo para eu tirar minha identidade foi um sacrifício. Aí eu treinei mesmo pra tirar minha identidade assim quando

eu cheguei aqui em Brasília. Por que eu estudei bem pouquinho no começo aí pra tirar minha identidade, menino, era só rasurando folha e ainda bem que eles foram muito legais comigo e aí até eu conseguir tirar minha identidade. [...] A gente aprendeu mais ou menos o nome. Agora se eu for tirar minha identidade eu não tenho mais... Não dá mais trabalho não... Sacrifício não. [...] Esse negócio de você não saber escrever e ter que colocar o dedo, né? Muita gente hoje em dia ainda faz isso, né? No dedão! [...] Por isso que quando eu tirei minha identidade eu disse: “-Não quero colocar o meu dedo, eu quero tirar minha identidade fazendo a minha assinatura!”.

DONA ELISABETH – Nossa, muda muita coisa, muita coisa! Sabe por que todos os documentos que eu tenho, olha tá o meu “dedão lá” ó!... Todos, todos... E creio que esses documentos meus vai ser tudo mudado, vai ser tudo mudado, sabe...tudo, tudo!

DONA MARIA – [...] Outra, quando eu escrever meu nome vai ser outra essa identidade que não tá escrita. Já vou trocar ela, né...e como ela falou também, eu também quero e vai mudar muita coisa. (Trecho de gravação da entrevista realizada em 18/05/2016)

Pode-se observar que o maior medo para o sujeito da Educação de Jovens e Adultos é ao emitir seus documentos novos ter que passar pelo processo de colocar o dedo como assinatura. É um fato muito constrangedor.

Vários alunos adultos procuram as turmas de alfabetização para poderem aprender a ler e escrever minimamente seus nomes com o intuito de retirarem novos documentos. E quando isso ocorre é simplesmente uma dádiva.

SENHOR VILMAR –[...] Lá na delegacia, por que eu precisava fichar né, aí tirei minha identidade e já assinado o nome certo, normal... não errei uma letra! E tem aquele tal de coisa que dá mais trabalho do que assinar na digital né, você tem que (risos) que era para escrever na digital... [...] Ai eu treinei 3 vezes, nas 3 vezes ela “-Pronto! Agora deu certo!... Não vai precisar botar o dedo”... Porque eu já tava com medo por que eu não tinha criado a identidade ainda por que eu tinha que tirar já com a minha assinatura do que botar de dedo. (Trecho de gravação da entrevista realizada em 18/05/2016)

Para os educandos, fica claro que a com da escrita do nome obtém-se um resgate da identidade moral do mesmo e esse fator auxilia no exercício dos seus direitos e deveres perante o Estado, que nada mais é do que alcançar sua plenitude cidadã. Segundo Galvão & Di Pierro (2012, p.23) a impressão digital se torna a marca evidente do estigma de inferioridade atribuídos ao analfabeto e as situações de identificação pública passam a ser

vividas como humilhação.

4.7. APRENDI A LER E ESCREVER... CONSIGO ENXERGAR O MUNDO! A CONSTRUÇÃO DO IDEÁRIO DE CIDADANIA

Podemos considerar assim que a leitura e escrita favorece a remoção de entraves sociais, proporcionando oportunidades mais justas, de educação, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento da linguagem e do exercício intelectual, aumentando as possibilidades de normatização da situação pessoal do indivíduo.

A conquista da alfabetização impulsiona a pessoa a alcançar níveis de letramento cada vez mais elevados e específicos. Essa conquista provoca mudanças no lugar social, no modo de viver em sociedade e de se inserir na cultura. A alfabetização reestrutura a dignidade das pessoas favorecendo a construção da cidadania. (VALINO, 2016, p.2)

Sentirem-se mais cidadãos, conseguirem a formação, aprender a ler e escrever, assinar o nome, são desejos simples e que auxiliam o aluno a se sentirem mais valorizados. Esse resgate da autoestima do aluno é estratégia considerada importante, pois auxilia na correção dos males, a cegueira imposta pelo analfabetismo. Aprender para os educandos é como uma cirurgia de remoção de catarata, amplia a visão!

DONA NEUZA – Foi em 2013 que eu comecei a estudar, ai de lá pra cá eu to enxergando melhor. Já to lendo melhor, escrevendo melhor. Mas é uma coisa que eu não quero parar. [...] Não vou parar não!

SENHOR VILMAR - Hoje já sei as letras tudo, o meu nome, sei escrever meu nome, já tirei meus documentos tudo com a minha assinatura [...] Antigamente eu era cego por que a pessoa quando não sabe ler é a mesma coisa de ser cego, não tá vendo nada, hoje em dia, [...] Graças a Deus dou conta de ler tudo, já. Então eu só tenho que agradecer [...] (Trechos de gravação da entrevista realizada em 18/05/2016)

Sendo assim, é necessário todo um envolvimento político e social para que através das práticas educativas possam atender a esse publico sem estigmatizá-los, integralizando-os verdadeiramente no sistema educacional brasileiro.

SENHOR EDMAR - é uma vitória, graças a Deus por isso que você tem que correr atrás, tem que buscar, se ficar de braços cruzados sentado, “- Ah, eu to cansado” ... Eu já vim pro colégio, sai de casa com chuva e me molhando,

entendeu... Hoje eu to contanto vitória graças a Deus , não por orgulho não, por que eu já falei que eu não quero com os poderes de Deus ter um estudo para mim humilhar ninguém e nem me exhibir... Eu tenho a maior felicidade do mundo de saber ler e aparecer isso aqui e eu tenho o maior prazer do mundo de ensinar a pessoa. Isso ai é o que eu sempre quero que Deus me conceda desse jeito, se eu puder ajudar, ajudar! Agora atrapalhar, não! Eu não sou essa pessoa e não quero ser essa pessoa! (Trechos de gravação da entrevista realizada em 18/05/2016)

Eu só quero o meu espaço diante o mundo, eu só quero viver no mundo, eu quero ser enxergado! Eu quero fazer a diferença na minha vida. Acreditando sempre que a educação dirigida a jovens e adultos humaniza o homem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teve como objetivo discutir as significações da escrita do nome no processo de alfabetização, como fator de construção da identidade social do aluno da Educação de Jovens e Adultos matriculados na Escola classe 03 do Paranoá, onde foi apresentado um breve histórico do processo de instalação da alfabetização de Jovens e Adultos no Paranoá, até a formação de turmas de Educação de Jovens e Adultos na citada escola. Partindo desse pressuposto, por meio de entrevistas buscou-se identificar os sentidos do processo de alfabetização para a vida do aluno, ressaltar a história do nome do educando da Educação de Jovens e Adultos e evidenciar a importância da escrita do nome como forma de resgate de identidade e altivez perante a sociedade.

Inicialmente foi proposto o levantamento histórico da instalação dessa modalidade de ensino no Paranoá, haja vista considerar importante esse resgate para poder adentrar no universo do aluno.

Esse público atendido na Escola Classe 03 do Paranoá provém de uma história de lutas de ocupação e melhoria de condições de vida que resultaram na construção da cidade satélite do Paranoá/DF. A essa luta veio a necessidade da alfabetização dos operários que ajudaram a construir a Capital Federal, estes moradores da citada cidade.

Foram vários meses de observações na Escola Classe 03 do Paranoá (Ano Letivo de 2015/2016), haja vista estar auxiliando nas aulas de informática daquela instituição de ensino. Essa intervenção veio através do trabalho conjunto realizado entre GENPEX/UnB e movimento popular (CEDEP). Todavia, foi mediante a entrevistas realizadas no ano de 2016 que consegui promover as conjecturas necessárias que fundamentam esse trabalho.

Foi realizado um levantamento bibliográfico sobre estudos que abordam a Educação de Jovens e Adultos, as significações relacionadas à escrita do nome, história de vida, alfabetização e letramento, identidade, autoestima, preconceitos e construção de cidadania.

Pude constatar nesta trajetória que o domínio da leitura e escrita pode constituir na sociedade contemporânea um instrumento de cidadania e por este motivo o assunto tem sido pauta de discussões políticas, movimentos sociais e projetos educacionais.

Observamos quão importante é propiciar o conhecimento entre os alunos e o resgate de sua autoestima, desconstruindo sentimentos como medo, vergonha e exclusão ao adentrarem em sala de aula, além de ampliar-lhes a visão que possuem acerca de sua vida, favorecendo a compreensão que tem de suas histórias de vida e como isso influencia na sua realidade atual.

Cabe ressaltar que a análise aqui realizada tenta mostrar que os indivíduos da Educação de Jovens e Adultos não podem ser vistos como vítimas, dignos de piedade, inferiorizados, haja vista que mesmo com o pouco incentivo dos poderes públicos a educação deve ser prioridade para a melhoria de uma sociedade.

Ao longo dessa construção vários aspectos foram observados quanto ao analfabetismo, seja por condições de vida escassas, por conta de terem de trabalhar na infância para sobreviver e ainda aqueles que não continuaram nesse ambiente pois não era acolhedor o suficiente.

Aprender a ler e escrever é uma condição essencial para o resgate do sujeito enquanto ser social e principalmente ao se tratar do aluno da Educação de Jovens e Adultos que tem na escrita do nome uma reconstrução do seu imaginário identitário, onde esse símbolo não significa apenas uma denominação e diferenciação perante os demais, mas como algo fundamental a construção de sua dignidade e humanidade.

Ficou claro que o público analisado possui grande interesse pelos estudos, possuem força de vontade própria muitas vezes, acreditam na sua valorização pessoal e existencial e estes elementos são fundamentais para a sua permanência no ambiente escolar além de saberem da importância dessa dedicação para suas vidas.

Eles querem ser vistos, lembrados, reconhecidos, ou seja, chamados de seres humanos. E conseguem em seu imaginário dar esse primeiro passo... Escrevendo o próprio nome!

PARTE III

PERSPECTIVAS DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL

*Os homens têm medo de realizar seus maiores sonhos
 porque acham que não o merecem ou não vão conseguir!
 Mas o medo não é uma coisa concreta. Ele está em seus corações!!
 Os corações morrem de medo só de pensar em amores que partiram para
 sempre... Em momentos que poderiam ter sido bons e não foram...
 Quando isso acontece, acabamos sofrendo muito e o coração tem medo de
 sofrer. Mas o medo é pior que o próprio sofrimento.
 Nenhum coração jamais sofreu quando foi em busca de seus sonhos,
 porque cada momento de busca é um momento de vida, de energia, de
 encontro com Deus e com a eternidade.
 Então... Ouça seu coração! Ninguém consegue fugir dele.
 Por isso, é melhor escutar o que ele fala para que não venha um golpe que
 você não espera, porque você jamais vai conseguir mantê-lo calado.
 Mesmo que finja não escutar o que ele diz, ele estará dentro do seu peito,
 repetindo o que pensa sobre a vida e o mundo...
 O dia inteiro...
 O tempo todo...
 Ainda bem!
 Por isso, ouça o seu coração!*

Paulo Coelho

Os sonhos são muitos após a conclusão desse curso. Agora é colocar em prática tudo aquilo que foi vivenciado.

Há dois anos atrás a minha vontade era de me formar e munido do tão sonhado canudo, prestar um concurso público em Brasília, a capital dos concurseiros! Todavia, em 2015 tive uma experiência fantástica por intermédio do GENPEX, que trouxeram vários impactos na forma com que vejo o mundo hoje em dia... Eu vivenciei a Educação de Jovens e Adultos e me senti Educador pela primeira vez!

A experiência da Educação de Jovens e Adultos me ajudou a conviver melhor com as pessoas, aceitando suas diferenças e respeitando suas limitações. Respeitar as experiências, a história de vida dos mais velhos é algo mais intrínseco a mim atualmente.

As vivências me ajudaram a compreender melhor o cansaço, a luta diária de quem está imbuído pela educação, um ato de amor e doação que poucos entendem. Não se é professor por dinheiro ou riqueza e sim por amor de proporcionar ao mundo e as pessoas o

conhecimento que é adquirido. Hoje aprendi a dar mais valor a cada educador que passou pelo meu caminho, da alfabetização até o ensino superior.

A acolhida do GENPEX, os abraços coletivos têm em sua gênese esse princípio de acolher e disseminar energia. Tornar a energia daquele ambiente única. Quantas vezes chegamos assoberbadas na sala de aula e aquele momento nos faz entrar em sintonia. Tudo melhora após o abraço, no que tange a percepção sobre a aula e sobre todos aqueles que estão na reunião.

Hoje, acredito que a maior mudança ocorrida em mim seja a vontade em continuar a minha trajetória educativa, pensando na premissa de que os meus problemas e dificuldades não chegam a se comparar aos enfrentamentos por aquelas pessoas que tanto lutam e ainda tentam resgatar o mínimo de dignidade da pessoa humana por meio do aprendizado. Se eu tive a oportunidade de chegar até aqui eu devo agradecer aos Orixás por toda experiência vivida e tudo aquilo que consegui em minha trajetória.

Então o plano é descansar um pouco, todavia manter a caminhada!

E se as energias e os bons ventos soprarem a favor, espero que eles direcionem meu barquinho perdido para uma boa turma de Jovens e Adultos para que eu consiga realizar sonhos... Ensinar é se doar... É realizar sonhos!

Pretendo ser professor, mas o meu amanhã só a Òsùmàrè pertence!

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; e LEAL, Telma Ferraz (org.). **A alfabetização de jovens e adultos em uma perspectiva de letramento**. 3 ed., 1.^a reimpressão. Belo Horizonte: Autentica. 2010.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2008.

BRASIL. Lei N.º 5.553, de 06 de dezembro de 1968. **Dispõe sobre a apresentação e uso de documentos de identificação pessoal**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/15553.htm>. Acesso em 12/06/2016

BRASIL. Lei N.º 9.394, de 20 de Dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em 12/06/2016

CORRÊA, Marcela Fulanete; CARDOSO-MARTINS, Cláudia; e RODRIGUES, Larissa Assunção. O Conhecimento do Nome das Letras e sua Relação com o Desenvolvimento da Escrita: Evidência de Adultos Illetrados. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. 23 (1), p.161-165. 2010.

CODEPLAN. Companhia de Planejamento do Distrito Federal. Disponível em: <<http://www.codeplan.df.gov.br/noticias/noticias/item/3271-pesquisa-mostra-que-parano%C3%A1-tem-infraestrutura-completa.html>> Acesso em: 08/06/2016.

DE PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática**. 10.ed. revista e atualizada. Campinas: Papirus, 2004

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1996. 143p.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; e DI PIERRO, Maria Clara. **Preconceito Contra o Analfabeto**. 2.^a Edição, Cortez Editora. São Paulo. 2012.

GDF, Administração Regional do Paranoá. **Conheça o Paranoá RA VII**. Disponível em <<http://www.paranoa.df.gov.br/sobre-o-paranoa/historia-ra-vii.html>> Acesso em 05/05/2016.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL (SEDF). **Currículo em Movimento da Educação Básica - EJA - DF 2013**, pdf. Disponível em <<http://www.se.df.gov.br/educacao-de-jovens-e-adultos.html>>. Acesso em 08/06/2016.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação: abordagem qualitativa**. São Paulo: EPU, 1986, p.17.

MARTINS, Francisco. **O Nome Próprio: da gênese do eu ao reconhecimento do outro**. p.165. Editora Universidade de Brasília - Brasília/DF. 1991.

MELO, Naiara Marczeski de. **Nome Próprio: marca de um sujeito**. 2013, 36 fl. Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ. Ijuí/RS.

MONTEIRO, Adriana Lima; e MOURA, Ana Paula Monteiro de. **A história identitária dos alunos da EJA e o perfil do profissional que atua nessa modalidade**. IV FIPED – Fórum Internacional de Pedagogia – Parnaíba/PI. REALIZE Editora. Campina Grande. 2012. Disponível em <<http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/77f959f119f4fb2321e9ce801e2f5163.pdf>> Acesso em 12/04/2016.

MOROZ, Melania. **O processo de pesquisa: iniciação**/ Melania Moroz e Mônica Helena Tieppo Alves Gianfaldoni. 109 p.. Plano Editora – Brasília, 2002.

PIMENTEL, Álamo. As narrativas identitárias das produções textuais em educação de jovens e adultos. **30.ª Reunião da ANPED. GT. Educação de Pessoas Jovens e Adultas**, n. 18. S.d. Disponível em <<http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT18-2914--Int.pdf>> Acesso em 14/04/2016.

REIS, Renato Hilário dos. **A constituição do sujeito político, epistemológico e amoroso na alfabetização de jovens e adultos** – Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2000.

_____. **A constituição do ser humano: amor-poder-saber na educação/alfabetização de jovens e adultos**. 260 p. Campinas – SP, Autores Associados, 2011.

SANTOS, G.F.M. dos. A influência da escola nos processos identitários de estudantes do Programa Educação de Jovens e Adultos (EJA) : O caso de uma escola pública da periferia de Aracaju-SE. **Revista Scientia Plena**, vol. 7, n. 11. 2011. Disponível em <<http://www.scientiaplena.org.br/sp/article/download/174/279>> Acesso em 11/04/2016.

SEGRIOLO, Priscila Marengo; e SILVA, Albina Pereira de Pinho. Alfabetização e Letramento na Educação de Jovens e Adultos. **Revista Eventos Pedagógicos**, v. 2, n.2, p.201-209, Agosto/Dezembro. 2011. Disponível em <[http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view File/ 422/253](http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/File/422/253)> Acesso em 10/04/2016.

SEIDMANN, Susana. *Identidad personal y subjetividad social: Educación y contitución subjetiva*. **Cadernos de Pesquisa**, v.45, n. 156, p.344-357, abril/junho. 2015.

SGUISSARDI, Valdemar. Decifrando a história e o estigma do analfabetismo no Brasil. **Educação e Sociedade**, v.32, n.º 114, p.245-249, janeiro/março. Campinas, 2011.

SILVEIRA, Dimitri Assis. **O Programa DF Alfabetizado/ Brasil Alfabetizado e a continuidade dos estudos: dos números à percepção dos sujeitos da EJA** . 2013. 170f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

SIMÕES, Fernanda Mauricio; e FONSECA, Maria da Conceição Ferreira Reis. Apropriação de práticas de letramento escolares por estudantes da Educação de Jovens e Adultos. **Revista Brasileira de Educação**, v.20, n. 63, outubro/dezembro. 2015.

SOUTO, Giselle Almada. Relações identitárias de alunos da EJA com o ensino de língua portuguesa. **Anais do XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia Cadernos da CNFL**, vol. XV, N. 05, t.3. Rio de Janeiro: CiFEFiL. 2011. Disponível em <http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_3/210.pdf> Acesso em 12/04/2016.

TRAVERSINI, Clarisse Salete. Autoestima e Alfabetização: O que há nessa relação?. **Cadernos de Pesquisa**, v39, n. 137, p.577-595, maio/agosto. 2009.

VALINO, Maria de Lurdes. **Identidade e Alfabetização**. Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Alfabetização e Letramento. Universidade Cruzeiro do Sul - Unicsul. S.d. Disponível em <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem01pdf/sm01ss04_04.pdf>. Acesso em 13/04/2016.

APÊNDICE A
TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Faculdade de Educação

Departamento de Métodos e Técnicas

Pesquisa: A significação identitária da escrita do nome em sujeitos da
Educação de Jovens e Adultos em uma escola do Paranoá.

Aluno: José Orlando Rodrigues de Barros

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Clárisse Vieira

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que fui informado (a) do objetivo geral da pesquisa sobre as significações que auxiliam na construção da identidade por meio da escrita do nome em alunos matriculados na Educação de Jovens e Adultos na Escola Classe 03 do Paranoá, realizada por José Orlando Rodrigues de Barros, aluno do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, matrícula UnB nº 09/0119339, sob a orientação da Prof.^a Dra. Maria Clárisse Vieira.

O trabalho consiste em uma pesquisa qualitativa, para isso será aplicada uma entrevista semi-estruturada com alunos da Educação de Jovens e Adultos matriculados na citada escola, que ocorrerá em período contrário ao de realização da aula dos/as estudantes, o que foi acordado previamente com a coordenação da escola e a alfabetizadora da turma. A atividade será gravada em áudio.

Minha participação é totalmente voluntária.

Concordo em participar deste estudo.

Concordo em participar deste estudo, todavia sem a divulgação do meu nome.

Local e data: Paranoá, 18/05/2016

Nome do/a participante: Edmar Francisco de Andrade

Telefone do/a participante: (61)9 9102.1144

Assinatura do/a participante: Edmar F. de A.



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Faculdade de Educação

Departamento de Métodos e Técnicas

Pesquisa: A significação identitária da escrita do nome em sujeitos da Educação de Jovens e Adultos em uma escola do Paranoá.

Aluno: José Orlando Rodrigues de Barros

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Clarisse Vieira

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que fui informado (a) do objetivo geral da pesquisa sobre as significações que auxiliam na construção da identidade por meio da escrita do nome em alunos matriculados na Educação de Jovens e Adultos na Escola Classe 03 do Paranoá, realizada por José Orlando Rodrigues de Barros, aluno do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, matrícula UnB nº 09/0119339, sob a orientação da Prof.^a Dra. Maria Clarisse Vieira.

O trabalho consiste em uma pesquisa qualitativa, para isso será aplicada uma entrevista semi-estruturada com alunos da Educação de Jovens e Adultos matriculados na citada escola, que ocorrerá em período contrário ao de realização da aula dos/as estudantes, o que foi acordado previamente com a coordenação da escola e a alfabetizadora da turma. A atividade será gravada em áudio.

Minha participação é totalmente voluntária.

Concordo em participar deste estudo.

Concordo em participar deste estudo, todavia sem a divulgação do meu nome.

Local e data: Paranoá, 18/05/2016

Nome do/a participante: Elisabeth Angélica do Amaral

Telefone do/a participante: Não possui

Assinatura do/a participante: ELIZABETH ANGELICA



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Faculdade de Educação

Departamento de Métodos e Técnicas

Pesquisa: A significação identitária da escrita do nome em sujeitos da Educação de Jovens e Adultos em uma escola do Paranoá.

Aluno: José Orlando Rodrigues de Barros

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Clárisse Vieira

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que fui informado (a) do objetivo geral da pesquisa sobre as significações que auxiliam na construção da identidade por meio da escrita do nome em alunos matriculados na Educação de Jovens e Adultos na Escola Classe 03 do Paranoá, realizada por José Orlando Rodrigues de Barros, aluno do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, matrícula UnB nº 09/0119339, sob a orientação da Prof.^a Dra. Maria Clárisse Vieira.

O trabalho consiste em uma pesquisa qualitativa, para isso será aplicada uma entrevista semi-estruturada com alunos da Educação de Jovens e Adultos matriculados na citada escola, que ocorrerá em período contrário ao de realização da aula dos/as estudantes, o que foi acordado previamente com a coordenação da escola e a alfabetizadora da turma. A atividade será gravada em áudio.

Minha participação é totalmente voluntária.

Concordo em participar deste estudo.

Concordo em participar deste estudo, todavia sem a divulgação do meu nome.

Local e data: Paranoá, 18/05/2016.

Nome do/a participante: Maria dos Santos

Telefone do/a participante: Não possui

Assinatura do/a participante: MARIA DOS SANTOS



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Faculdade de Educação

Departamento de Métodos e Técnicas

Pesquisa: A significação identitária da escrita do nome em sujeitos da Educação de Jovens e Adultos em uma escola do Paranoá.

Aluno: José Orlando Rodrigues de Barros
Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Clarisse Vieira

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que fui informado (a) do objetivo geral da pesquisa sobre as significações que auxiliam na construção da identidade por meio da escrita do nome em alunos matriculados na Educação de Jovens e Adultos na Escola Classe 03 do Paranoá, realizada por José Orlando Rodrigues de Barros, aluno do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, matrícula UnB nº 09/0119339, sob a orientação da Prof.^a Dra. Maria Clarisse Vieira.

O trabalho consiste em uma pesquisa qualitativa, para isso será aplicada uma entrevista semi-estruturada com alunos da Educação de Jovens e Adultos matriculados na citada escola, que ocorrerá em período contrário ao de realização da aula dos/as estudantes, o que foi acordado previamente com a coordenação da escola e a alfabetizadora da turma. A atividade será gravada em áudio.

Minha participação é totalmente voluntária.

() Concordo em participar deste estudo.

() Concordo em participar deste estudo, todavia sem a divulgação do meu nome.

Local e data: Paranoá, 18/05/2016.

Nome do/a participante: Neuza Pereira de Andrade.

Telefone do/a participante: (61)992914331 (61) 98666-3397

Assinatura do/a participante: Neuza Pereira de Andrade



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Faculdade de Educação

Departamento de Métodos e Técnicas

Pesquisa: A significação identitária da escrita do nome em sujeitos da
Educação de Jovens e Adultos em uma escola do Paranoá.

Aluno: José Orlando Rodrigues de Barros

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Clarisse Vieira

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que fui informado (a) do objetivo geral da pesquisa sobre as significações que auxiliam na construção da identidade por meio da escrita do nome em alunos matriculados na Educação de Jovens e Adultos na Escola Classe 03 do Paranoá, realizada por José Orlando Rodrigues de Barros, aluno do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, matrícula UnB nº 09/0119339, sob a orientação da Prof.^a Dra. Maria Clarisse Vieira.

O trabalho consiste em uma pesquisa qualitativa, para isso será aplicada uma entrevista semi-estruturada com alunos da Educação de Jovens e Adultos matriculados na citada escola, que ocorrerá em período contrário ao de realização da aula dos/as estudantes, o que foi acordado previamente com a coordenação da escola e a alfabetizadora da turma. A atividade será gravada em áudio.

Minha participação é totalmente voluntária.

Concordo em participar deste estudo.

Concordo em participar deste estudo, todavia sem a divulgação do meu nome.

Local e data: Paranoá, 18/05/2016.

Nome do/a participante: Vilmar Ribeiro do Nascimento

Telefone do/a participante: (61) 9 91836067

Assinatura do/a participante: VILMAR RIBEIRO DO NASCIMENTO

APÊNDICE B

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS.

ENTREVISTA 1 – Realizada em 18/05/2016 às 19h18 com a Senhora Neuza Pereira de Andrade, 61 anos. A mesma está cursando o 4.º ano do 1.º segmento da Educação de Jovens e Adultos na Escola Classe 03 do Paranoá.

ENTREVISTADOR – Boa noite

DONA NEUZA – Boa noite.

ENTREVISTADOR – Primeiramente eu gostaria de saber o seu nome completo.

DONA NEUZA – Neuza Pereira de Andrade.

ENTREVISTADOR – Dona Neuza, é o seguinte, eu estou colhendo essa entrevista com a senhora por que eu estou fazendo meu trabalho de conclusão de curso e vou falar sobre a questão do nome, a importância da escrita do nome na construção da identidade do aluno de EJA e preciso fazer algumas perguntinhas para a senhora. Primeira pergunta que eu lhe faço é se a senhora me autoriza a gravar a entrevista?

DONA NEUZA – Pode, pode gravar, pra te ajudar.

ENTREVISTADOR – Muito obrigado.

DONA NEUZA – A gente ta aqui aprendendo.

ENTREVISTADOR – Com certeza! Eu queria que a senhora me contasse um pouco da sua história de vida, onde nasceu, quando veio pro Paranoá?

DONA NEUZA – Bom, eu nasci em Goiás, município de Mambaí/GO. Eu vim pro Paranoá, não para Brasília em 72 (1972), fiquei em Brasília desde 1972. Em Paranoá eu to com 11 anos aqui no Paranoá, e comecei a estudar tem 3 anos no EJA...

ENTREVISTADOR – Aqui nesta escola mesmo?

DONA NEUZA – É, nesta escola, mas eu já estudei antes. Por que no começo para eu tirar minha identidade foi um sacrifício. Ai eu treinei mesmo pra tirar minha identidade assim

quando eu cheguei aqui em Brasília. Por que eu estudei bem pouquinho no começo ai pra tirar minha identidade, menino, era só rasurando folha e ainda bem que eles foram muito legais comigo e ai até eu conseguir tirar minha identidade.

ENTREVISTADOR – Entendi. A senhora teve acesso a educação quando criança?

DONA NEUZA – Muito pouco. A gente foi criado na roça, interior né, não tinha como estudar. A gente ia pro colégio um mês, desistia por que tinha que trabalhar para poder a gente se sustentar né? Por que era muito difícil naquela época, ai a gente quase não estudou. A gente aprendeu mais ou menos o nome. Depois que a gente aprendeu a assinar o nome ai eu vazei e vim pra Brasília. Daí eu tentei estudar, ai não consegui, desisti... Agora voltei de novo, agora que eu to enxergando um pouco mais. Agora se eu for tirar minha identidade eu não tenho mais... Não dá mais trabalho não... Sacrifício não.

ENTREVISTADOR – Deixa eu lhe perguntar uma coisa... Como e onde a senhora aprendeu a escrever seu nome?

DONA NEUZA – Foi no interior

ENTREVISTADOR – No interior mesmo?

DONA NEUZA – No interior, quando criança, eu aprendi a assinar meu nome mais muito devagar sabe?

ENTREVISTADOR – Mas nessa intervenção, quando você teve na infância?

DONA NEUZA – Foi na infância que eu aprendi a assinar meu nome, mas assinava meu nome muito mal; Depois que eu cheguei aqui em Brasília, que eu comecei a estudar que, eu estudei em outra escola, né... Não era o EJA, era... Eu nem lembro mais... Não era o EJA...

ENTREVISTADOR – No DF ALFABETIZADO?

DONA NEUZA – Não, era... Não me lembro.

ENTREVISTADOR – Isso em qual época? Qual década?

DONA NEUZA – Que eu estudei? Foi em 2000... Por que minha neta agora fez 19 anos, eu comecei a estudar na época que ela nasceu. Ela é de... Eu nem sei a data dela... Só sei que ela fez 19 anos esse mês agora... Ai eu comecei a estudar e parei. Ai vim pro Paranoá, ai eu comecei a estudar em 2014... Nós estamos em 2016... Foi em 2013 que eu comecei a estudar,

ai de lá pra cá eu to enxergando melhor. Já to lendo melhor, escrevendo melhor. Mas é uma coisa que eu não quero parar... Eu quero ir até onde eu...

ENTREVISTADOR – Com certeza, não pode parar não...

DONA NEUZA – Não vou parar não! Só que esse ano eu to muito devagar. Esse ano quase não estou vindo ao colégio... Uns probleminhas sempre a gente têm, uns problemas, ai eu quase não estou vindo no colégio. Ontem mesmo eu não vim, ai avisou que não teve aula hoje né, ai sabia e eu to lá na sala vendo umas tarefas lá que o professor falou que tem que rever né, ai eu disse: “- Meu Deus, 07:10 (19:10) não tem ninguém?”... Ai eu sai e voltei a menina disse: “- Hoje não tinha aula não e que eu fosse lá pra aula de informática, ai te encontrei” (risos)

ENTREVISTADOR – Entendi. A senhora chegou a participar do programa DF ALFABETIZADO aqui no Paranoá?

DONA NEUZA – Na primeira vez.

ENTREVISTADOR – E como foi essa experiência?

DONA NEUZA – Muito boa. Boa demais! A gente era pra ter descoberto antes... E tinha, a gente que não... Sempre eles passavam na porta lá “-Você quer estudar?” “-Não!”. Ai essa minha amiga, ela veio primeiro e fez a matricula aqui... “-Não comadre vamos estudar?!” “- Não vou estudar não, a gente já tá velho, pra que estudar, né?” “-Não, pra gente fazer companhia, pra não vir sozinha!”... ai eu falei assim “-Não, tudo bem”. Ai a gente ta estudando, e to aqui até hoje. Só que ela desistiu esse ano mas ano que vem ela continua, disse que não vai parar não, ela é muito inteligente, minha comadre. Mas operou, chegou uma netinha, tem que ajudar filha né? Ai isso não dá pra ela estudar, mas ano que vem ta ai. O ano que vem você não ta aqui mais não né? Já se formou?

ENTREVISTADOR – Já me formei, com fé em Deus (risos). E deixa eu lhe perguntar outra coisa, como é que foi a sua vinda para a Escola Classe 03 do Paranoá? Assim, você participou do DF ALFABETIZADO, e depois veio para a EC 03 do Paranoá, como é que foi essa vinda pra cá? Foi por meio dela?

DONA NEUZA – Foi por meio dela por que eu não estava pensando em estudar não. Chamava minhas colegas da rua, por que eu moro longe né?

ENTREVISTADOR – A senhora mora onde?

DONA NEUZA – Lá na 07, já descendo lá pra baixo lá. A última parada ali pra baixo. Ai eu falei assim, vou não, é muito longe comadre, eu tenho medo de vir , que você vê como andam as coisas hoje em dia né, ai disse assim: “-Não vamos embora” ai eu vim, to gostando! Ai foi por causa dela que eu vim, se não tava em casa assistindo televisão e não vale a pena.

ENTREVISTADOR – Perguntar outra coisa para a senhora, o que a senhora sentiu, talvez a senhora não lembre disso, por conta que começou a aprender a escrever nova, porém teve esse reencontro com a escrita do nome já depois de que passaram os anos, mas assim o que a senhora sentiu quando escreveu seu nome pela primeira vez, assim de uma forma clara, correta?

DONA NEUZA – Muito bom, olha por que eu escrevia meu nome e ficava adivinhando sabe, às vezes eu escrevia até errado e às vezes eu via minha assinatura assim, às vezes pega muita assinatura e tem assinatura que saia errado. Agora eu já assino sem medo

ENTREVISTADOR – Sabendo que está certo?

DONA NEUZA – Tá certo (risos)

ENTREVISTADOR – O que que escrever seu nome mudou na sua vida?

DONA NEUZA – Muito, Muita coisa, muito, muito bom! Esse negócio de você não saber escrever e ter que colocar o dedo, né? Muita gente hoje em dia ainda faz isso, né? No dedão! Ai, é muito bom. Por isso que quando eu tirei minha identidade eu disse: “-Não quero colocar o meu dedo, eu quero tirar minha identidade fazendo a minha assinatura!”. Agora eu tenho a minha identidade, eu tenho que trocar né, ai eu fui no cartório fazer um documento lá e eles querem que eu traga minha identidade, eu já estava escrevendo diferente da minha identidade e não pode. Ai eu tive que treinar bastante, a minha assinatura antiga para poder tirar esse documento... Até registrar uma firma, coisa assim. Ai eu fui treinar, agora eu já estou escrevendo igual a minha identidade para não poder dar problema no cartório quando eu for fazer algum documento. Ai você tem que trocar sua identidade que ela ta muito velha e essa assinatura não combina com essa de agora.

ENTREVISTADOR – Teve uma evolução, né?

DONA NEUZA – Haham, ai eu tenho que trocar...

ENTREVISTADOR – Entendi. Deixa eu te perguntar outra coisa... A senhora conhece sobre a história do seu nome? O significado? Como é que seus pais escolheram? Eles já conversaram com você sobre isso alguma vez?

DONA NEUZA – Não, eles não me falaram quem escolheu meu nome não...se foi minha mãe, ou se foi o meu pai, naquela época, não sei... Mais que eu gosto do meu nome, eu gosto. Eu tenho um nome e um apelido também.

ENTREVISTADOR – Qual é o seu apelido?

DONA NEUZA – Nina!

ENTREVISTADOR – Nina? Por que Nina?

DONA NEUZA – Não sei por que. A maioria me chama de Nina. Quem me chama de Neuza são as pessoas que não me conhecem né? Mas o pessoal da minha família tudo é “Nina”.

ENTREVISTADOR – Deixa eu lhe fazer outra pergunta e a última, prometo que é a última.

DONA NEUZA – Não tem nada não.

ENTREVISTADOR – A senhora chegou a sofrer algum tipo de preconceito por não saber escrever o seu nome? Já se sentiu envergonhada por causa disso?

DONA NEUZA – Muito, muito, muito. Você chegar em um lugar assim e eles me dão uma ficha pra eu preencher e eu não dar conta de preencher aquela ficha.

ENTREVISTADOR – Mas a senhora já sofreu algum tipo de preconceito com relação a isso?

DONA NEUZA – Já!

ENTREVISTADOR – Alguém já falou alguma coisa com a senhora?

DONA NEUZA – Já! “-Sabe ler não?!” muita gente fala. Se a gente pergunta assim, alguma coisa... Às vezes a gente tava na parada de ônibus e perguntava “-Para onde esse ônibus vai?” o pessoal falava “-Não sabe ler?” Isso é um preconceito, não é? Ai eu sentia vergonha. Às vezes pegava o ônibus pela cor do ônibus, por que tem os ônibus com aquela cor da cidade, né. Ai hoje, graças a Deus já pego o ônibus tranqüila.

ENTREVISTADOR – Dona Nina, Dona Neuza...

DONA NEUZA – É, pode ser (risos)

ENTREVISTADOR – Minha amiga, muito obrigado pela sua colaboração e to pedindo sua autorização também para poder utilizar essa entrevista que eu acabei de ter com a senhora na conclusão do meu trabalho de final de curso, para eu poder transcrever. A senhora me autoriza a utilizar, poder colocar o seu nome, se tem algum problema se eu utilizar... Posso colocar seu nome?

DONA NEUZA – Pode, tem o nosso livro que a gente fez ai, não é. Teve gente que não queria que colocasse o nome , você viu? Tem nada não!

ENTREVISTADOR – É, verdade! Mas é bom que fica registrado o seu nome, fica registrada a sua história para o futuro, quando algum for daqui a alguns anos, pegar e ler meu TCC e ver meu trabalho, eles vão saber um pouquinho da sua história, um pouquinho da sua luta no Paranoá, que foi grande. Uma última pergunta que eu esqueci de mencionar, qual a idade da senhora, se a senhora? Se sentir a vontade para dizer...

DONA NEUZA – Eu estou com 61 anos.

ENTREVISTADOR – A senhora é nascida de que dia? Qual ano?

DONA NEUZA – 18/03/55

ENTREVISTADOR – Então ta bom. Muitíssimo obrigado viu

DONA NEUZA – De nada!

ENTREVISTA 2 e 3 – Realizada em 18/05/2016 às 19h36 com as Senhoras Elisabeth Angélica do Amaral de 72 anos e Maria dos Santos de 88 anos. As mesmas estão iniciando o processo de alfabetização no programa DF Alfabetizado. No mês de maio de 2016, a escola abriu suas portas para acolher duas turmas do programa.

DONA ELISABETH – [...] “nunca estudei rapaz, de jeito nenhum, é ... tenho filha professora, tudo e mais...

ENTREVISTADOR – Nunca estudou não?

DONA ELISABETH - Nunca estudei.

ENTREVISTADOR – Qual o nome completo da senhora?

DONA ELISABETH – Meu nome é Elisabeth Angélica do Amaral

EDUCADORA – Com “Th” tá!

ENTREVISTADOR – Com “Th” né?

DONA ELISABETH – Elisabeth Angélica do Amaral... Huhum...

ENTREVISTADOR – E o nome da senhora?

DONA MARIA - Maria dos Santos

ENTREVISTADOR – Deixa eu perguntar uma coisa para vocês. Conta pra mim um pouquinho da sua história de vida, quando você veio para o Paranoá, onde você morava?

DONA ELISABETH – Bom, eu morava em Bom Jesus da Lapa/BA. Nasci lá, me criei lá, casei lá, tive meus filhos e daí vim pra cá só eu e Deus com a cara e a coragem e os filhos. Cheguei aqui sem ter moradia, sem nada... Sem nada... Oxi, cheguei aqui só com a cara e a coragem mesmo! Ai eu cheguei aqui e foram os amigos, amigos não conhecidos assim sabe, ai ele me deu um apoio lá, uma moradia para os filhos. Lá vai eu atrás de serviço... “Moço, você sabe aqui pegar o ônibus aqui, sabe onde é?” nada, nada sabe?! Cansava de pegar o ônibus e descia acolá, sem eu saber sabe... Mas eu trabalhei todinho para criar os meus filhos ... Eu e Deus.

ENTREVISTADOR – Tem quantos anos que a senhora mora aqui no Paranoá?

DONA ELISABETH – Rapaz, tem uns 40 e poucos anos.

ENTREVISTADOR – A senhora já veio na constituição da cidade?

DONA ELISABETH - Lá embaixo... Lá embaixo no Paranoá velho. Lá eu fiquei e depois saiu essa coisa aqui, desses lotes aqui, e então nós fomos aqui pra cima, e estamos até hoje.

ENTREVISTADOR – E a Senhora, conta um pouquinho da sua história para mim.

DONA MARIA - Minha história é quase a mesma que a dela (risos). Eu também me criei em Guarapari/ES, nasci e me criei lá. Depois eu casei e tive meus filhos, seis filhos. Ai, eu e meu marido se separou e então eu não fiquei mais lá, vim embora aqui pra Brasília. Já tem quase uns 50 anos que eu vim-me embora pra cá, sem eira e nem beira também. Ai, tinha uma senhora que eu conhecia, ai ela veio pra aqui, ali pra Candangolândia, e ali ela aprontou um restaurante e ela perguntou se eu queria vir pra cá, eu respondi bom eu vou...separada do meu marido, não tinha serviço, nada né, e com menino pequeno né... Quando eu vim pra cá a minha filha caçula estava com 3 anos, e a outra eu esperando. Ai, eu cheguei aqui e trabalhei no restaurante tudinho, ai depois ela disse que o restaurante não estava bom, e ia me dar o dinheiro para eu poder ir me embora. Eu disse “-Tá, eu vou, mas eu não ia não, eu não ia para lá mais, eu ia procurar outro serviço e assim eu fiz. Naquela época tinha o auto falante lá em Taguatinga norte, era barro tudo, ai então anunciou que uma senhora estava precisando de uma pessoa, que ela ia ganhar neném e precisa de uma pessoa para trabalhar com ela no resguardo... então eu disse é pra mim, ai eu descii para a casa da dona, uma senhora, que eu cheguei na casa dela por causa de ela morar mais embaixo, mais “laterado”, e ai eu fui e a moça me levou lá e nós conversamos, mas a “- Senhora arruma um lugar da senhora?””. Ai tem a casa dela, ela é casada de novo e tem a primeira neném dela. Ai tem dois quartos ai, então a senhora fica com a sua menina e nós temos nosso quarto para o casal. Foi uma benção, foi Deus que caiu do céu numa hora dessas! (risos). Daí, fiquei logo, naquela época eu ganhava 3 cruzeiros, 3! Ai eu disse, vou, ta bom! Comia, bebia, livre né?!

ENTREVISTADOR – E esses 3 cruzeiros eram por dia?

DONA MARIA - Era por mês! Por mês! Eu não esqueço disso... Ai quando, daí eu fiquei lá, lavei a roupa no outro dia, que ela tava bem gordona né, ai eu lavei a roupa no córrego, por que tinha um córrego, mas eu tirava a água de cisterna, mas tinha um córrego embaixo assim que era uma água que era uma maravilha, e eu disse eu vou pegar essa bacia aqui de roupa e vou lavar lá no córrego... Ai fui lavava lá, estendia... E quando vinha embora a roupa estava

quase seca (risos) E assim tomando conta da casa, por que assim, a dona não era muito asseada não, e era aquela, o chão era de tábua, aquelas tábuas largas de antigamente no chão, ai eu areava elas, e era sujo daí tava tudo limpinho, ai todo mundo que chegava lá dizia “-Agora sim, Dona Maria!”, por que o nome dela era Maria “-Agora sim sua casa é limpa!” Roupa, tudo limpinho, mas eu fazia tudo em um instante. Ai fiz assim fiquei muito tempo na casa dela... Depois eu quis sair né, aí fui trabalhar em uma creche lá na W3 Sul... W3 e... É Sul mesmo... Tinha uma creche lá que tinha aquelas irmãs de caridade, ai então eu tomava conta de meninos que os pais ia trabalhar, aquele povo que tinha muito dinheiro, aqueles povo rico, ai ela me chamou para eu ir pra lá... Ai já levei a neném que eu tinha tido e ai fui passar a roupa dos berçários dos meninos... Fiquei lá foi muito tempo e ai daí eu paguei o meu INSS e fui assim, fui assim, depois eu arrumei um barraco em Taguatinga, invadi lá, e fiquei lá um muito tempo e criando esses filhos e foi crescendo e tudo, e ai pronto, e ai como diz eu criei asas... Né... Deus me deu asas para mim “avoa”, eu sempre tive disposição mesmo, toda vida eu fui boa para trabalhar né,... E trabalhava nesse Plano, era fazer faxina, quando não era faxina era empregada doméstica... Não sabia cozinhar não, eu fazia as comidas de roça né, ai eu falava com ela “-Ó senhora, eu não sei cozinhar comida fina não, a senhora me ensina”... E roupa bem eu não sei lavar muito bem lavada, mas a senhora me ajuda, assim de me explicar!”“. E elas me ajudavam e quando eu pensava que não já lavava, passava, fazia era tudo. Graças a Deus até hoje eu não parei de trabalhar, estou com 88 anos vou fazer agora em agosto e em nome de Jesus e Deus vai me abençoar que eu to aqui viva, só tenho dor nas pernas mas ainda faço tudo dentro de casa, eu lavo, só não passo por que lá em casa ninguém passa roupa não, só lava e estende ali, dobrou pronto, guardou e é assim, e eu faço comida, faço tudo, Graças a Deus!. Ai também estudar eu nunca estudei...

ENTREVISTADOR – Ai é a minha próxima pergunta calma ai (risos) por que se não eu vou me perder! Dona Elisabeth, qual a sua idade?

DONA ELISABETH – A minha idade...

ENTREVISTADOR – Se a senhora se sentir a vontade para dizer...

DONA ELISABETH – Huhum... 72. Eu fiz agora em maio, 72 anos, dia 08.

ENTREVISTADOR – E a senhora quando era pequena ou na sua juventude a senhora teve acesso a educação de alguma forma?

DONA ELISABETH – Olha, acesso a educação... Eu tive isso aqui (faz gesto relativo a “ter apanhado bastante”) Era em roça, igual ela, era muita “sossa”. Quando meu pai morreu eu tinha 1 ano de idade, a minha mãe morreu quando eu tinha 6 anos. A gente estava viajando de barco, 6 pessoas da família... 12 pessoas e o barco bateu num toco no meio do rio e morreu 6 pessoas da família... Morreu 6 e ficou 6. Eu era pequenininha, estava dormindo, afundei no fundo do rio, enchi essa mão de areia que eu não vi, não vi sabe, e nesse sofrimento gritando de um lado para outro... E gritando, gritando encheu de gente... E foi que consegui tirar as 6 pessoas que tava viva... Olha, nesse meio, a minha mãe morreu, dois irmãos rapaz morreu, um cunhado morreu e dois sobrinhos pequenos que vinham dormindo, morreu...

ENTREVISTADOR – Nossa!

DONA ELISABETH – Morreu, sabe, e eu fiquei pela mão de uma irmã, ela só me tinha debaixo de um teto para modo a chuva e o sol, mas eu era escrava dela!... eu não era irmã, era escrava dela... Ela me batia tanto, tanto aquela mulher de roça, nossa, sabe! Tanto, tanto... teve uma vez que eu tomei uma surra tão grande que eu fiquei toda roxa, com o corpo todo roxo... (muita comoção nesse momento da entrevista. Dona Elisabeth ficou bastante emocionada e chorou muito)

ENTREVISTADOR – Mas graças a Deus a senhora ta bem, ta viva... Essa história... é uma sobrevivente da vida né.

DONA ELISABETH – Verdade...

ENTREVISTADOR – Deixa só eu voltar para dar um tempinho da senhora respirar... E a senhora, já foi para a escola quando era pequena. Já entrou na escola para aprender alguma coisa?

DONA MARIA - Nada... Não aprendi nada, não fiz nada. Não tinha né por que o lugar era longe, morava na roça. Só aqueles fazendeiros que tinham os filhos que levava de cavalo para a cidade para estudar. Eu mesmo não estudei nadinha, nadinha, nadinha. O nome, eu não escrevia meu nome, mas agora eu disse, eu vou... Quando ela me chamou eu disse “eu vou sim aprender meu nome!”. Mas como eu tava dizendo eu sou esperta mesmo da inteligência que Deus me deu, e assim né... Mas também eu não fui criada com pai, nem com mãe, fui criada pelas minhas tias e meu avô, mas eles nunca me bateram. Eles só falavam assim “-Maria!” eu já tava lá no pé deles... Eu não era teimosa, eu não brincava com ninguém, com menino, nada era eu sozinha ali... E elas me ensinavam... Vai fazer isso, e é bem feito, se não

fizer vai voltar para fazer outra vez... Ai eu fazia, bem feito, varria a casa que era de chão, jogava água para a água não levantar muita poeira, tudo isso eu fiz mas assim um carinho que a minha tia me deu, eu nunca respondi a minha mãe, a minha mãe eu só ouvi uma vez que quando meu pai maltratou ela, meteu o pé e foi embora com a menininha da minha mãe que eu não conheço, até hoje eu não conheço, mas ela levou meu irmão mais velho... o outro irmão tava comigo, ai eu fui morar na casa do pai de criação, ai que ele me botou no serviço e foi rapando de mandioca, e era coisa de farinha e isso aquilo tudo. E ai botava um monte de mandioca e nós ia raspar de noite e raspar e botar ali. No outro dia eles que tocavam aquela roda grande né, e amassava aquilo ali e colocava a massa num “tapitim”, não sei se vocês conhecem, é um negocio assim feito de palha e ai colocava ali e as pedras... E colocava as pedras e coava aquela água...

ENTREVISTADOR – Ah, que estica assim né?

DONA MARIA - Isso, dentro de um negocio assim, que eles mesmos faziam na roça, e um tal de “Tapitim”... E daí pegava aquela massa e botava e enchia, enchia, e pegava as pedras e botava assim, e eu sei que coava aquela massa. Quando coava, colocava lá dentro do coxo, e eu peneirava... Peneirava tudo! (risos) E ainda tem um jeito muitos anos... Mas foi assim, toda vida assim, trabalhadeira, graças a Deus até hoje e eu gosto de tudo limpinho, tudo arrumadinho, não gosto de sujeira, não gosto de nada, eu brigo lá em casa, eu sou brava por causa disso. (risos) é desse jeito.

ENTREVISTADOR – Vamos mudar um pouquinho de assunto para... Deixa eu lhe perguntar, a senhora sabe escrever o seu nome?

DONA ELISABETH – Bom, sei assim sabe, só a primeira letra, mas olhando lá, olhando o que tá lá copiado, eu faço cá, sabe... Eu faço.

ENTREVISTADOR – Mas sozinha, ainda não?!

DONA ELISABETH – Ainda não.

ENTREVISTADOR – Mas a senhora vai aprender!

DONA ELISABETH – Em nome de Jesus, eu vou aprender!

ENTREVISTADOR – Com certeza! As educadoras aqui vão lhe ajudar bastante nesse processo, entendeu... Elas são competentes para isso e vão com luta né... Por que sua vida foi

sempre repleta de luta a senhora, com luta e persistência vocês vão conseguir sim escrever o nome de vocês e escrever um texto, fazer as séries de vocês, e conseguir o diploma de vocês de estudo...

DONA ELISABETH – Com fé em Deus, se eu tiver viva até lá eu faço...

ENTREVISTADOR – E a senhora sabe escrever seu nome Dona Maria?

DONA MARIA - To começando agora... Hoje eu fui e escrevi aqui o nome (mostra a mão com o nome “Maria” escrito na palma) a metade né...

ENTREVISTADOR – Fez uma cola na mão (risos) Fez uma colinha na mão!

DONA MARIA - Pois é... Fiz uma colinha na mão.

ENTREVISTADOR – Mas tá certo.

DONA MARIA - Mas é assim, a gente vai aprendendo aos pouquinhos, e é assim.

ENTREVISTADOR – E como é que vocês ficaram do programa, do DF ALFABETIZADO?

DONA ELISABETH – Olha, por causa da minha filha trabalha nisso, a Jô...

EDUCADORA – A Jô e eu começamos em 89, ela quis ir e meu pai também. Agora que ela resolveu, aposentou, ai ficou... Não tem mais obrigação de trabalhar

DONA ELISABETH – Sempre ela me falava assim: “-Ai mãe, vai pra escola, vai pra escola” ai eu dizia “-Minha filha, pra escola!?! Eu chego do serviço morta de cansada, ai eu vou pra escola ainda, chegar tarde da noite em casa e fazer tudo ainda... eu só deixa eu quieta no meu canto!” Agora que tá meus filhos todo criado, todo mundo adulto, casado, que eu disse “- Bom, pode fazer o que? Então eu tenho de ir para a escola”, por que ficar só dentro de casa e resolvi vim e to aqui sabe. Eu tenho fé em Deus, primeiramente em Deus, depois em mim e nas professoras né, nas professoras para me ajudar. Por exemplo, dizer assim “-Me ajuda a fazer isso, por eu não sei, não sei a letrinha assim, assim, me ajuda... ai elas me ajudam com todo carinho, todo carinho!

ENTREVISTADOR – E a senhora, como é que ficou sabendo do programa DF ALFABETIZADO, como é que a senhora chegou aqui hoje?

DONA MARIA - Foi por intermédio dela aqui (apontou para uma das educadoras)

ENTREVISTADOR – Qual o seu nome?

EDUCADORA – Vera

ENTREVISTADOR – Vera né! Ela foi até a senhora... Mas como foi essa abordagem, como ela abordou a senhora, como chegou, como foi esse convite?

DONA MARIA - Não, nós estávamos na igreja, então ela falou assim que ela ia assim, era professora e ia ensinar as pessoas que não sabiam ler. E eu tenho muita vontade de aprender meu nome, né... Então ai ela foi lá em casa, anotou meu nome, tudo, meu endereço, tudinho né, ai nós tá vendo, mas nós não estamos certo ainda por que nós estávamos estudando em outro colégio e era muito escuro né, então ela achou esse aqui e agora que a gente vai começar firme né... Começar firme! Ai nós viemos hoje para conhecer aqui e para quando ela não for buscar nós, nós já saber onde que é, por que tem outra senhora, amiga minha que vem também... Hoje ela não veio por que tava muito cansada.

ENTREVISTADOR – Bom, eu já estou ajudando vocês na acolhida, no colher a história de vida delas que é importante nesse processo... Com certeza! Deixa eu pular para a próxima pergunta se não vai ficar muito extenso. Dona Maria (Fiz uma pequena confusão nos nomes das entrevistadas, me referindo a Dona Elisabeth como “Dona Maria”), o que a senhora acha que vai mudar na sua vida depois que a senhora escrever seu nome, começar a escrever, começar a ler, mas principalmente quando a senhora começar a escrever o seu nome direitinho, sabendo que a senhora está escrevendo nome da senhora, lendo seu nome direitinho?

DONA ELISABETH – Nossa, muda muita coisa, muita coisa! Sabe por que todos os documentos que eu tenho, olha tá o meu “dedão lá” ó!... Todos, todos... E creio que esses documentos meus vai ser tudo mudado, vai ser tudo mudado, sabe...tudo, tudo! Às vezes eu quero ir para a igreja, pra igreja e ler a bíblia e toda vez que eu vou e chego assim perto de uma amiga e digo “-Abri ai pra mim, abre, abre assim” ... Mas eu não sei qual é o texto que tá ali, eu não sei...é isso que eu quero aprender também...sabe... Ler a bíblia ali ó, ler, ler mesmo e ir lá na frente, lá na frente e falar...e falar... Disse “-Olha, aquela que não sabia de nada, hoje eu sei um pouquinho!” (risos) sei um pouquinho... Eu vou pegar ali ó, ó, ler ali tudinho que eu tenho vontade, eu tenho vontade...

ENTREVISTADOR – Entendi. E a senhora Dona Maria, o que a senhora acha que vai mudar na sua vida depois que a senhora começar a escrever seu nome?

DONA MARIA - Outra, quando eu escrever meu nome vai ser outra essa identidade que não tá escrita. Já vou trocar ela, né...e como ela falou também, eu também quero e vai mudar muita coisa.

ENTREVISTADOR – Deixa eu perguntar mais uma coisinha... Dona Elisabeth primeiro, a senhora talvez não tenha tido esse acesso por que como a senhora contou a senhora perdeu sua família muito cedo, mas a senhora sabe um pouquinho da história do nome da senhora, por que deram o nome “Elisabeth” para a senhora?

DONA ELISABETH – Meu nome, por causa da minha mãe chamava Maria Angélica do Amaral então botou meu nome Elisabeth Angélica do Amaral,

ENTREVISTADOR – Entendi, tá certo! E a senhora, sabe por que do nome “Maria” por que escolheram o nome “Maria” para a senhora, seus pais...

DONA MARIA - Sim... Meu nome acostumava ser Maria dos Santos Almeida, “dos santos” por causa do meu pai...ele tinha o nome chamado Tônico Santana dos Santos, então meu marido chamava Josias José de Almeida, então quando a gente se separou, por que eu desquitei...foi ai que pegou só o meu nome de quando eu era solteira... Maria dos Santos por causa do meu pai que é “dos Santos” e eu “Maria” por causa do meu nome, que meu nome é “Maria” né, então ficou Maria dos Santos... É isso, entendeu! E a minha mãe chamava também Isaura Maria da Conceição...

ENTREVISTADOR – Sua mãe era católica?

DONA MARIA - Era católica..

ENTREVISTADOR – E a senhora é católica também?

DONA MARIA - Não, eu sou evangélica! Meu pai também... Mas não existe mais isso, morreu!

ENTREVISTADOR – Minha última pergunta para vocês... É o seguinte gente... A senhora já sofreu algum tipo de preconceito, algum tipo de discriminação por não saber ler, por não saber escrever o seu nome? A senhora pode me contar, se a senhora ficar a vontade, não precisa chorar, fique tranqüila, mas se a senhora quiser me contar algum caso que aconteceu com a senhora, eu vou ficar muito feliz...

DONA ELISABETH – Não, não, não vou chorar não! Já sim... Assim, eu tava na parada de ônibus, de ônibus, pra pegar ônibus, né, deixa eu perguntar para as pessoas e faziam assim como que não estavam nem me ouvindo... Assim “-Meu Deus do céu, e agora?” Daí eu perguntava, me ensinavam errado, eu pegava, não sabia! Não sabia... Daí eu ia lá e perguntava ao motorista e ele falava “-Não! Esse aqui não chega lá nesse canto não, para onde você quer ir não, de jeito nenhum!”... Tinha de descer novamente, tornar a voltar ou a pé ou de ônibus, lá para a parada que eu peguei esse errado, para poder pegar o certo... Sabe, eu ficava, agora eu já sei e não pegava mais não! Ai eu batia na porta e perguntava ao motorista e ai sim: “-Esse vai!”...e era quando eu entrava...era que eu entrava, sabe.

ENTREVISTADOR – E a senhora, Dona Maria. A senhora já sofreu algum tipo de preconceito ou discriminação, teve alguma situação que a senhora por não saber escrever seu nome, por não saber escrever e ler a senhora tenha se sentido mal por alguma situação?

DONA MARIA - Não, assim... Eu tenho... Por que tudo a gente tem que perguntar, né... É tá assim é como a história dela... Ai a gente vai em um lugar, no sabe onde é e tem que perguntar as pessoas onde fica, onde que a gente pega (ônibus), tudo é dificuldade para a gente. Mas nunca não, sempre me tratam bem. “-A senhora, não é aqui não, é em tal lugar, assim assim, não é este o ônibus não!... A senhora pega tal ônibus ou já vem aí atrás” e é assim. Graças a Deus... Só o meu pai... O meu pai, quando era que eu morava com ele, eu não morava com ele... Eu fui para a casa das minhas tias com 1 ano... Ai quando ele, depois quando eu tava assim com a idade de uns 10 anos ele me levou para a casa dele... Morava com outra mulher e eu fui pra casa dele. Um dia nós fomos colocar palha, daí você sabe o que é palha do mato... Eu abria assim as palhas e para botar nas casas né, nas casas de barro e as palhas... Então, mas estava vento e eu era pequena e lá encima tinha que me dar as palhas para mim por... E botava na vara assim para colocar lá encima que eu não alcançava né, precisava de uma vara para fazer isso... Ai pegava outra vez e colocava, ai ele saiu de lá de cima e quando ele chegou de lá ele me pegou assim (pelos braços) e me tocou lá no chão, eu comi terra! Eu não esqueço disso nunca! É pecado né?... Eu não tenho rancor, eu não tenho nada, mas ele fez isso comigo. Mas também eu levantei lá e chorando eu disse: “-O Senhor me bateu hoje, mas nunca mais o senhor me bota a mão encima de mim!” Por que eu não fui criada com ele, né... Ele separou da minha mãe e eu era pequena e tudo né, e ele era ruim para ela... Então desde esse dia, foi quando eu fui embora para a casa da minha tia. Para ir pra lá eu sai fugida, dentro dos matos e fui embora para a casa da minha parente, e minhas tias me criaram...e pronto, nesse tempo nunca mais eu vi ele, ele não procurou mais saber, e nada né,

e ai eu vim-me embora e ele nunca me procurou. Ai um dia ele foi na casa do meu avô, as minhas tias reclamou com ele, que elas eram mais velhas né... Por que ele fez isso comigo né... Ai ele falou alto, mas também faleceu, minha mãe, ele, tudinho! Ai meus parentes faleceu tudo, minhas tias, meu avô, eu só tenho uma prima dos meus parentes tudo e uma irmã de criação! A gente foi criada junto... Mas só esse, do mais não tem parente nenhum! Marido já morreu... Os irmãos dele... Irmã, tudo cunhado! Tudo, só estou eu e o mundo... Por enquanto né, até Deus me chamar também. Mas eu vivo alegre, satisfeita, por que eu sei que eles estão em bom lugar. Eu não fui malcriada com as minhas tias, nem para minha mãe, nem a minha mãe por que eu conheci ela uma vez e eu nunca respondi, por que isso todo dia quando eu vou dormir eu deito “-Oh meu Deus, nunca respondi aos meus pais, a minhas tias, nem aos meus avós” Graças a Deus!... Quando eu vejo esses meninos, essas pessoas novas hoje em dia ai, xingando, falando palavrão, tudo eu acho aquilo horrível, por que eu não passei por isso não, Graças a Deus! Disso eu tenho minha alma limpa...

ENTREVISTADOR – Bom, eu queria agradecer, pedir desculpas por ter tocado nessas feridas né, mas assim às vezes quando a gente está conversando com alguém, o fato de você pegar e colocar para fora essas dores antigas é uma forma de melhorar, de curar, de ajudar. Bom que hoje a senhora está com a sua vida, com a sua saúde, está com a vida totalmente mudada, e eu só tenho que agradecer por este momento de conversa que nós tivemos aqui. Agradecer a senhora também, Dona Maria, por esse momento, e assim eu torço e peço a Deus para que ele ajude vocês a terem coragem, a encontrar o caminho de vocês nos estudos, que vocês saiam daqui sabendo escrever o nome de vocês, lendo, para contarem as histórias de vocês com muito orgulho, por que quando a gente conta a nossa história, a gente tem que contar ela com muito orgulho, apesar de todo sofrimento, a gente tem que contar ela com muito orgulho. Então, eu só queria agradecer a vocês mesmo.

DONA ELISABETH – Obrigado, foi muito bom!

ENTREVISTADOR – E agradecer as professoras por terem aberto esse momento para que eu pudesse chegar nelas e conversar, só tenho que agradecer a vocês também... Peço a Deus também para que vocês continuem a caminhada de vocês! Só quem educa... Quem educa faz isso por amor. Muito obrigado gente.

EDUCADORAS – De nada!

ENTREVISTA 4 e 5 – Realizada em 18/05/2016 às 20h33 com os Senhores Edmar Francisco de Andrade de 51 anos e de Vilmar Ribeiro do Nascimento de 32 anos. Os mesmos estão cursando o 2.º ano do 1.º segmento da EJA na Escola Classe 03 do Paranoá.

ENTREVISTADOR – Boa noite...

ENTREVISTADOS – Boa noite!

ENTREVISTADOR – Começar com o senhor primeiro, eu queria que me dissesse seu nome completo.

SENHOR EDMAR – Edmar Francisco Soares

ENTREVISTADOR – Edmar Francisco Soares. Qual a idade do senhor?

SENHOR EDMAR – 51 anos.

ENTREVISTADOR – Data de nascimento?

SENHOR EDMAR – Eu nasci em 1964.

ENTREVISTADOR – Qual dia e mês?

SENHOR EDMAR – 12 de agosto.

ENTREVISTADOR – 12 de agosto! Leonino, muito bom! Deixa eu perguntar para o senhor... Me conta um pouquinho da sua história, da sua história de vida, até a chegada aqui no Paranoá. Pode ser uma coisa bem de leve...

SENHOR EDMAR – É bem prolongado (risos)

ENTREVISTADOR – Resume ela um pouquinho para mim, conta ela um pouquinho para mim...

SENHOR EDMAR – Eu praticamente sai do Piauí eu tinha uns 14/15 anos eu fui para o Pará e fiquei lá uma temporada. Arrumei família, eu fiquei muitos anos lá. Vim passear no Piauí de novo com a família já grande, já comecei família, fui solteiro e voltei casado. E ai eu resolvi dar um passeio aqui em Brasília conhecer uma tia, tinha mais família aqui, tinha não, tenho, e

daí nesse passeio de 4 dias aqui fiquei 6 meses, eu vi que aqui tinha um rumo de eu dar uma melhoria para a minha família, meus filhos e realmente Graças a Deus eu to dando né, é qual o motivo de hoje eu estar estudando né... Eu só sabia meu nome, copiava só no caderno, hoje eu já escrevo e já leio alguma coisa, posso escrever. Hoje mesmo minha esposa mandou mensagem para mim eu tava no Lago Norte trabalhando na casa de um doutor lá, já faz uns 5 a 6 anos que eu to trabalhando lá Graças a Deus... Ai eu falei “- Aqui tá chovendo muito, tá muito frio!”... Eu tava mexendo com uma grama lá e a grama tá debaixo de água e ela escreveu “-Pois aqui não está chovendo, tá um pouco frio!”. E aquilo eu consegui ler e fiquei tão feliz que se for vergonha pra mim é felicidade, eu chorei de tanta alegria que eu mandei mensagem e ela mandou de texto escrito e eu li. Então é um dos motivos de eu vir pra cá é isso. Muitas pessoas já falou para mim já que “burro velho só presta para puxar carroça, por que eu to velho pra que eu estou estudando”... Mas isso serve de inspiração e motivação para mim pois com os poderes de Jesus eu quero mostrar para essa pessoa um dia que através do meu estudo, que eu vou ganhar o meu pão de cada dia mais eminente, por que eu to ficando velho e não to morto, então eu corro atrás. Eu tenho um filho de 20 anos, ele parou na 7.^a série, já era para estar terminando já; eu tenho outro no 3.^o ano do ensino médio que ta parado procurando emprego e tem outro que está fazendo o 1.^o ano aqui e eu to dia eu to incentivando eles, por que antes se você escrevesse para mim me xingando, com licença da palavra, qualquer nome né, eu lhe agradecia, eu ficava era sorrindo para a sua cara. Se você hoje escrever me xingando na mesma hora eu pego aqui, já olho pra você e digo “-Rapaz, ta me xingando por quê? Como você tá me xingando?”... Então isso é uma gratificação. Brigado acho que eu já falei demais (risos)...

ENTREVISTADOR – Não, o senhor não falou demais não, tá certo. E o nome do senhor completo?

SENHOR VILMAR – É Vilmar Ribeiro do Nascimento.

ENTREVISTADOR – Qual sua idade?

SENHOR VILMAR – 32 anos. Agora no mês de junho, dia 15 de junho completo 33.

ENTREVISTADOR – Me conta um pouquinho da sua história, sobre quando o senhor veio para cá, pro Paranoá?

SENHOR VILMAR – É... Quando eu sai lá da Bahia, vim de lá trabalhar aqui e passar uns 6 meses trabalhando. Ai desses 6 meses, foi a primeira vez que eu vim, nesses 6 meses eu to

aqui já tem 8 anos já que eu to aqui. Mas não pretendo voltar para morar lá não. Só a passeio mesmo. Mas, tá muito bom aqui, foi a melhor cidade que eu gostei, já tive ali em Planaltina, mas foi a melhor cidade que eu gostei. Meus irmãos tudo mora aqui também, só mora na Bahia só minha mãe e uma irmã mais nova.

ENTREVISTADOR – Entendi... Deixa eu ver com o Seu Edmar... Seu Edmar, o senhor quando pequeno teve acesso a educação, a escola normal?

SENHOR EDMAR – Eu lembro que minha mãe me botou no colégio, era a carta do ABC né, com uma letra “mais grande”, outra “mais maior” e outra menor um pouquinho para chegar, vamos supor assim três folhas, pegar um caderno assim e virar em três folhas. Como a gente não conseguiu aprender eu acho no período de um mês, menos de dois meses, ela falou “- Bom, já não aprendeu a ler nem escrever, vem então que vai ter que trabalhar por que eu nunca aprendi a ler, eu sei muito é trabalho então vocês vão ter que trabalhar!” né, “-Blz mãe!”. Naquele tempo, você obedecia mãe e pai, e eu fui criado só por mãe, só que graças a Deus e agora eu digo uma coisa ela me ensinou muito, a trabalhar, respeitar as pessoas... Isso aí eu devo a ela, eu agradeço a Deus que hoje é o que eu tento passar para os meus filhos. E até por que ela não podia dar o estudo para nós por que era sozinha para criar 7 filhos... Uma mulher só, não deu a nenhum de nós, então realmente ela foi uma guerreira né, não posso cobrar nada dela. Então é isso, mais um motivo para abraçar minha causa de o meu estudo né, é isso... O estudo é tudo na vida. Antes para eu pegar um ônibus do Itapoã para ir pro Lago Norte para ir trabalhar eu tinha que acordar uma das minhas filhas, meu filho... Quantas vezes eu chamava, ficava mexendo com ele, chovendo e tinha que pegar o ônibus e pegar... Às vezes eu pegava para ir ao Lago Norte ai eu pegava e ia pro Lago Sul e tinha que descer na segunda parada, por que para mim tudo era de uma coisa só, né... Hoje Graças a Deus eu pego o ônibus de lá, eu vou para o Lago Norte sozinho, eu vou para o Plano, qualquer lugar do DF que o senhor me deixar eu sei vir-me embora de ônibus... Ta lá o nome do ônibus... Às vezes to lá na rodoviária do plano, lá chegam muitos ônibus lá, mas eu só pego o ônibus certo, Paranoá – Itapoã e chego para Planaltina, para qualquer lugar, São Sebastião, de lá eu já sei ir pra São Sebastião, eu pego o ônibus vou e volto, você entendeu... Então graças a Deus é isso. Eu acho que uma coisa que o governo tinha que priorizar assim, valorizar mais os professores essas pessoas que dá assim um seguimento em uma coisa, por que o estudo não tem dinheiro que pague, você morre você leva com ele e o dinheiro fica os outros briga os bens e o estudo não, é uma coisa que segue junto à pessoa. Você chega em uma porta ai para entrar em um hospital você chega lá tá o nome... Esse dia lá eu cheguei tava lá o banco lá tava lá, eu olhei

assim “arquivos confidenciais” eu fiquei assim olhando (risos) será que é isso mesmo? Eu cheguei assim lá e chamei atenção da atendente e ela disse “-Realmente é isso. Mas por que o senhor tá falando isso?”... Eu falei para ela e ela ficou feliz batendo as mãos assim e disse “-Vá em frente, não abandone seu estudo!” e eu falei “-De maneira nenhuma, só quando eu tiver em um nível bem elevado com os poderes de Jesus”. Era tanto que eu achei que ia parar quando tivesse na terceira, quarta, quinta serie assim, mas eu to achando que não, eu acho que eu vou mais pra frente! Hoje mesmo eu cheguei tão enfadado que eu deitei, pus a bolsa e deitei na cama para não vir, cansado, ai foi que eu digo “-Não, eu vou ter que ir, se eu não for eu não vou colher mais um fruto!”, peguei, botei a bolsa nas costas e to aqui. E é isso...

ENTREVISTADOR – E Seu Vilmar, o senhor quando criança, mais jovem, o senhor teve acesso à educação formal, escola em si? O senhor chegou a ir para a escola?

SENHOR VILMAR – É, minha mãe me matriculou em um colégio, meus irmãos tudo estudou mas eu quando era criança o meu negocio mais era brincar ai eu fazia, enganava ela e fazia que ia pro colégio, e ficava no meio da estrada lá brincando, esperava os outros voltar para ela achar que eu tava estudando também mais... (risos).

ENTREVISTADOR – Danado! Ai corria do colégio?

SENHOR VILMAR – Muita coisa... Ai corria do colégio, e nunca fui lá. Ai eu vim me arrepender tarde depois, por que lá no interior quase as pessoas dependem do estudo, mas de umas coisas dependem de um momento aqui né, ai quando eu vim para cá eu só sabia mesmo escrever meu nome e não era nem muito bem feito. Hoje já sei as letras tudo, o meu nome, sei escrever meu nome, já tirei meus documentos tudo com a minha assinatura, ai graças a Deus eu só tenho que agradecer vocês e a todos os professor que quando eu cheguei aqui e voltei a estudar. Antigamente eu era cego por que a pessoa quando não sabe ler é a mesma coisa de ser cego, não tá vendo nada, hoje em dia, antigamente até como ele falou ai, eu não sabia pegar ônibus né, ai eu tinha meu irmão e ele ia me ajudar a pegar ônibus para a rodoviária, me botava na parada, quando passava o ônibus ele dizia “- É esse ai! Pega esse ai”. Hoje em dia graças a Deus eu vou no calendário, eu tomo *Benzetacil* de 21 em 21 dias, vou no calendário e já sei o mês todo, as datas tudo do ano, o mês que eu vou tomar o dia que cai de eu tomar a *Benzetacil*. Graças a Deus dou conta de ler tudo, já. Então eu só tenho que agradecer a todos os professor, muito bem siga em frente que sem Deus. Mas logo vou ter que fazer um curso melhor, um trabalho melhor né...

ENTREVISTADOR – O senhor participou do programa DF ALFABETIZADO? (Nesse momento o Sr. Edmar mostra a camiseta que está usando que é do programa). Como é que foi a experiência para o senhor?

SENHOR EDMAR – Foi bom, pra mim foi bom. É, conheci umas professoras lá, inclusive umas das nossas professoras a Eliene que eu tenho na minha mente aqui quando eu tiver bem mesmo, lendo bem e escrevendo, eu quero fazer tipo assim um legado, eu quero, tem alguns nomes assim que tá querendo fugir da memória, eu quero escrever lá em casa e deixar guardado, eu quero escrever cada nome de cada professor, cada professora que me ensinou que para mim é uma marca, é uma coisa que jamais eu vou esquecer. Eu acredito que Deus não vai tirar eu assim tão cedo e acredito que Deus vai me dar muitos anos de vida e eu quero fazer uma escrita disso, eu quero fazer um livro, eu não sei vou assim, sair assim na mídia assim e tal, mas alguns amigos que estudou comigo, alguns professores eu sei que vai saber, vou procurar alguns e vou mostrar, por que para mim no meu pensamento, acho que isso é uma incentivoção por que têm muitos jovens hoje que esta jogado ai no meio da rua, bebendo, envolvidos com drogas por que as pessoas não incentivam ele, cabeça fraca né, o cara chega e aluga a cabeça dele e ele já é fraco mesmo de mente e cai. Eu quando sai de casa eu sai muito novo, quantas das vezes desses meus dedos que Deus me deu eu fazia cigarro de maconha e nós foi, e eu fumava, mas você tava pensando que eu botava um cigarro de maconha na boca? DE JEITO NENHUM! Eu botava o cigarro, eu tirava um dinheiro aqui e “-Vai tomar a pinga de vocês, a droga de vocês eu não quero não!” Por quê? Nós íamos jogar bola e cabeceava na cabeça dos outros que o nariz ficava de banda e no outro dia eles ficavam me perguntando quem era que eles queriam matar... “-Matar não! Você é doido? O cara jogava a bola e tu tava cabeceando era a cabeça do cara!”, “-Foi mesmo peão?”, “-Foi!”... Então porque que eu ia botar minha boca? Negativo! Não queria nem saber... Por isso que hoje eu to vivo, aqui na sua frente aqui, com 51 janeirinhos graças a Deus. Se for para chegar ai e parar uma carreta “-Bora carregar essa carreta de cimento ai?”, “-Bora!” Nós carrega e descarrega... Esse camaradinho que você tá vendo aqui na sua frente... Têm muitos camaradas ai com 19, 20 anos que não me troco por eles, se entendeu. Então é isso, para mim, no meu pensamento assim eu quero fazer assim uma coisa para ficar marcado, não por orgulho ou dizer que vou fazer para ganhar dinheiro, não! É por que eu acho que vai ficar assim, que nem a gente vê assim muitos livros por ai escrito “fulaninho de tal” assim assim, tal setor de Pernambuco, ou Bahia, ou qualquer estado né, não tem os livros? Que lutou, que estudou e tal, então isso é um

pensamento que eu tenho não sei se vai realizar, Deus é quem sabe! É um pensamento, uma marca né! Você entendeu?

ENTREVISTADOR – É verdade, entendi... E o senhor, participou do DF ALFABETIZADO, como é que foi?

SENHOR VILMAR – Eu participei também, tanto é que lá em casa tem bem umas três camisas ou é quatro dessa aí... Tá tudo lá. Foi muito bom, por que graças a Deus quando eu comecei a estudar a gente ia, tinha para todo lado a gente tinha passeio, agora que não tem mais, mas era muito bom quando tinha os passeios... Agora mudou os passeios, não tem mais, mas a gente ia lá no Mané Garrincha (estádio) e assisti show da menina, como é que chama?... Ivete Sangalo, a menina do *The Voice Brasil*...

ENTREVISTADOR – A Ellen Oléria né?

SENHOR VILMAR – Isso! Foi muito bom lá!

ENTREVISTADOR – Deixa eu perguntar uma coisa para vocês assim... Como, quando foi a vinda de vocês para cá para a Escola Classe 03. Como foi? Foi por livre e espontânea vontade? Como é que foi?

SENHOR EDMAR – Para ele ou para mim?

ENTREVISTADOR – Pra você!

SENHOR EDMAR – Na realidade a minha vinda aqui para a Escola Classe 03 foi tipo teimosia né, por que eu já falei e repito quantas vezes for necessário, ninguém vai tirar a minha vontade de estudar, só quando eu quiser parar mesmo, por que foi de má vontade, eu vim e fui pra lá e quando eu sai de lá eu falei “-Olha, não precisa se matricular, já vai automaticamente daqui para o outro colégio!” aí eu falei tudo bem. Eu tava trabalhando, peguei o numero do telefone e liguei aí “-Vai sói abrir tal dia”, aí eu passei lá e aí a moça falou “-Aqui, você vai lá para a EC 03”... Aí, não sei por que tava lá, sexo feminino, e daí eu olhei aquilo e pensei não pode ser, que conversa é essa né, eu achei estranho, não... Não pode. Aí tá, tava matriculado. Quando eu vim estudar “-Não, tá matriculado não!”... Conversa essa, voltei lá de novo. Nem tanto eu, como o Valmir, como outros, por que até no sistema mesmo teve uns probleminhas... Aí eu falei, se for para mim não estudar vão ter trabalho por que eu vou estudar, de qualquer maneira eu vou estudar! Aí fui, se bati, fui até que legalizei os papeis e fui parar aqui, graças a Deus, são uns ótimos professores, gosto demais daqui do pessoal,

todo mundo, onde eu ando eu faço amizade, são pessoas muito legais e eu quero continuar meus estudos com os poder de Jesus por muito e muito tempo e a gente vai se ver por ai...

ENTREVISTADOR – Amém!

SENHOR EDMAR – E no caso que ele falou ai, eu não sei por que no outro governo que o povo costuma falar muito mal do Agnelo Queiroz tive a oportunidade de conversar com ele frente a frente lá naquele negócio que é redondo perto do plano... Em frente à rodoviária assim...

ENTREVISTADOR – O museu?

SENHOR EDMAR – Isso, o museu...eu tive uma reunião com o Agnelo Queiroz, é aqui mesmo em uma escola aqui embaixo, tive muita reunião com um deputado do Paraná, então a gente teve a oportunidade de falar com várias pessoas, políticos, pessoas como se diz, celebridade né, eu não sei por que eles viam a gente com bons olhos e o governo agora parece que não vem conversar com a gente, não sei qual o motivo né, a gente foi em alguns passeios com eles, não dizendo que a gente quer isso né, mas eu pelo o menos fiquei feliz, conversei com ele, governador né, deputado né, isso aqui foi presente (se referindo à camiseta do DF ALFABETIZADO) eu visto uma semana passo duas três sem vestir ai eu deixo ela guardadinha lá, entendeu... Quando eu olho aqui eu lembro alguém que me deu para mim uma coisa assim, eu tenho uma caneta que a professora me deu, tenho um lápis que a professora me deu, tudo guardadinho uma lembrança, quando eu olho eu lembro aquela professora, então eu acho que isso ai é uma “incentivação”. Quando você segue uma coisa que ao menos deixa uma marca, você sempre vai lembrar aquilo ali, entendeu. Ó, a nossa conversa, você gostou... Hoje você chamou a gente para essa entrevista né, isso é mais uma marca né, aonde a gente vai se encontrar, e é isso, isso, isso, isso... Aquele camarada tem um livro lá e falou “-Olha aqui o livro dele né”... Então isso é uma coisa que é muito bom, muito gostoso, que vai ficando né, e é isso!

ENTREVISTADOR – É... Eu vou encurtar um pouquinho aqui para não atrasar muito vocês, mas assim, Sr. Vilmar primeiro, o que o senhor sentiu quando o senhor escreveu seu nome pela primeira vez?

SENHOR VILMAR – Ah, foi muito bom né! Por que, eu, é como eu disse, quando eu vim da Bahia, eu não aprendi no colégio, ai o pessoal de casa mesmo ficou me ensinando em casa eu escrever meu nome.

ENTREVISTADOR – Foi em casa que o senhor aprendeu a escrever seu nome?

SENHOR VILMAR – Ai eu fui escrevendo meu nome em casa, só pegando e escrevendo...

ENTREVISTADOR – Tipo desenhando?

SENHOR VILMAR – Isso, tipo desenhando... Ai demorou um pouco eu já tava escrevendo, caprichei primeiro, só o primeiro nome mas depois fui no sobrenome, ai já dei conta mas não ficou o nome bem feito mesmo, sempre faltava uma letrinha. Mas ai depois eu treinei bastante e ai já consegui fazer o nome todo, todo certo... Então quando eu vim para cá não tinha tirado, só tinha tirado meu CPF lá na Bahia, ai ali em Planaltina eu fui lá na delegacia, por que eu precisava fichar né, ai tirei minha identidade e já assinado o nome certo, normal... Não errei uma letra! E tem aquele tal de coisa que dá mais trabalho do que assinar na digital né, você tem que (risos) que era para escrever na digital...

ENTREVISTADOR – Ah, que tem que escrever em cima de um...

SENHOR VILMAR – Isso, em cima de uma “linhinha” certinho, ai eu botei duas vezes e não tava certo, ai ela “-Essa digital ai se você não errar, não botar o nome em cima da linha certa, ou ficar... se você botar o dedo, tem que fazer certinho”... Se botar o dedo sai do lado e ai fica ruim, então vai ser o jeito assinar...

ENTREVISTADOR – Assinatura digital né...

SENHOR VILMAR – Vai ser o jeito botar o dedão! (risos) Ai não!

ENTREVISTADOR – Ai meu Deus...

SENHOR VILMAR – Ai eu treinei 3 vezes, nas 3 vezes ela “-Pronto! Agora deu certo!... Não vai precisar botar o dedo”... Porque eu já tava com medo por que eu não tinha criado a identidade ainda por que eu tinha que tirar já com a minha assinatura do que botar de dedo. Ai graças a Deus depois eu comecei estudar aqui, ai me matriculei aqui mesmo no Paranoá ali na 26 (Quadra 26) e daí ficamos lá 3 anos de aula, 3 anos... Ai de lá foi que eles transferiram para aqui para a 17 (Quadra 17, onde se localiza a EC 03)... Por que lá não tinha mais vagas, acabou lá, lá só era à noite né, no DF ALFABETIZADO, que é o EJA, ai botou para cá, para a 17...Ai estamos aqui até hoje graças a Deus... De hoje eu ouvi uma palavra assim na rua, eu ando na rua e tudo, onde eu entro já sei o nome dela tudinho ai, já sei qual é a loja que eu vou entrar, pego o ônibus por ai, já sei o nome, os números, nome do ônibus e a cidade que vai e

graças a Deus aqui dentro de Brasília já sei andar tudo... Vejo uma placa grande assim, posso passar correndo mais eu sei ler pelo o menos a metade (risos), mas eu dou conta de ler graças a Deus... Isso que eu era não sabia de nada, hoje graças a Deus tá muito bom.

ENTREVISTADOR – E o senhor, o que sentiu quando escreveu seu nome pela primeira vez? O que isso mudou na sua vida?

SENHOR EDMAR – Antes que eu vir para cá, inclusive quando eu vim para o colégio mesmo eu já escrevia meu nome já. Quando eu fui tirar minha identidade, tirei ela em Medicilândia, estado do Pará

ENTREVISTADOR – Como?

SENHOR EDMAR – Eu tirei minha identidade em uma cidade do Pará, Medicilândia... Eu pesquisei aqui, a internet faltou mas uma hora eu vou pesquisar o nome direitinho lá. O que acontece o Lula falou o seguinte “-Todos os brasileiros têm direito de tirar sua identidade e votar, saiba fazer o nome ou não”... Eu não sabia fazer meu nome e fiquei todo feliz, nossa!. Tirar meu título (título de eleitor), tirar meu documento, tudo bem morava no meio do mato, fui lá tirar meu documento. Quando eu cheguei lá na prefeitura tinha um cidadão lá, de terno e gravata, daqueles “moreninhos” do cabelo agarrado na cabeça, acho que ele me viu amarelo e pensou assim “-Foi o cara que me xingou né!?” (risos), por que eu sou dessa cor... Eu só sentei na cadeira... “-Bom dia!?”, “-Bom dia!”, “-Tudo bem?!”, “-Tudo bem!”, até ai foi beleza né, fui tirar minha identidade, que ele botou os papeis lá né e eu falei que não sabia assinar meu nome... Pra que?!... Foi o mesmo que ter dado um murro na cara dele... Só não me chamou pelo nome mesmo de EDMAR, sabe, mas de ignorante, burro, cavalo, tudo quanto foi de nome ele me xingou... E ele falou, falou, falou eu calado, só olhando para ele, quando ele calmou um pouquinho eu falei “-Senhor, o senhor já terminou tudo o que tinha que falar comigo?” ele falou “-Já!”, “-Então o senhor tenha uma boa... licença, me dá licença para eu falar umas palavrinhas pro senhor também? Por que eu ouvi o senhor e eu queria tivesse uma boa educação de me ouvir também”, ele falou “-Sim!”, eu falei “-O senhor é um doutor formado, não é por que o senhor ta de terno e gravata que deve ser um doutor formado...não é?” ele falou “-Eu sou, muito bem!”, “- Então por que o senhor esta fazendo essa ignorância tudinho em cima de mim? O senhor sabe se eu fui pro colégio? Sabe se eu tinha pai, mãe? Sabe se eles me colocaram no colégio? Qual o motivo que eu não estudei pro senhor me chamar esses nomes tudinho ai? E de me chamar de ignorante, de tudo?”, eu falei “-Olhe, eu sou um ser humano igual o senhor, e eu to aqui atrás dos meus direitos, não to

querendo os direitos do senhor não! To atrás dos meus direitos! E justamente quem autorizou a vir aqui foi a palavra do presidente do Brasil, o Lula! Que disse que todo mundo que não soubesse fazer o nome podia tirar identidade e votar! Realmente ser um brasileiro de verdade por que eu não to sendo ainda, eu só tenho o meu registro”. Ai nisso graças a Deus vinha entrando o chefe, ai quando ele escutou isso ele bateu palma “-Muito bem, quer dizer que eu deixo você pra tirar o documento das pessoas aqui e você faz é ficar pagando sapo para as pessoas que não sabe fazer o nome? NÃO É ASSIM NÃO! E nisso você pode levantar da cadeira ai, eu nem sei se você vai perder o emprego!” e daí eu disse “-Senhor também não precisa fazer isso!”, “-Não, sente aqui” e ele foi levantando e eu disse “-Oh moço, quando você for falar com outra pessoa, você fala de outra maneira que ninguém tem culpa do senhor ser o que o senhor é não, digo mais eu vou lhe falar uma coisa, com os poderes de Deus hoje eu to tirando minha identidade sem saber fazer meu nome mais o resto dos meus documentos com os poderes de Jesus [...]” Eu fiz assim para ele (batendo no braço mostrando força) “- [...] eu vou tirar com os braços, com o punho dos braços que Deus me deu!”. E quando eu sai dali eu comprei um caderno, passei na rua comprei um caderno, comprei uma lapiseira, comprei uma borracha e todo dia eu pedia para os meus companheiros que sabia escrever para fazer meu nome e os documentos tudinho o resto eu tirei tirado com o meu nome, eu tirei reservista, tirei carteira de trabalho, titulo de eleitor, tudo já assinado o nome. Quando eu vim aqui para o colégio eu já sabia assinar o nome, tiro assim copiado... Hoje eu já escrevo já lendo as letras, graças a Deus. Então, para mim é mais uma motivação de seguir o rumo de aprender ler e escrever e de incentivar as pessoas, eu tenho meu filho mesmo ele tá na 7.^a série, todo dia eu to falando com ele “-Rapaz, vai estudar, vai estudar!” A última coisa que eu esgarcei com ele foi dele ir para o quartel para tirar os documentos dele, seguir carreira, seguir na vida! Por que não é que eu trabalho no pesado que eu quero que meus filhos trabalhem no pesado... De maneira nenhuma, motivo que eu vim para a cidade, que eu tinha maior medo no mundo de vir para a cidade e meus filhos virarem vagabundos, bandidos e as meninas virar puta, graças a Deus até agora todo mundo tranquilo, mais ou menos né... Não são santos mais também não são umas coisas terríveis né (risos), então é isso irmão, eu vivi pelejando, lutando, eu tento caçar coisas boas para mim e levar uma coisa boa para os filhos de qualquer pessoa né, por que o meu filho, o amor que eu tenho por um meu filho é o mesmo amor que você tem pelo seu filho, eu não posso querer uma coisa ruim para o meu filho, coisa boa pro meu filho e uma coisa ruim pro seu, só por que é seu filho... Não!... Ele é um ser humano, todo mundo tem o direito de ser feliz. Tem uma coisa boa da vida e acredito que uma das coisas boas é você ter o estudo, o estudo muda a vida da pessoa, o estudo você pode pegar um

bom emprego, não é dizer que com estudo você vai enriquecer não, vai pegar um emprego mais maneiro, pode ganhar um dinheiro melhor, para ganhar um salariozinho melhor, por que você tem um estudo, quem não tem fica para trás. Você se formou, você tem uma faculdade, 2 ou 3 e eu não tenho nenhuma, eu não vou poder ter o emprego que você tem, não posso ter inveja de você de maneira alguma, isso é coisa de Deus, Deus não tá nem ai e a gente sempre tem que ter Deus no coração em primeiro lugar né, mas correr atrás de uma melhoria... Não é defeito e nem pecado, corra atrás de uma melhoria, corra atrás! É isso, brigado, já falei demais...

ENTREVISTADOR – (risos) Calma ai, só uma última pergunta, o senhor sabe por que o senhor se chama Edmar? O significado do seu nome? Se foi homenageando alguém?

SENHOR EDMAR – Eu acho que o meu nome Edmar no meu modo de entender assim, o nome para mim é uma marca né, se você não tem nome você não existe. Você tem que ter o nome para você existir, para você tirar seus documentos né, fulano né, meu filho, meu irmão, meu primo, eu acho que seja por ai, não sei se estou certo...

ENTREVISTADOR – E o senhor? O senhor sabe por que se chama Vilmar?

SENHOR VILMAR – Meu nome eu acho que (risos) foi meu pai que botou esse nome mesmo, ele procurou por outro que já tinha esse nome para por ele, que esses nomes normal mesmo... (risos) eu não sei de onde eles tiraram esse nome, botaram em mim, só sei que surgiu e colocou em mim...

ENTREVISTADOR – Sr. Vilmar, deixa eu fazer a última pergunta por que o Sr Edmar já falou isso... Mas o senhor teve algum episódio, algum caso de discriminação, de preconceito pelo fato do senhor não saber escrever, do senhor não saber ler, não saber escrever o seu nome? Algum caso que o senhor queira compartilhar comigo que ai eu já libero vocês que é a minha última pergunta.

SENHOR VILMAR – Não, graças a Deus não. Enquanto a isso ai não chegou ninguém para...

ENTREVISTADOR – Teve nenhum tipo de preconceito...

SENHOR VILMAR – Não tive nenhum tipo de preconceito, nada não! Mas isso ai é muito fácil, tem muitos que falam é isso mesmo, que a pessoa é doutor e tudo acontece que ele acha que quando ele nasceu ele já nasceu sabido, ele não foi ser bem educado no colégio e tudo,

nós estamos no colégio, ele acha que nasceu com o estudo dele, de não ter sido igual muita gente para tudo, tudo a gente tem que aprender com o tempo, precisa de estudar né.

ENTREVISTADOR – Com certeza... Gente, o senhor quer falar mais alguma coisa?

SENHOR EDMAR – Pode? Esse meu celular que eu comprei, eu tinha um celularzinho que não era desse jeito aqui, entendeu... Esse celular aqui, eu comprei esse celular ai eu pedi pro meu filho, me ensinar, por que chegou umas mensagens aqui, ele falou para mim bem assim “-Isso eu falei pro senhor não comprar um celular “sostificado” avançado que tem internet que tem essas coisas ai, por que você não sabe, se tem só que ligar e falar “... Ele tava no meio de umas 30 pessoas, também ele tava no quartel, nos tava trabalhando lá no quartel eu e ele... Eu fiquei numa vergonha do tempo de baixar a cabeça, eu pensei “-Não, isso não é o Edmar para baixar cabeça não!” ainda mais pro meu filho... Eu falei “-Meu filho, hoje eu to te pedindo para você me ensinar a mexer no celular que você ta dizendo “sostificado” por que ele é “sostificado” por que eu melhorei e comprei um celular melhor, mas daqui a 6 meses com os poderes de Jesus eu não vou precisar de você mais, eu não vou pedir para você me ensinar, eu, as letras por que eu vou saber ler, por que eu to no colégio”. Quando eu falei assim os 30 funcionários que estavam me rodeando assim e o próprio gerente falou para ele “- Você devia respeitar o seu pai e ter vergonha, que você já ta do tamanho de um homem que você é, agradeça a ele que é o seu pai que tá lhe dando comida, que deu papa na sua boca e hoje você tá desse tamanho ai, agradeça ao seu pai e não responda desse jeito, tem vergonha não rapaz? Você se corrige!, depois eu lhe ensino!”, por ele me chama de tio e eu peguei um afeto por aquele menino (referindo-se ao gerente) , acho que até no colégio tem gente que te chama de tio né... Todos se prontificou-se a me ensinar você entendeu. Hoje, eu pego aqui é, abri aqui a senha do celular, e passo aqui é (nesse momento ele pegou o celular moderno dele e estava fazendo uma demonstração de uso), ai eu tenho nome por nome aqui... “Francenilda”... Vai, vai, “Denilza”, ... Eu não vou ligar para você sendo que eu não tenho o seu nome, então isso é uma vitória, graças a Deus por isso que você tem que correr atrás, tem que buscar, se ficar de braços cruzados sentado, “-Ah, eu to cansado”... Eu já vim pro colégio, sai de casa com chuva e me molhando, entendeu... Hoje eu to contanto vitória graças a Deus , não por orgulho não, por que eu já falei que eu não quero com os poderes de Deus ter um estudo para mim humilhar ninguém e nem me exhibir... Eu tenho a maior felicidade do mundo de saber ler e aparecer isso aqui e eu tenho o maior prazer do mundo de ensinar a pessoa. Isso ai é o que eu sempre quero que Deus me conceda desse jeito, se eu puder ajudar, ajudar! Agora atrapalhar, não! Eu não sou essa pessoa e não quero ser essa pessoa!

ENTREVISTADOR – Gente muito obrigado pelo tempo de vocês.

SENHOR EDMAR – Você desculpa ai se a gente falou alguma coisa de errado (risos)

ENTREVISTADOR – Que isso, eu que agradeço!